

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ - UNIVÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E
SOCIEDADE**

JEFFERSOM CARLOS DA SILVA

**MONSENHOR SEBASTIÃO CARVALHO VIEIRA E A EDUCAÇÃO EM
JACUTINGA MG: UM ESTUDO SOBRE A INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO
FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL NA FORMAÇÃO DOS INDIVÍDUOS**

**POUSO ALEGRE – MG
2024**

JEFFERSOM CARLOS DA SILVA

**MONSENHOR SEBASTIÃO CARVALHO VIEIRA E A EDUCAÇÃO EM
JACUTINGA MG: UM ESTUDO SOBRE A INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO
FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL NA FORMAÇÃO DOS INDIVÍDUOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí para a obtenção do título de Mestre em Educação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Ensino, linguagem e formação humana.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rios Faria de Oliveira

**POUSO ALEGRE – MG
2024**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Silva, Jeffersom Carlos da.

Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga
MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e
informal na formação dos indivíduos/ Jeffersom Carlos da Silva - Pouso
Alegre: Univás, 2024.

160f.:tab.:quad.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Educação, Conhecimento e Sociedade – Universidade do Vale do
Sapucaí, 2024.

Orientador: Dr. Rodrigo Rios Faria de Oliveira.

1. Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira. 2. Educação Formal. 3.
Educação Não-Formal. 4. Educação Informal. I. Título.

CDD – 370.1

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa
CRB 6-3538

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

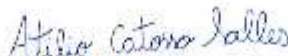
Certificamos que a dissertação intitulada "Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos" foi defendida, em 27 de junho de 2024, por **JEFFERSOM CARLOS DA SILVA**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 98024187, e aprovado pela Banca Examinadora composta por:



Prof. Dr. Rodrigo Rios Faria de Oliveira
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientador



Prof. Dr. Thiago de Souza Bittencourt Rodrigues
Centro Regional Universitário Espírito Santo do Pinhal - UNIPINHAL
Examinador



Prof. Dr. Atilio Catosso Salles
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinador

DEDICATÓRIA

Para Néia, Sofia, Sarah, Paulo Cezar e para a Igreja de Cristo.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, acima de todas as coisas e acima de tudo, o qual me permitiu chegar até aqui.

A minha esposa Claudinéia, que sempre me motivou a conquistar meus sonhos e objetivos.

Aos meus filhos Paulo Cezar, Sofia e Sarah, incentivos diários para alcançar sempre o meu melhor.

Ao meu tio Alexandre que gentilmente cedeu sua casa para meu descanso nos dias de aulas presenciais em Pouso Alegre.

A toda minha família, pela compreensão, paciência e incentivo nas horas que estive longe devido aos estudos.

Aos professores, funcionários e colegas de curso do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí, por tantos conhecimentos partilhados e amizades construídas. Em especial ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Rodrigo Rios Faria de Oliveira, pelo cuidado, orientações e motivações, um irmão que me ajudou a desbastar a pedra bruta da ignorância e partir em busca do conhecimento.

Aos meus irmãos em Cristo e colegas de curso que esta vida me presenteou, Antônio Eldi de Sá de Janaúba MG e Marizélia Gontijo de Divinópolis MG.

A Secretaria de Educação de Minas Gerais, através do projeto Trilhas-Educadores 2022 que me permitiu conquistar a bolsa de estudos e me afastar para dedicar parte do meu tempo ao tão sonhado mestrado.

A Secretaria Regional de Ensino de Pouso Alegre, na pessoa da superintendente e colega de curso Clícia Maria Beraldo Nadalini Hart pelo apoio aos estudos.

A Secretaria Municipal de Educação de Jacutinga, na pessoa do secretário, professor Reginaldo Sydine Luiz, que me abriu as portas das escolas municipais Wilma Pieroni e Alfeu Duarte em 2009 para ser professor, confiando e me motivando.

A professora Silvana Lucatelli Tenório Valeriano (In memória) que sempre acreditou no meu trabalho como professor de História, quando me recebeu em 2009 na E.M Wilma Pieroni. Queria muito que estivesse presente nesse momento. Saudades.

As diretoras escolares Adiclea, Ida e Miriam que entenderam e compreenderam a importância desse mestrado para minha vida profissional e pessoal.

Aos amigos professores estaduais e municipais de Jacutinga que transformam essa educação diariamente, a ponto de ser uma das melhores de Minas Gerais.

A presidência da Associação Jacutinguense de Proteção à Criança e a direção da Casa da Criança de Jacutinga, na pessoa da professora Elaine Camilo que cedeu o espaço do arquivo, acervo de fotos para consultas e estudos.

A Gazeta de Jacutinga, através de seu editor Rodrigo Alves de Carvalho, que abriu o belíssimo e organizado acervo para consultas e registro documental.

A Paróquia de Santo Antônio em Jacutinga pelo acesso ao Memorial Monsenhor Vieira.

Ao Padre Daniel Santini Rodrigues que desde quando esse trabalho era apenas um projeto, acreditou na grande obra que o Mons. Vieira deixou para a educação jacutinguense.

A minha professora de História, do ensino médio e amiga, Tânia Maria Raffaelli Santini, que sempre será meu exemplo de profissional na área.

A professora Marluce Alberti, pelas informações prestadas sobre o Mons. Vieira.

A todos os entrevistados que compartilharam suas vidas neste trabalho de forma a manter viva a memória do Mons. Vieira na Educação de Jacutinga.

Aos meus alunos que são o foco de toda essa busca pelo saber.

A família do Mons. Vieira e a Arquidiocese de Pouso Alegre por nos ter presenteado este tão nobre sacerdote e educador.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

SILVA, J.C. **Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos.** 2024. Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Sociedade) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2024.

Este trabalho tem como objetivo geral, analisar e identificar as contribuições do Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira para a Educação de Jacutinga MG, reunindo suas ações como educador dentro dos espaços formal, não-formal e informal da educação. Para tanto, utilizou-se como metodologia, a Análise de Conteúdo de Bardin, e assim organizou-se sistematicamente a pesquisa qualitativa, tanto através de fontes documentais, bibliográficas e orais para se atingir proposto, dentro de cada contexto escolar ou não. A estrutura do trabalho reuniu parte da biografia de Mons. Vieira, através da grandeza de seu chamado sacerdotal para a Igreja e parte de suas ações direcionadas para a educação e sociedade jacutinguense. Os registros orais, fotográficos e o próprio referencial teórico, contextualizam a pesquisa e sustentam sua importância na memória das pessoas que estiveram próximas a ele, seja nas instituições de ensino, no templo ou fora delas, criando um sentimento de pertencimento a história local. Mons. Vieira, atuou frente à presidência da Associação Jacutinguense de Proteção à Criança por mais de 30 anos. Foi inspetor escolar, professor do Colégio Santo Antônio em Jacutinga e escrevia para o periódico local, A Gazeta de Jacutinga. Ele doava parte do seu tempo em prol da educação de muitos através da Arte e vivência no cotidiano. Mons. Vieira está presente em diversos espaços e formas através de seu legado em Jacutinga. A educação recebe o toque de sua sabedoria e cuidado. A formação humana, cidadã, está presente no seu testemunho como servo de Deus e da Igreja. O levantamento de parte da vida de Mons. Vieira tenta responder sobre o comprometimento deste educador com a sociedade e a comunidade local. Para assim, apresenta-lo como um dos pilares da educação jacutinguense e consolidar parte da história de Jacutinga. Possibilidade esta, para muitos que não o conheceram pessoalmente ou não ouviram qualquer abordagem sobre sua vida, aproximar-se de um testemunho de devoção formativa, educativa e espiritual ao próximo.

Palavras-chave: Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira. Educação Formal. Educação Não-Formal. Educação Informal.

ABSTRACT

SILVA, J.C. Monsignor Sebastião Carvalho Vieira and Education in Jacutinga MG: a study on the integration of formal, non-formal and informal education in the training of individuals. 2024. Dissertation (Master's in Education, Knowledge and Society) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2024.

This work has the general objective of analyzing and identifying the contributions of Monsignor Sebastião Carvalho Vieira to the Education of Jacutinga MG, bringing together his actions as an educator within the formal, non-formal and informal spaces of education. To this end, Bardin's Content Analysis was used as a methodology, and thus qualitative research was systematically organized, both through documentary, bibliographic and oral sources to achieve the proposal, within each school context or not. The structure of the work brought together part of Mons' biography. Vieira, through the greatness of his priestly calling to the Church and part of his actions directed towards education and society in Jacutinguense. The oral and photographic records and the theoretical framework itself contextualize the research and support its importance in the memory of the people who were close to him, whether in educational institutions, in the temple or outside them, creating a feeling of belonging to local history. Mons. Vieira served as president of the Jacutinguense Child Protection Association for more than 30 years. He was a school inspector, a teacher at Colégio Santo Antônio in Jacutinga and wrote for the local newspaper, A Gazeta de Jacutinga. He donated part of his time to educate many people through Art and everyday life. Mons. Vieira is present in different spaces and forms through his legacy in Jacutinga. Education receives the touch of your wisdom and care. Human, civic formation is present in his testimony as a servant of God and the Church. The survey of part of the life of Mons. Vieira tries to respond to this educator's commitment to society and the local community. In order to do so, we present it as one of the pillars of Jacutinga education and consolidate part of Jacutinga's history. This possibility, for many who did not know him personally or did not hear any approach to his life, come closer to a testimony of formative, educational and spiritual devotion to others.

Keywords: Monsignor Sebastião Carvalho Vieira. Formal Education. Non-Formal Education. Informal Education.

LISTA DE ABREVIATURAS

AJPC - Associação Jacutinguense de Proteção à Criança
AMPC - Associação Mineira de Proteção à Criança
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CELAM – Comissão do Episcopado Latino Americano
Côn. - Cônego
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
C.Ss.R - Congregação do Santíssimo Redentor
DP – Documento de Puebla
EAJPC - Educandário da Associação Jacutinguense de Proteção à Criança
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
EF - Ensino Fundamental
EG – *Evangelli Gaudium*
GE - *Gravissimum Educationis*.
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LG - *Lumen Gentium*
LS - *Laudato Si*
Mons - Monsenhor
SNSA - Seminário Nossa senhora Auxiliadora
UTRAMIG – Universidade do Trabalho de Minas Gerais

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Vista da região central de Jacutinga, ao fundo Igreja Matriz de Santo Antônio em construção, início do século XX.....65
- Figura 2 – Estação Ferroviária “Silviano Brandão” em 1915.....66
- Figura 3 – Aburria jacutinga - ave da ordem dos *Galliformes* da família *Cracidae*.....67
- Figura 4 – Monsenhor João Batista Maria Rigotti.....69
- Figura 5 – Cópia do Registro de Batismo do Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira com data de sua ordenação sacerdotal ao lado esquerdo.....72
- Figura 6 – Convite paroquial para receber o novo padre Sebastião Carvalho Vieira...73
- Figura 7 – Cônego Vieira com 36 anos, já sacerdote.....75
- Figura 8 - Cônego Sebastião Carvalho Vieira (com sobretudo branco) junto com os seminaristas Natalino Goltardello Zuccato, João Aparecido de Faria e Sebastião Pereira Dal Poggetto em 1957.....75
- Figura 9 – Monsenhor José Carneiro Pinto, Cônego Adolfo Carneiro, Cônego Vieira e Cônego Foch Morais. Ao centro Dona Ambrosina Carvalho Vieira (mãe do Cônego Vieira).....78
- Figura 10 – Folha de abertura do livro de atas das Escola Reunidas Floriano Saretti (atual E.E Floriano Saretti) em 1961 com assinatura do então Cônego Vieira como inspetor escolar.....80
- Figura 11 – Professores do Colégio Santo Antônio: Judith Gobbo, Tino Viotti, Lygia Bandeira, Clelia Bacci Pieroni, Lu Viotti, Ana Maria Riccetto , João Alves, Michel Farrat, Hermas Clemente Bartholomei, Monsenhor Vieira (destaque) e Ulisses Honorio Correia.....81
- Figura 12 - Poverelo de Assis – criado pelo Monsenhor Vieira e Alunos em 1979 por ocasião da Campanha da Fraternidade daquele ano, fica exposto na rua do Expedicionários, em frente a E.E Júlio Brandão em Jacutinga.....89
- Figura 13 - Entalhe em madeira a partir da caricatura de Mons. Vieira, exposto na Casa da Criança.....98
- Figura. 14 – Bandeira da Escola Maria Roberto de Lima, idealizada e pintada por Mons. Vieira para sua inauguração em 22/03/1985.....100
- Figura 15 – Creche Mons. Vieira, localizado no bairro Vila Nazaré e imagem do Menino Jesus. A imagem foi presente de Mons. Vieira à creche em sua inauguração em 10/08/1997.....101

Figura. 16 – Dom Darci José Nicioli, enquanto padre, beijando a mão de Mons.Vieira.....	104
Figura 17– A inesquecível brincadeira da bala e do dedo, marca criada pelo Mons. Vieira.....	107
Figura 18 – Quadro pintado por Maria Amélia Grisolia Bortoloto, a partir das aulas de Mons. Vieira, ao lado espátula que ganhou do mesmo para uso e técnica de pintura.....	109
Figura 19 - Caixa de tintas e caixa de material de pintura pertencentes ao Monsenhor Vieira. Guardados e cuidados no Memorial Monsenhor Vieira.....	109
Figura 20 – Pintura de Nêgo Volponi realizada nos anos 60.....	112
Figura 21 – Valdimir dos Santos junto com Mons. Vieira.....	114

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Os 5 maiores produtores de Café do Sul de Minas em 1920.....68

.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização e criação de Códigos com base em Bardin (2011) para pesquisa qualitativa.....	38
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. EDUCAÇÃO E IGREJA CATÓLICA: CONTRIBUIÇÕES À PESQUISA	21
1.1 Argumentos motivadores da pesquisa.....	26
1.2 Caminhos Metodológicos.....	30
1.3 Definição do objetivo e procedimento de análise.....	37
2. A EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL: DEFINIÇÕES E CONCEITOS	39
2.1 Educação Formal: compreensão e definição sobre o espaço tradicional de ensino.....	41
2.2 Educação Não Formal: outros ambientes educacionais intencionais.....	48
2.3 Educação Informal: experiências únicas ao longo da vida.....	57
3. BEM-VINDO “SEO CÔNEGO”: A CIDADE, IDENTIDADE, CHEGADA E ATUAÇÕES NA EDUCAÇÃO	63
3.1 Jacutinga: Um breve histórico que antecede a chegada do professor Cônego Vieira.....	64
3.2 Quem é o novo padre? Sacerdote, padre, cônego, reitor, formador e professor.....	71
3.2.1 Educação Formal: inspetor e professor.....	78
3.2.2.A Casa da Criança: uma educação não formal responsável.....	82
3.2.3 A Arte como informalidade.....	87
4. MONSENHOR VIEIRA: VIVÊNCIAS E REMINISCÊNCIAS	91
4.1 Formador de professores: um educador na escola formal.....	95
4.2 Ensino para além do altar: um educador não formal.....	101
4.3 Monsenhor na Informalidade:.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	118
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	131
ANEXO B - Termo de Anuências Institucional	134
ANEXO C - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos	135
ANEXO D - Termo de Permissão para Publicação	139
ANEXO E - Parte do acervo fotográfico (adaptado) das atividades realizadas na Casa da Criança	140
ANEXO F - Assinaturas dos entrevistados no TCLE	146
ANEXO G - Assinaturas das Instituições no Termo de Anuência	155
APÊNDICE 1 - Roteiro para as Entrevistas	160

1 INTRODUÇÃO

A Educação abrange processos formativos em diferentes espaços, não se limitando unicamente ao ambiente escolar. Ela possibilita novas experiências e aprofundamentos nos mais diversos campos do saber e do aprendizado. É o que a Lei nº 9.394/96 “Diretrizes e Bases da Educação” (LDB) traz em seu Art. 1º afirmando que esses processos “se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

A educação acontece não somente na escola, mas em todas as relações e instituições humanas. Principalmente dentro da educação não formal e informal, a pessoa, através de espaços e diálogos diversos, adquire conhecimento e informações para seu próprio benefício, quer seja em contexto individual ou coletivo.

Assim as pesquisas acadêmicas encontram no primeiro artigo da “LDB” uma infinidade de campos para atuação quando o assunto é Educação, criando vínculos entre escola, família e sociedade através de uma responsabilidade conjunta.

Para Gohn (2013) é uma tentativa de articulação escola com a comunidade, de forma a atender às necessidades da própria sociedade que a compõe. Para isso, aliar a educação formal que acontece dentro do espaço escolar com a informal que provém de experiência através de ações coletivas e também a não formal que se baseia nas relações de amizade, religião, clubes, etc., permite criar e experimentar sentimentos de pertencimento.

De acordo com Angelini (2021) a expansão do conhecimento e a pluralidade de faculdades existentes, criadas para atender as ditas profissões globalizadas e as novas pesquisas acadêmicas, a educação atingiu espaços também fora da tradição.

Partindo dessas considerações, a memória, por exemplo, pode contribuir para entender os conceitos de educação formal, não formal e informal, favorecendo a promoção da cidadania através da história. Uma vez que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 1996, p. 423).

Para Cano *et al.* (2012), o resgate da memória através de seus registros documentais, artísticos e orais articulam a História e o cotidiano, o que resulta em objeto de pesquisa relativo às experiências de vida, pessoas e grupos.

Freire (1987, p. 48), afirma que “o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade de transformar”. Essa participação e transformação são sinais visíveis na vida de muitas pessoas que cooperaram para a educação. Uma educação que pode partir de sua consciência religiosa e humana em benefício do social, da formação cidadã que deve impactar tanto uma comunidade religiosa quanto a sociedade como um todo.

Partindo também da ideia de que a memória, a história de vida e o compromisso com a educação necessitam ser estudados, apresentados e registrados no meio acadêmico, percebe-se a construção da história local, seja na formalidade ou não.

A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado (Bittencourt, 2011, p.50).

A história local precisa ser valorizada e apreciada de modo científico. Pois a mesma impulsiona e inspira, através de conhecimento organizado, pessoas a imitar passos em prol de uma sociedade que trará consigo a riqueza de sua cultura no presente, em relação ao passado um dia vivenciado. Assim, entende a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dentro da disciplina de História:

Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador indaga com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambas expressões do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico (Brasil, 2018, p. 397).

Nesta perspectiva da BNCC, o estudo da educação formal, não formal e informal, registram e contribuem para informações sobre a memória, a história local e as experiências vividas no passado como parte da formação da sociedade do

presente. Além dos processos educacionais tradicionais embasados em currículos previamente aprovados.

Sebastião Carvalho Vieira (1916-2006) foi um sacerdote católico que trabalhou e residiu na paróquia de Santo Antônio, na cidade de Jacutinga (MG) por 48 anos (1958 a 2006), sendo 35 destes atuando como pároco e 13 como pároco emérito. Considerado uma referência em ética, seriedade e simplicidade pela população jacutinguense, destacou-se pelo compromisso religioso e social para com a cidade, além de ser um homem cheio de virtudes e importante intelectual que atuou de forma formal, não formal e informal em questões ligadas à educação local, como inspetor escolar, professor em escolas e colégios, presidente de associação, criador de casas de ofício, pintor de obras de arte, autor de editoriais e artigos para jornais, padre, mestre, amigo e humano.

A própria Igreja Católica afirma que a verdadeira educação forma a pessoa para contribuir para o bem social do qual faz parte através de suas responsabilidades (GE, 2011).

Desde antes de sua chegada em Jacutinga já possuía uma ligação com a educação através da Reitoria do Seminário de Pouso Alegre (MG), onde lecionou quando foi nomeado Cônego Honorário (Valle, 2000). Posteriormente foi nomeado pároco para a então Paróquia Santo Antônio de Jacutinga, assumindo-a em 25 de março de 1958, substituindo o então Mons. João Batista Maria Rigotti. Em 7 de maio de 1993, Cônego Vieira foi elevado à categoria de Monsenhor.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, transformou o modo da Igreja agir no mundo e nas suas comunidades. Cônego Vieira já estava à frente de seu tempo, exercendo sua vocação bem mais próximo do seu povo. Trouxe luz para os jacutinguenses e uniu o divino com o humano através de seu sacerdócio ministerial juntamente com o sacerdócio comum de cada pessoa (LG, 2011).

Assim, o objetivo principal do trabalho foi analisar e compreender as contribuições de Mons. Sebastião Carvalho Vieira dentro da Educação Formal, Não Formal e Informal em Jacutinga (MG). Por seguinte, levantar e reunir informações documentais, biográficas, descritivas, experiências e vivências junto à convivência com o nobre sacerdote.

Para tanto, os referenciais teóricos demonstraram a importância de cada uma das formas de educação que se complementam e tornam o conhecimento acessível

em cada uma delas. Isto só foi possível através do suporte e técnicas que a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011) fornece à pesquisa qualitativa.

Com apoio da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011), foi possível apresentar no capítulo I, a união entre Educação e Igreja Católica e suas contribuições à pesquisa, bem como o compromisso humano e missionário para uma educação integral e responsável, delineando assim a estrutura e realização dos procedimentos da pesquisa, a construção dos temas e extração dos códigos que unem e contextualizam todo o *corpus* desta dissertação. No capítulo II o referencial teórico escolhido, explica as diferenças e importância entre os termos, Educação Formal, Não Formal e Informal e como as mesmas contribuem e se complementam para uma educação integral do ser humano. No capítulo III foi realizado um levantamento documental que consolidou uma breve biografia sobre quem é o Mons. Sebastião Carvalho Vieira, destacando a sua chegada como Cônego em Jacutinga, atuação como pároco na cidade de Jacutinga, bem como sua participação, cuidado e trabalhos realizados dentro da educação formal, não-formal e informal, refletindo sua postura e aceitação em meio a comunidade. Além de informações pertencentes a história do município de Jacutinga.

No IV capítulo foram reunidas 9 entrevistas que contemplam Mons. Viera nos espaços formal, não formal e informal, com intenção de demonstrar sua tamanha importância e influência na vida de líderes religiosos, professores e amigos que vivenciaram momentos inesquecíveis junto dele. Nesse capítulo a análise de Bardin (2011), auxiliou na interpretação dos registros e edificação do discurso de sua importância histórica, bem como a identificação de suas ações para o povo de Jacutinga, necessariamente à Educação. O que implicou em registros documentais e reminiscências ligadas a vivência com o Mons. Vieira e como sua influência moldou o caráter de muitos, bem como marcou a vida dos entrevistados pelo seu testemunho.

O seu exemplo comprometido com a formação humana mudou vidas, através de relatos, obras, testemunho, escritos, documentos e etc., que enriqueceram a formação cidadã de inúmeros jacutinguenses.

Mons. Vieira, participa direta e indiretamente da história de Jacutinga e deixa marcas profundas em seus cidadãos. O que implica perceber seu amor, compromisso, dedicação e perseverança, nascidos da fé católica, frente aos trabalhos e ações educacionais conduzidos ao longo de quase meio século.

Capítulo I

EDUCAÇÃO E IGREJA CATÓLICA: CONTRIBUIÇÕES À PESQUISA

“A Igreja confia mais na força da verdade e na educação para a liberdade e a responsabilidade do que em proibições, já que sua lei é o amor.”

CELAM, Puebla, 1979.

Na História da Educação brasileira, a presença da Igreja Católica desde a sua chegada com os jesuítas em 1549, demonstrou vários “soldados” de Cristo envolvidos com a educação e o ensino. Além de registrar o envolvimento católico com assuntos no campo político, social, missionário e econômico com a sociedade brasileira ao longo dos séculos seguintes (Rosário; Melo, 2015).

A Igreja Católica, a partir dos documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II percebe e assume a Educação como parte de sua Missão Evangelizadora, com intuito de evangelizar por meio da educação e também educar evangelizando (Rocha, 2018).

Para o papa Paulo VI o concílio trouxe uma preocupação com a dignidade integral do ser humano, sendo portador do direito à educação adequada e contínua, atrelada a todas as faculdades humanas (Teixeira, 2021). Assim entende a Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã presente nos documentos do Vaticano II quando disserta sobre o Direito Universal à Educação.

Direito universal à educação

1. Todos os homens, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra. **A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte. Por isso, é necessário que, tendo em conta os progressos da psicologia, pedagogia e didática, as crianças e os adolescentes sejam ajudados em ordem ao desenvolvimento harmônico das qualidades físicas, morais e intelectuais, e à aquisição gradual dum sentido mais perfeito da responsabilidade na própria vida, rectamente cultivada com esforço contínuo e levada por diante na verdadeira liberdade, vencendo os obstáculos com magnanimidade e constância.** Sejam formados numa educação sexual positiva e prudente, à medida que vão crescendo. Além disso, de tal modo se preparem para tomar parte na vida social, que, devidamente munidos dos instrumentos necessários e oportunos, sejam capazes de inserir-se ativamente nos vários agrupamentos da comunidade humana, se abram ao diálogo com os outros e se esforcem de boa vontade por cooperar no bem comum.

De igual modo, o sagrado Concílio declara que as, crianças e os adolescentes têm direito de serem estimulados a estimar retamente os valores morais e a abraçá-los pessoalmente, bem como a conhecer e a amar Deus mais perfeitamente. Por isso, pede insistentemente a todos os que governam os povos ou orientam a educação, para que providenciem que a juventude nunca seja privada deste sagrado direito. **Exorta, porém, os filhos da Igreja a que colaborem generosamente em todo o campo da educação, sobretudo com a intenção de que se possam estender o mais depressa possível a todos e em toda a parte os justos benefícios da educação e da instrução** (GE, 1965, grifo nosso).

Como aliada da Educação, a Igreja toma para si o compromisso de formar discípulos, isto é, uma missão educativa. Através do testemunho auditivo e ocular (cf. 1Jo 1, 1-3), o anúncio se torna um processo, onde o destinatário tende a se tornar um sujeito com responsabilidades no serviço à família humana. Quer seja na sua origem ou trajetória, a Igreja e sua comunidade de cristãos sempre estiveram conscientes e envolvidas com sua missão educadora (Souza, 2021).

Mas, antes do início do Concílio Vaticano II, em 1961, inaugurado pelo papa João XXIII, e seu término em 1965, sob o papado de Paulo VI, um outro membro da Igreja Católica estava disposto a contribuir para a Educação de uma pequena cidade mineira, entre os anos de 1958 a 1993 enquanto pároco, demonstrando de certa forma e previamente as intenções e valores que nortearam a reunião conciliar na década de 1960. Era o sacerdote e professor Sebastião Carvalho Vieira, objeto de pesquisa dessa dissertação, conhecido por Cônego Vieira em sua chegada a Jacutinga e Monsenhor Vieira após se tornar emérito nos seus 35 anos de trabalhos paroquiais, humanos, sociais e educacionais.

A Conferência de Medellín, realizada pela Igreja Católica em 1968 na Colômbia, logo após final do Vaticano II, trouxe sua preocupação com a educação na América Latina e ressaltou a importância educacional através de uma perspectiva libertadora baseada em Jesus. Uma educação que se baseasse em solidariedade, misericórdia e compromisso com os que sofrem (Sbardelotti, 2020). Educação voltada aos mais pobres, abandonados, injustiçados e sem oportunidades.

Gutiérrez (2006) escreve sobre Medellín:

Em Medellín, fundamentando a solidariedade com os pobres e oprimidos, apresentou-se uma reflexão bíblica e teológica enraizada na distinção de três sentidos da pobreza: a pobreza real, ou material; a pobreza espiritual; e a pobreza como compromisso. Assim, iniciava-se um processo que levaria as comunidades cristãs e os textos do magistério latino-americano a aprofundar uma perspectiva que constitui hoje uma autêntica tradição no continente. Os pobres reais ou materiais dos quais fala Medellín vivem

num estado escandaloso e injusto, que atenta contra a dignidade humana e é contrário à vontade de vida de Deus, “um mal”, “fruto da injustiça e do pecado”

(Medellín, Pobreza 4a). O pobre espiritual, ao qual se refere a segunda acepção de Medellín, é o fiel que a Bíblia chama, também, de “criança espiritual”, ao discípulo de Jesus. São metáforas para falar dos fiéis que colocam sua vida nas mãos de Deus e assumem uma “atitude de abertura a Deus, [de] disponibilidade de quem tudo espera no Senhor”. Compromisso, opção que não se deve esquecer, tem dois aspectos: solidariedade com os pobres e protesto contra a pobreza como situação desumana. Por isso Medellín vai dizer que se trata de fazer nossa a condição do pobre “para dar testemunho contra o mal que ela [a pobreza] representa”. Sem essa dupla dimensão do compromisso (solidariedade e rejeição) não é possível entender o sentido que se deve dar ao termo opção na formulação que conhecemos (Gutiérrez, 2006, p.286-287).

O cristão católico, assume a posição do documento de Medellín e vai ao encontro com o mais pobre, especialmente crianças e adolescentes e se torna canal de misericórdia e solidariedade aos que sofrem em solo latino americano.

No Documento de Puebla (DP), em 1979, reconhece a situação da educação na América Latina e afirma:

O múnus educativo desenvolve-se entre nós numa situação de transformação sociocultural, caracterizada pela secularização da cultura, influenciada pelos meios de comunicação de massa e marcada pelo desenvolvimento econômico quantitativo que, embora haja significado algum progresso, não suscitou as requeridas mudanças para nina sociedade mais justa e equilibrada. A situação de pobreza de grande parte de nossos povos está significativamente correlacionada com os processos educativos. Os setores deprimidos são os que mostram maiores. taxas de analfabetismo e deserção escolar e as menores possibilidades de conseguir emprego (DP, 1979, p.253).

O Documento de Aparecida (DA), elaborado em 2007, abordou diversos temas e áreas ligadas à educação do ser humano como um todo, no âmbito das políticas públicas, nas organizações da sociedade ou na Igreja, o Estado, a família, a sociedade através dos leigos, as lideranças católicas e as escolas católicas possuem corresponsabilidade da promoção humana. O documento cita:

482. A Igreja crê que “as crianças e os adolescentes têm o direito de ser estimulados a apreciar com reta consciência os valores morais, prestando a esses valores sua adesão pessoal, e também de ser estimulados a conhecer e amar mais a Deus. A Igreja roga, pois, encarecidamente a todos os que governam os povos, ou que estão à frente da educação, a procurarem que a juventude nunca se veja privada desse sagrado direito”.

483. Diante das dificuldades que encontramos em vários países a esse respeito, queremos empenhar-nos na formação religiosa dos fiéis que assistem às escolas públicas de gestão estatal, procurando acompanhá-los também através de outras instâncias formativas em nossas paróquias e

dioceses. Ao mesmo tempo, agradecemos a dedicação dos professores de religião nas escolas públicas e os animamos nessa tarefa. E os estimulamos a promoverem uma capacitação doutrinal e pedagógica. Agradecemos também àqueles que, pela oração e pela vida comunitária, se esforçam para serem testemunhas de fé e coerência nessas escolas (DA, 2007, p.2018).

Para o episcopado católico reunido em Aparecida em 2007, a Educação é um sagrado direito. Sendo assim, não pode ser profanada, atacada por heresias contemporâneas que a deixam como assunto último a ser tratado e valorizado. Essa educação necessita de gente que a veja além de uma política humana, mas sim como sacerdócio sagrado, isto é, cuidado, respeito e presença viva da criação de Deus.

A educação é uma realidade que desafia a Igreja e sua liderança a se empenhar como discípulos e missionários para entender os sinais dos tempos e perceber juntos aos avanços da ciência, da tecnologia, os impactos culturais, a economia, as artes e tudo que muda na atividade social (DA, 2007).

Em 2008, o Papa Bento XVI, escreve sobre a Urgência da Educação no mundo e descreve o real significado de um educador comprometido com o bem e a verdade:

A educação não pode prescindir do prestígio que torna fiável o exercício da autoridade. Esta é fruto de experiência e competência, mas conquista-se sobretudo com a coerência da própria vida e com o envolvimento pessoal, expressão do amor autêntico. O educador é, portanto, uma testemunha da verdade e do bem; certamente ele também é frágil e pode ter falhas, mas procurará estar sempre novamente em sintonia com a sua missão (Bento XVI, 2008).

As palavras de Bento XVI, parecem retratar esse testemunho da verdade, que brilha na vida de muitos cristãos e se torna um farol ao longo da vida.

Papa Francisco, ao escrever sobre a alegria do Evangelho (*Evangelii Gaudium*) e o anúncio do mundo atual, deseja e projeta uma Igreja que chegue a todos e que não feche suas portas aos mais necessitados.

uma Igreja com as portas abertas. (...) Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos (EG 5; 46; 49).

Papa Francisco, com suas palavras e intenções de um verdadeiro líder cristão, afirma que a Igreja tem que ir além do seu “pequeno mundo”. Ele promove essa

missão junto à iniciativa do Pacto Educativo Global destacando assim qual deve ser o caminho da educação.

Pensamos que a educação seja um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história. A educação é sobretudo uma questão de amor e responsabilidade que se transmite, ao longo do tempo, de geração em geração. Por conseguinte, a educação apresenta-se como o antídoto natural à cultura individualista, que às vezes degenera num verdadeiro culto do «ego» e no primado da indiferença. O nosso futuro não pode ser a divisão, o empobrecimento das faculdades de pensamento e imaginação, de escuta, diálogo e compreensão mútua. O nosso futuro não pode ser este! Hoje temos necessidade dum renovada estação de empenhamento educativo, que envolva todos os componentes da sociedade. Escutemos o grito das novas gerações, que destaca a exigência e, ao mesmo tempo, a oportunidade estimulante dum caminho educativo renovado, que não volte o olhar para o outro lado, favorecendo graves injustiças sociais, violações dos direitos, pobreza profundas e descartes humanos (Francisco, 2019, p.24).

Papa Francisco estava, de certa forma, descrevendo parte do que foi a vida, ações e compromisso de Mons. Vieira frente à educação de Jacutinga. Amor e responsabilidade eram sinais visíveis no padre que transformou gerações de crianças, adolescentes e adultos, em verdadeiros seres humanos, cidadãos de bem, ao longo de suas vidas.

Partindo dos pressupostos apresentados, entende-se que a Igreja interfere de modo positivo, contribui e forma cidadãos comprometidos com a sociedade, assumindo ela uma responsabilidade educacional, constituiu-se a ideia de que a comunidade católica através de seus diáconos, padres, bispos e leigos cristãos, em diversos momentos da história, podem contribuir para a Educação dentro ou fora de seus espaços de atuação. Por conseguinte, como objetivo geral, formulou-se analisar e identificar as contribuições de Mons. Sebastião Carvalho Vieira na educação formal, não formal e informal na educação de Jacutinga, através da opção metodológica qualitativa. Uma vez que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p.21-22).

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa oferece informações que são traduzidas pelas experiências pessoais ou coletivas, dando identidade únicas e vivências memoráveis.

A Pesquisa Qualitativa, aborda e constrói conhecimento sobre temas sociais e educacionais. Entretanto, não pretende trazer uma resposta definitiva, mas uma resposta possível ao questionamento abordado. O que implica afirmar que ela se apropria de diferentes perspectivas, modos, desenhos, técnicas, modos de entender, compreender situações e problemáticas com seus atores ou protagonistas (González, 2020).

1. 1 Argumentos motivadores da pesquisa.

A pesquisa acadêmica em Educação deve atentar para processos e espaços como ponto de partida para uma dissertação e registro da memória. Colhendo informações e apresentando resultados que se aproximem da realidade social e seus questionamentos. Significa valorizar a produção de conhecimento humano nas suas mais variadas formas com objetivo de enriquecer o aprendizado adquirido nas relações humanas e institucionais.

Sendo assim, como motivação e elaboração da presente dissertação, primeiramente, retomo minhas experiências e processos formativos ao longo da vida e afirmo que desde a minha infância, a religiosidade Cristã Católica é presente em minha vida, como memória viva dos valores que moldaram parte do meu caráter.

O batismo, a Eucaristia, o Crisma e até a experiência como seminarista da Congregação do Santíssimo Redentor, os chamados Missionários Redentoristas, me proporcionaram experiências profundas com a fé. No entanto, uma figura marca minha vida pelo seu semblante sério, mas, ao mesmo tempo carismático, de um homem, um senhor que quando caminhava pelas ruas da cidade e encontrava uma criança ou um jovem fingia entregar uma bala, mas dava o dedo como forma de brincadeira.

Uma batina imponente que não retirava para nada era sinal de alguém que pertencia à Igreja, ao clero, e por onde passava, pessoas davam bom dia e pediam a sua bênção. Uma pessoa que tinha realizado o casamento de meus pais nos anos 80 e que era respeitado por tantas obras e ações realizadas junto à cidade e seus moradores. Era um exemplo para muitos. Lembro-me de seu fusca branco, seu companheiro nas viagens mais longas, nos bairros rurais e distritos da cidade.

Através de relatos de pessoas próximas, o testemunho cristão, mas acima de tudo o humano, era claro e forte em sua vida. Várias pessoas, inclusive minha mãe, diziam que ele tinha mais respeito que algumas autoridades políticas de sua época. Outros como seus ex-alunos e ex-coroinhas da cidade, afirmavam que era um grande mestre e professor.

Lembro-me de uma cena em que o mesmo entrou na sala de catequese que acontecia dentro da Igreja de São Judas Tadeu, nos bancos da Igreja, na qual eu cursava e perguntou a todos os catequizandos se já estávamos aprendendo os 10 mandamentos. Não por intenção unicamente religiosa, mas porque esses mandamentos eram necessários para viver bem em comunidade. Ele estava preocupado com nossa formação. Era o “seo Conêgo” que havia chegado.

Nas palavras do arcebispo de Diamantina Dom Darci José Nicioli C.Ss.R, em homenagens realizadas e publicadas na A Gazeta de Jacutinga em 28 de janeiro de 2006, Mon. Vieira era um homem de “[...] gestos comedidos, olhar altivo, poucas e certeiras palavras [...] sistemático no agir e de espírito inquieto. Fazedor de obras e construtor de gente”.

Para Valdimir dos Santos, cristão leigo que cuidou e acompanhou Mons. Vieira nos 3 últimos anos de sua vida, afirmou que sua presença o ensinou “[...] a dar mais valor a quem precisa”.

Tempos depois, o “seo Cônego” veio morar perto de minha casa, no meu bairro Jardim Déa, numa casa ao lado da Igreja de São Judas Tadeu, onde partiu para a vida eterna, em seu quarto que mais tarde se tornou parte das dependências do atual Centro Pastoral Monsenhor Vieira. Mal sabia que aquele homem iria despertar em mim o interesse pela sua contribuição no âmbito da educação formal, informal e não formal, transferindo seu testemunho e dedicação com a população local como fonte de pesquisa na área da Educação, Conhecimento e Sociedade.

Memorial, creche e bairro hoje levam seu nome; responsável por transformar a comunicação através do jornal semanal, A Gazeta de Jacutinga, onde foi colunista e redator; teve programa na Rádio Estância de Jacutinga; criou uma escola de arte e de datilografia, teve participação em fundação de escolas, foi professor e educador. Uma escola municipal na sua cidade natal, Paraisópolis (MG), recebe também o seu nome.

Durante os anos de dedicação à vida religiosa, Mons. Vieira foi além dos muros da Igreja puramente catequética, e dedicou parte dela à Educação do povo de Jacutinga, na atuação em escolas, nas suas homilias, na presidência da Associação

Jacutinguense de Proteção à Criança (AJPC), nos seus escritos e obras de arte. “Vale a pena mencionar mais uma vez a presença marcante do Mons. Vieira. Além de ser um grande pintor, auxiliou na construção de alguns bairros populares na cidade e instalou uma escola de ofícios na Casa da Criança” (Viotti; Dias, 2018, p. 128).

O resgate de suas ações educacionais realizadas em vida é fundamental para a valorização e registro histórico da educação jacutinguense. Negô Volponi, amigo e discípulo de Mons. Vieira na arte da pintura, destaca:

Volponi conta que a chegada do Monsenhor Vieira, em 1958, gerou uma grande evolução cultural na cidade. Em 1963, o prelado abriu uma escola de pintura no salão paroquial da igreja e chegou a ensinar mais de 20 alunos, entre adolescentes e adultos. Entre eles, Volponi e Cecília Bassi. Nessa escola, muitos alunos iniciaram estudos de pintura sobre feltro. Logo, alguns criaram na cidade lojas e fábricas de feltro pintado artesanalmente. Segundo Volponi, a fábrica mais importante nesse período chamava-se Ivã no Feltro (nome atribuído pela proprietária Gleice Fusco Leite). Produzia roupas para o público feminino e toalhas. Este comércio se espalhou pela cidade (Viotti; Dias; 2018, p. 118).

Mons. Vieira dedicou-se a ensinar as técnicas de pintura, evidentemente com o viés do sagrado no primeiro momento, mas, a partir dessa catequese sacra, despertou o desejo pela mesma em seus alunos, e alguns vieram a se tornar grandes pintores locais. Além de abrir portas para o mundo do trabalho, ele marcou a memória de dezenas de outros.

Faleceu em 21 de janeiro de 2006, com 90 incompletos anos de idade. Foi desenhista e pintor. Autodidata e também um estudioso da teoria das artes plásticas, arquiteto e urbanista nato, utilizou seu talento em benefício da vida espiritual, material e social de seus semelhantes.

Na área da Educação, foi professor de Psicologia e Filosofia no Magistério do Colégio Santo Antônio, Inspetor Escolar, professor de pintura no curso por ele criado. Além de inúmeras atividades em prol da educação infantil e de adolescentes enquanto presidente em vários mandatos da AJPC.

Recebeu da Câmara Municipal de Jacutinga o título de Cidadão Jacutinguense em 2 de abril de 1959 e em 8 de dezembro de 1998 recebeu a medalha de Honra ao Mérito “Desembargador Hélio Costa”, conferida pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais às pessoas de relevância social.

Mons. Vieira está presente em diversos espaços e formas através de seu legado em Jacutinga. A educação principalmente, recebe o toque de sua sabedoria e

cuidado. A formação humana, cidadã, está presente em seu objetivo como servo de Deus e da Igreja. Como o próprio apóstolo Paulo afirma um dos trechos da Sagrada Escritura em sua primeira carta a Timóteo capítulo de número 4 versos 13: “Até a minha chegada, dedica-te a ler, exortar e ensinar” (1Tm 4,13).

Assim, a história local não pode ser descartada e nem muito menos desvalorizada. Inúmeras são as pessoas e grupos que transformam realidades em sua época. A devida importância e a preocupação com o conhecimento histórico levam a compreensão histórica da realidade social. Essa compreensão é um desafio para todos aqueles que debruçam nas pesquisas a ponto de gerar uma prática de ensino que pode ser reflexiva e dinâmica para explicar historicamente a realidade vivida (Schmidt; Cainelli, 2009).

Aliada à história local, a memória tem relevância para as sociedades pois possui propriedade para conservar informações do passado e aplicá-las a questionamentos atuais. Bem como seu patrimônio, seja ele individual ou coletivo.

Compreender o papel da memória dentro das diversas sociedades, permite indagar sobre o momento em que ela deixou de ser individual para tornar-se coletiva, quando os sujeitos, individualmente, passam a compreender determinados fatos e acontecimentos como a única versão possível. Na medida que ela passar a ser disseminada e se consolida no imaginário social, ela se torna coletiva. É por meio desse mecanismo de disseminação que ocorre a vinculação entre memórias (Cano *et al.*, 2012, p. 80-81).

As experiências individuais dentro da educação de Jacutinga, a partir do contato com o Mons. se tornam parte de um todo que contribuem para seu reconhecimento como educador em diversos espaços e formas.

A trabalho pretende valorizar também parte da biografia da pessoa do Mons. Vieira juntamente com suas ações dentro da esfera educacional.

Biografar é, pois, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepetível; é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo. O mistério do singular é, também, fortíssimo como elemento constitutivo do imaginário cultural de qualquer sociedade ou mesmo civilização. Deus, suprema síntese, não seria O Uno, O Singular? Mas a fascinação biográfica tem um aspecto muito interessante, ao qual se pretende dedicar estas reflexões. Trata-se do que se poderia denominar sua instrumentalidade educativa (Carino, 1999, p.154).

A vida de Mons. Vieira é instrumento educativo para Jacutinga e está presente no seu imaginário através de relatos de pessoas próximas, homenagens, em espaços

públicos e monumentos. A sua vida e caráter se perpetuam constantemente, o que implica no interesse em pesquisá-los.

O interesse por este tipo de pesquisa tem se configurado bastante potente, nos últimos anos, e tem sido visto no mundo acadêmico historiográfico como um campo inovador e revelador de um vasto arcabouço de novidades, na seara da História da Educação e das ações efetivas de seus protagonistas (Xavier, A; Vasconcelos; Xavier, L, 2018, p.1020).

Compreende-se, portanto, que o levantamento da vida de Mons. Vieira e sua atuação dentro da educação é de extrema importância para consolidar parte da história de Jacutinga, possibilitando para muitos outros que não o conheceram pessoalmente ou não ouviram qualquer abordagem sobre sua vida, um testemunho de devoção formativa, educativa e espiritual ao próximo.

A história de vida do Mons. Vieira pertence à cultura de Jacutinga e de seu povo. Suas contribuições para a Educação resultaram na formação de caráter, ética e valores presentes em muitos. Nesse contexto, Silva (2014), demonstra como essas experiências são valiosas para auxiliar nos processos de formação educacional que visam uma sociedade mais humana e reflexiva quer seja na sua história ou nas pessoas envolvidas. Assim, relatar algumas de suas ações frente a educação formal, não formal e informal em Jacutinga é preservar parte da história local e incentivar a sociedade jacutinguense e tantos outros a conhecer tão grandiosa obra desse respeitável sacerdote.

1.2 Caminhos Metodológicos

Para Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 25), “a pesquisa científica está presente em todo campo da ciência, no campo da educação encontramos várias publicadas ou em andamento”. Ela é um processo de investigação para solucionar, responder ou aprofundar sobre uma indagação no estudo de um fenômeno. Sempre embasada, na maioria das vezes na pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na

apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p. 25).

Assim, para estruturar a revisão bibliográfica, a utilização de fontes existentes em base de dados eletrônicas como o Google Acadêmico e Biblioteca Virtual da UNIVAS, foram essenciais para se obter artigos, dissertações, teses, livros, periódicos, revistas científicas e outras informações relevantes correlatos à pesquisa. Utilizando no sistema de busca palavras-chave, tais como: Educação, Educação Católica, Educação Formal, Educação Não Formal, Educação Informal, História.

A pesquisa de caráter descritivo foi utilizada para compreender e estudar o perfil do indivíduo, suas formas, funções, conteúdos, a fim de examinar aspectos de sua vida. Os documentos selecionados e analisados serviram para identificar, compreender e descrever costumes e características. Utilizada em suas diversas formas, este tipo de pesquisa trabalha sobre dados ou fatos colhidos da própria realidade.

Para viabilizar essa importante operação da coleta de dados e informações sobre o objeto também foram realizadas 9 entrevistas que são essenciais para o entendimento, relação e importância na construção da pesquisa (Manzato; Santos, 2012).

Na pesquisa qualitativa as entrevistas podem ser de vários tipos, constituindo um espectro variável desde uma conversa informal até um roteiro padronizado. O grau de formalidade deve ser definido conforme os objetivos da pesquisa, de acordo com o tema a ser tratado e, sobretudo, tendo em vista o que é apropriado culturalmente para o grupo pesquisado. Além disso, uma mesma pesquisa pode conter vários tipos de entrevista. Outros aspectos importantes são os seguintes: a exposição clara dos objetivos da pesquisa, porque são eles que vão definir quem entrevistar; o conteúdo das entrevistas; o número de pessoas entrevistadas; os números de entrevistas com cada informante; e, finalmente, o tipo de entrevista apropriado para cada caso (Silva *et al.*, 2006, p.248).

As entrevistas e acesso a documentos institucionais foram realizados mediante autorização expressa de cada departamento, pessoa e representante através de autorização assinada no Termo de Anuência Institucional e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme anexos.

As 9 entrevistas realizadas e registradas obedeceram a uma estrutura predefinida de perguntas¹, com intenção de valorizar a história oral dos entrevistados, extrair informações que estão ligadas ao objeto principal da pesquisa em contextos e experiências diferentes. Respeitados seus limites e especificidade da entrevista. A história oral são as memórias e recordações das pessoas vivas sobre o seu passado, “[...] como resultado, algo de valor real para a família, a comunidade, a escola e o mundo [...]” (Schmidt; Cainelli, 2009, p.167).

Assim, o trabalho foi organizado sistematicamente, e a pesquisa sustentada através de fontes documentais, bibliográficas e orais contribuíram para se atingir o objetivo geral proposto. Pois, “analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis “ (André; Ludke, 1986, p.45).

Representar fielmente as perspectivas, experiências e opiniões dos participantes em suas análises, é evitar interpretações tendenciosas, respeitar a diversidade de vozes e considerar o contexto cultural e social dos participantes, contextualizando a análise documental encontrada e dialogando com a bibliografia utilizada.

A partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), será feito o tratamento da pesquisa, que difere de uma Análise Documental, o foco não será no documento, mas em suas mensagens e comunicações criadas (Santos, 2011). “Publicada em Paris no ano de 1977, a obra da professora Laurence Bardin, *L'analyse de contenu*, é considerada a de maior destaque quando o assunto é Análise de Conteúdo, sendo um verdadeiro manual sobre a operacionalização do método, seus princípios e conceitos fundamentais” (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021, p.99).

Na área da Educação, a Análise de Conteúdo se mostra de grande valia em relação aos dados coletados. Não importa se entrevistas diretas ou não, questionários abertos, discursos, documentos oficiais, textos literários, artigos de jornais, emissões em rádios ou jornais. Para o educador é um instrumento para retirada de conteúdos manifestados ou latentes (Oliveira *et al.*, 2003).

O método da análise de conteúdo aparece como uma ferramenta para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam

¹ Conforme Apêndice – 1.

no discurso. Analisada no presente estudo sob o enfoque da teoria das Representações Sociais e da teoria da Ação na perspectiva fenomenológica. O que permite ao pesquisador o entendimento das representações que o indivíduo apresenta em relação a sua realidade e a interpretação que faz dos significados a sua volta (Rocha Silva; Christo Gobbi; Adalgisa Simão, 2005, p.74).

Esta ferramenta incita a tentativa em compreender as ações de Mons. Vieira nos espaços e formas educacionais através de informações produzidas por diferentes atores que se encaixam na Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011) .

A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. O caminho percorrido pela análise de conteúdo, ao longo dos anos, perpassa diversas fontes de dados, como: notícias de jornais, discursos políticos, cartas, anúncios publicitários, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos autobiográficos, entre outros (Silva; Fossá, 2015, p.02).

A seleção dos documentos foi feita com textos produzidos em jornais, homenagens, entrevistas, atas, publicações em diários oficiais, fotos, obras de arte, documentos escolares e demais fontes ligadas a vida de Mons. Vieira e sua atuação em favor da educação de Jacutinga. A própria revisão bibliográfica foi organizada de modo atender o objetivo da pesquisa. Todos materiais selecionados e apresentados estão relacionados ao Mons. Sebastião Carvalho Vieira e à educação jacutinguense.

Para aplicação da Análise de Conteúdo são necessárias 3 fases essenciais: A pré - análise, a descrição analítica e a interpretação do referencial.

Na primeira fase é estabelecido um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. A segunda fase consiste no cumprimento das decisões tomadas anteriormente, e finalmente na terceira etapa, o pesquisador apoiado nos resultados brutos procura torná-los significativos e válidos (Rocha Silva; Christo Gobbi; Adalgisa Simão, 2005, p.74).

No primeiro momento, todo o material selecionado conteve informações produzidas pelo, sobre e para o Mons. Vieira com ênfase na sua vida pessoal, religiosa e atuante em Jacutinga entre 1958 e 1993, o que se denomina como Pré -Análise no método de Bardin (2011).

A Pré - Análise é a primeira etapa da organização da Análise de Conteúdo. É por meio dela que o pesquisador começa a organizar o material para que se torne útil à pesquisa. Nesta fase, estudiosos devem sistematizar as ideias preliminares em quatro etapas, sendo-as: a leitura flutuante; escolha dos documentos; reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores, as quais nos darão fim à preparação do material como um todo (Sousa; Santos, 2020, p.1401).

Através da leitura flutuante, foi possível separar as informações ligadas ao Mons. Vieira e a sua atuação direta ou indiretamente à educação de Jacutinga. Gerando o recorte necessário dos documentos produzidos e publicados no primeiro momento. A escolha obedeceu às seguintes regras propostas por Bardin (2011), para formulação do *corpus* de análise:

a) Exaustividade: significa reunir todos os documentos que estão dentro ou fora do tema, a ponto de não deixar escapar nenhum deles.

b) Representatividade: explica quando de um número muito elevado de dados, pode efetuar-se uma amostra, desde que o material a isto se preste. Para a autora a amostragem diz rigorosa se a amostra for uma parte representativa do chamado universo inicial.

c) Homogeneidade: os documentos retidos devem ser homogêneos, obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora dos critérios.

d) Pertinência: significa verificar se a fonte documental corresponde adequadamente ao objetivo suscitado pela análise, ou seja, esteja concernente com o que se propõem o estudo.

As regras servem para manter o rigor da pesquisa e a associação dos conteúdos existentes em todo o material que compõe o *corpus* da pesquisa, mantendo a seriedade metodológica e apresentação substancial das informações.

O objetivo de toda análise de conteúdo é o de assinalar e classificar de maneira exaustiva e objetiva todas as unidades de sentido existentes no texto. Além de permitir que sobressaiam do documento suas grandes linhas, suas principais regularidades. A definição precisa e a ordenação rigorosa, destas unidades de sentido, ajudarão o pesquisador a controlar suas próprias perspectivas, ideologias e crenças, ou seja, controlar sua própria subjetividade, em prol de uma maior sistematização, objetividade e generalização dos resultados obtidos. O objetivo final da análise de conteúdo é fornecer indicadores úteis aos objetivos da pesquisa. O pesquisador poderá, assim, interpretar os resultados obtidos relacionando-os ao próprio contexto de produção do documento e aos objetivos do indivíduo ou organização/instituição que o elaborou (Oliveira *et al.*, 2003, p.06).

A utilização da Análise de Conteúdo de Bardin se estrutura de forma clara para a utilização das informações na pesquisa qualitativa com mais precisão e seriedade. Desde os documentos analisados, bibliografia utilizada e entrevistas realizadas foi possível perceber a ligação dos mesmos com a Educação através da pessoa do Mons. Sebastião Carvalho Vieira. Vale destacar que a Análise de Conteúdo de Bardin consegue fornecer informações e intenções quando o assunto é uma pesquisa qualitativa.

O quadro abaixo demonstra a categorização das informações através da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) e utilizada ao longo da dissertação presentes em todo o *corpus*.

Categorias	Temas/Códigos
1. Revisão Bibliográfica sobre Educação Formal	<i>Educação na Escola</i> <i>Educação Sistemática</i> <i>Educação com planejamento</i> <i>Educação por Currículos.</i> <i>Educação intencional</i> <i>Educação com objetivos</i> <i>Educação Convencional</i> <i>Educação Inteligível</i> <i>Educação estruturada para o ensino.</i> <i>Educação com parâmetros</i>
2 .Revisão de Bibliográfica sobre Educação Não Formal	<i>Educação em Instituições</i> <i>Educação com propósito</i> <i>Educação local</i> <i>Educação cultural</i> <i>Educação social</i> <i>Educação Religiosa</i> <i>Educação fora do ambiente escolar em espaços públicos ou privados</i> <i>Fora do sistema de escolarização</i> <i>Possui maior significado</i> <i>Possui valor sentimental</i> <i>É participativa e efetiva</i> <i>Extracurricular</i> <i>Educação através do Lazer</i> <i>Liberdade de espaço.</i> <i>Criatividade</i> <i>Possui reconhecimento social</i> <i>Contribui para a cidadania.</i> <i>Possui estrutura</i>
3. Revisão Bibliográfica sobre a Educação Informal	<i>Senso Comum</i> <i>Não depende de estruturas</i> <i>É cotidiana</i> <i>Conversa informal</i> <i>Educadores são pais, família, amigos, colegas, os meios de comunicação.</i> <i>Cria costumes e hábitos</i> <i>Expressa valores e crenças únicos</i>

	<p><i>Cria partilhas</i> <i>Experiências ao longo da vida</i> <i>Experiência com o outro</i> <i>É sociocultural e criada no e pelo ambiente</i> <i>É ecológica</i> <i>Não é intencional</i> <i>Não é organizada</i> <i>É próxima, independente e profunda.</i> <i>Está em todos os lugares.</i></p>
<p>4. Sebastião Carvalho Vieira à luz dos documentos pessoais, eclesiais, atas, homenagens e entrevistas.</p>	<p><i>Sacerdote</i> <i>Padre</i> <i>Reitor</i> <i>Místico</i> <i>Mestre</i> <i>Educador</i> <i>Formador</i> <i>Inspetor</i> <i>Professor</i> <i>Pai Espiritual</i> <i>Pai da Comunidade</i> <i>Cônego</i> <i>Monsenhor</i> <i>Amigo</i> <i>Inspiração</i> <i>Artista</i> <i>Escritor</i> <i>Presidente de Associação</i> <i>Assistente Social</i> <i>Inteligente</i> <i>Perspícaz</i> <i>Inovador</i> <i>Agente Transformador</i> <i>Comprometido com o próximo</i> <i>Homem de Deus</i> <i>Sábio</i> <i>Democrata</i> <i>Republicano</i> <i>Sério</i> <i>Inovador</i> <i>Cidadão Jacutinguense</i> <i>Liderança</i> <i>Escritor</i> <i>Editor</i> <i>Pároco</i> <i>Único</i> <i>Humilde</i> <i>Dinâmico</i> <i>Administrador</i> <i>Irmão</i> <i>Referência</i> <i>Empreendedor</i> <i>Pastor</i> <i>Ético</i> <i>Promotor Humano</i></p>

Educação na compreensão de Monsenhor Vieira	<i>Cada adulto é um professor</i> <i>Sentir a responsabilidade de educador</i> <i>Praticar Justiça</i> <i>Educar para as Lutas da Vida</i> <i>Orientar para o Trabalho Honesto</i> <i>Garantir Subsistência</i> <i>Toda criança é gente</i> <i>Toda criança poderá ser cidadão do amanhã.</i> <i>Educar é conhecer o caminho</i> <i>Educar é amar o próximo</i> <i>Educar é perceber a fragilidade</i> <i>Fornecer capacitação</i> <i>Ampliar oportunidades</i> <i>Formar professores</i> <i>Incentivar a Arte</i> <i>Buscar recursos</i> <i>Ser bom exemplo</i> <i>Sentir parte da comunidade</i> <i>Cuidar dos menos favorecidos</i> <i>Incentivar a leitura</i> <i>Doar-se em sonhos.</i>
---	--

Quadro 1 – Categorização e criação de Códigos com base em Bardin (2011) para pesquisa qualitativa.

Fonte: O autor

Para Sampaio e Lycarião (2018), a Análise de Conteúdo está ativamente ligada a três princípios, a saber: validade, replicabilidade e confiabilidade. O primeiro representa a melhor aproximação do que é verdade ou falsidade; o segundo a forma como a pesquisa pode ser replicada, uma condição e o terceiro resulta na confiabilidade dos códigos criados para se obter consensos, concordância e resultados.

A pesquisa em toda a sua construção passa pela Análise de Conteúdo para gerar uma compreensão mais exigente, a fim de responder o objetivo a seguir.

1.3 Definição do objetivo e procedimento de análise.

Dentro da Análise de Conteúdo, o *corpus* de pesquisa deve obedecer a uma classificação temática a partir de códigos que possam entrelaçar as informações de modo a apresentar interpretações que demonstrem claramente o objetivo do pesquisador no contexto desejado. Indagações e inquietações são essenciais para formulação do trabalho a ser desenvolvido. Assim o *corpus* do trabalho consiste em

analisar e compreender as contribuições de Mons. Vieira dentro uma espécie de tripé constituído pelos espaços criados pela Educação Formal, Não Formal e Informal em Jacutinga (MG).

Estes espaços educacionais quando observados cuidadosamente e metodologicamente, podem levantar informações documentais, orais ou visuais sobre a vida de Mons. Vieira e sua ligação com a Educação; a Análise de Conteúdo aplicada nessa observação possibilita registrar suas formas de ensino, perceber a beleza de sua obras de arte e valorizar espaços educacionais criados, influenciados e aperfeiçoados por Mons. Vieira; Além de sustentar as entrevistas realizadas que abordaram pessoas próximas ao seu convívio em vida através da história oral e reminiscências;

A educação é capaz nos dar a possibilidade de outro mundo. É conscientizar, desalienar, acabar com fetiches que transformam as relações humanas em fenômenos estáticos, como se fossem impossíveis de qualquer mudança. Acreditar na possibilidade de outro mundo é educar para o que ainda não é, uma utopia. Assumir a história como uma possibilidade e nunca como fatalidade. Perceber que os espaços formais e não-formais são espaços especiais à formação crítica, superando a lógica desumanizadora do capital, do individualismo (Gadotti, 2007).

O homem não consegue existir pela própria natureza, depende de outros, necessita aprender. O homem educa-se e educa novas gerações. Educação é vida. Ler, escrever, aprender dominar os rudimentos das ciências sociais e naturais auxiliam na compreensão do mundo, inclusive da necessidade que o trabalho tem de incorporar conhecimentos da vida e sociedade (Saviani, 2007).

Portanto, o objetivo fundamental dessa dissertação é analisar e compreender as contribuições de Mons. Sebastião Carvalho Vieira dentro da Educação Formal, Não Formal e Informal em Jacutinga (MG). De modo a valorizar a história jacutinguense e arquiocesana de Pouso Alegre (MG) para assim tentar consolidar o primeiro trabalho acadêmico sobre Mons. Sebastião Carvalho Vieira e suas ações ligadas à Educação.

Capítulo II

A EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO-FORMAL E INFORMAL: DEFINIÇÕES E CONCEITOS

“Educação, educere, significa mostrar o caminho, indicar a rota. Quem educa deve estar bem educado, porque ninguém dá o que não tem. Para mostrar o caminho com segurança é necessário conhecê-lo”

Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira

Quando se fala em Educação, não há uma única definição. É preciso analisar sobre qual tipo de educação se propõe a realizar. Assim, identificar seus caminhos e contextos, não apenas como transmissão de conhecimento, mas como uma ação que acompanha toda a formação do ser humano, de forma a inseri-lo e integrá-lo na sociedade (Angelini, 2021).

Nos últimos dois séculos, com diversas inovações tecnológicas e estruturais, avanços na Ciência, mudanças nas tradições, formas de expressão e relações humanas, juntamente com a aceleração do ritmo de vida e a redução das distâncias no espaço e no tempo, foi possível perceber a crescente importância dada à personalização, competitividade e à representação da vida cotidiana. Através das imagens intensificadas dos meios de comunicação de massa, as instituições sociais responsáveis pela educação passaram a enfrentar um dilema: a busca pela formação integral do indivíduo para a vida e a formação técnica especializada para o trabalho (Cavallet, 2000).

Bruno (2014) explica que a necessidade de diferenciar espaços formais ou não na educação, nascem da supremacia da visão escolarizada dentro da educação, a partir da crescente visibilidade dos processos educativos não formais na segunda metade do século XX. Assim, julgou-se necessário e urgente, distinguir e delimitar modalidades educativas existentes em tempos e épocas. Entretanto, a origem deste fenômeno, segundo a autora, situa-se nas práticas emergentes de educação de adultos que se destacaram no período pós 2ª guerra mundial. O que torna um valioso patrimônio e potencialidades destas experiências educativas.

O entendimento da educação como um processo amplo e abrangente e a importância de se equacionarem diferentes modalidades educativas presentes nas práticas sociais, como forma de contornar a hegemonia da forma escolar, permitiu a emergência de uma tipologia de modalidades educativas referidas como educação formal, não formal e informal (Bruno, 2014, p.12).

De acordo Marandino (2017), o aumento do interesse pelo assunto é influenciado por diversos fatores, como o contexto social e político relacionado ao papel da educação popular e da educação ao longo da vida. Desde os anos de 1960, especialmente no campo da educação em ciências naturais, essa expansão é resultado do apoio tanto do governo quanto do setor privado a diversas iniciativas de divulgação científica em níveis nacionais e internacionais. No Brasil, nos últimos quinze anos, foram propostas políticas públicas para promover a inclusão social, incluindo a criação de museus e centros de ciência, a realização de feiras de ciência, olimpíadas científicas, semanas nacionais de ciência e tecnologia, com o objetivo de ampliar o acesso e a qualidade das atividades educacionais e sua divulgação.

A educação é concebida como estando relacionada ao atendimento do desenvolvimento das capacidades humanas do mundo moderno para o mundo pós-moderno como relacionada ao processo ensino-aprendizagem e, entendida também como mecanismo de socialização, envolvendo desde a construção e transmissão do conhecimento até a incorporação de valores morais, éticos, políticos, etc., e como agente formadora do homem e de suas relações para o convívio social (Lima, 2003, p. 143).

Marandino (2017), estabelece os espaços de educação onde esses processos de ensino e aprendizagem acontecem pela seguinte classificação:

Educação formal: sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional;

Educação não formal: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem;

Educação informal: verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – da família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa (Marandino, 2017, p.812).

A sociedade depende da educação para que possa se tornar um lugar de respeito, paz, qualidade de vida e corresponsabilidade entre seus membros. Todos, crianças, jovens, adultos e idosos, são incluídos nesse processo formativo e estão interligados através de seus valores e vivências.

Horta e Campos (2014), compreendem que nos contextos onde essas práticas são inovadoras, surgem condições diversas que promovem aprendizados

com impacto positivo em diversas áreas da sociedade, como educação cívica, integração social, educação formal e inclusão social de grupos diversos.

Formas e experiências devem ser percebidas como essenciais para sua formação integral. Ambos espaços se complementam e fazem do campo educacional uma riqueza imensurável à pesquisa.

A seguir, serão construídas as definições desse “tripé educacional” constituído por: educação formal, educação não formal e educação informal para contextualização da dissertação.

2.1 Educação Formal: compreensão e definição sobre o espaço tradicional de ensino.

A educação é essencial para que os indivíduos possam usufruir dos recursos e serviços disponíveis na sociedade. É um direito universal de todos os seres humanos, necessário para o pleno exercício de outros direitos em uma sociedade democrática. Por essa razão, o direito à educação é amplamente reconhecido e protegido pela legislação de quase todos os países, incluindo a Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas (especificamente nos artigos 28 e 29) e o Estatuto da Criança e do Adolescente do Brasil (ECA). Privar alguém desse direito é negar o acesso aos direitos humanos básicos. A educação é um direito de cidadania, muitas vezes destacado como prioridade, mas nem sempre eficaz, cumprido e assegurado na prática (Gadotti, 2005).

Para Dias e Pinto (2019), a educação consiste num processo social enquadrado na concepção de mundo, estabelecendo os fins a serem atingidos dentro do processo educativo, prezando a concordância com as ideias dominantes numa dada sociedade. Os autores afirmam, que não pode ser entendida de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar, mas, pensada, refletida como uma prática social, situada historicamente, numa determinada realidade.

Na concepção de Cascais e Terán (2014), a educação costuma capacitar as pessoas para enfrentar os desafios ao longo de suas vidas. Portanto, é essencial uma educação contínua para fornecer suporte em diversas áreas, como economia, sociedade, ciência e tecnologia, diante das demandas de um mundo globalizado.

A educação proporciona o desenvolvimento das capacidades humanas, de suas habilidades e competências como a própria BNCC traz em seu texto. Assim, falar

de Educação Formal é perceber parte da construção do indivíduo e sua trajetória de vida na sociedade em diversas épocas e momentos.

A educação é, desde a sua gênese, objetivos e funções, um fenômeno social, estando relacionada ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma determinada sociedade. O ato de educar é um processo constante na história de todas as sociedades, não é o mesmo em todos os tempos e lugares, e é, em sua essência, um processo social. Além disso, educação e sociedade se correlacionam porque a primeira exerce forte influência nas transformações ocorridas no âmago da segunda (Dias; Pinto, 2019, p.449).

Educação como processo social é constituída da contextualização relativa ao lugar que se encontra e se aplica. A sociedade muda e se transforma de acordo com a educação que seus membros recebem e compartilham.

A Educação Formal é aquela que permite a aquisição de conhecimentos previamente apresentados dentro da escola, atendendo as propostas curriculares definidas pelos órgãos oficiais ligados a educação. Existe uma intenção, um fim em si. Para muitos é o único local onde a educação acontece de fato.

A Escola em geral, é vista como uma instituição indissociável do processo educacional, tanto que, geralmente é associada ao termo “Educação Básica” e muitos autores descrevem a Escola como o principal pilar da educação formal. E muito dessa definição deve-se à estrutura das atividades, montada para que o indivíduo esteja “preparado para o mundo”, para agir e interagir nos meios sociais em que pode estar inserido, tanto dentro como fora dos muros da escola (Santos; Germano, 2015, p.02).

Essa concepção de educação sistematizada e normativa traz a base do que se definirá como Educação Formal, isto é, aquela que se associa exclusivamente à escola como instituição oficial do saber e aprendido.

Arantes (2018), afirma que este tipo de educação pertence a uma instituição histórica, de modo funcional para algumas sociedades. Faz parte de um processo global com dinâmicas que atuam sobre os indivíduos.

Para Gohn (2006a), a educação formal se desenvolve no espaço escolar com seus conteúdos previamente selecionados e demarcados. Em seu espaço particular, essa educação tende a ser metódica, seguindo um currículo, disciplinas, regras e níveis de conhecimento.

Com uma afirmativa mais voltada para as políticas públicas, Gadotti (2005), acredita que a educação formal advém já de uma estrutura hierarquizada e burocratizada. Estrutura onde percebe-se objetivos claros e específicos dependentes

de uma diretriz educacional que é fiscalizada e controlada por órgãos do Ministério da Educação. Para poder se tornar um direito de todos.

Sendo assim, a Educação Formal está centrada na escola e sua estrutura curricular pré-estabelecida dentro de cada nível escolar. Como Bianconi e Caruso (2005, p.20) resumem, é aquela “que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado”.

Discorre Yannoulas (2014) que a concepção do sistema educacional formal e de escola foi desenvolvida ao longo da história e não é uma categoria universal que se aplica em todos os tempos e lugares. A ideia de sistema educacional é característica da sociedade moderna, especialmente ligada ao processo de industrialização. Para a autora, o período de intensa urbanização, com a migração da população para as cidades em busca de oportunidades nas novas indústrias, marcou o surgimento da demanda por serviços educacionais e pelo Direito à Educação, associados à participação política em sistemas democráticos e republicanos.

Angelini (2021) percebe como a educação formal foi sendo constituída pelas sociedades nas mais variadas épocas, principalmente como uma necessidade para formação do homem civilizado presente nos espaços urbanos; para a autora, representa também uma sociedade que exigia a aprendizagem da leitura e escrita, como primordial para o desenvolvimento nesses espaços. Destaca que no princípio, eram selecionados aqueles que comporiam essa educação, contudo, atualmente e principalmente no Brasil, através da LDB de 1996, houve a instituição legal da obrigatoriedade de todas as crianças estarem matriculadas a partir dos 6 anos de idade nas instituições de Ensino Fundamental (EF).

Lima *et al.* (2019), afirma que a educação formal nasce com o advento do capitalismo, com as alterações ligadas as formas de produção em decorrência da industrialização dos grandes centros. O que exige uma formação específica e científica, que não podem ser adquiridas de forma natural, mas por um processo que seja sistematizado. Surge da regulação de leis, normas institucionais de ensino, com análise de conteúdo e locais próprios para aplicação. Ela analisa dados e tem origem em planejamentos e modelos pedagógicos.

Na construção de um modelo pedagógico é prioritário que se tenha clareza sobre o ideal e o perfil buscado e sobre quais compromissos norteiam esta busca. No momento seguinte, é importante a seleção de princípios educativos que possibilitem a concretização deste perfil (que não seja algo utópico) e na

sequência, a elaboração de uma proposta curricular exequível e que propicie atingir os objetivos pretendidos (Cavallet, 2000, p.04).

A educação formal está presente na Constituição Federal de 1988 como direitos de todos e dever do Estado.

Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (Brasil, 1988).

O Artigo 208 da Constituição Federal garantiu o direito à educação como um direito público subjetivo, o que implica que qualquer pessoa que não tenha acesso à educação obrigatória tem, teoricamente, meios legais para reivindicar esse direito. É responsabilidade do cidadão (ou de seus responsáveis legais no caso de crianças e adolescentes) exigir esse direito quando for prejudicado (Yannoulas, 2014).

Percebe-se que a Educação Formal é regulada pela Constituição, leis específicas e normas relativas às instituições de ensino. Ela é assegurada a população para seu pleno desenvolvimento em sociedade, tornando-se um direito de todos.

A educação formal é um direito social reconhecido constitucionalmente que precisa ser assegurado pela política educacional, mas que na prática está marcado pela incompletude da sua realização, especialmente para a população em situação de pobreza - que reconhecemos ser a população predominante entre os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas. Por esse motivo, tomamos a relação entre educação formal e situação de pobreza como ponto de partida para a nossa discussão sobre a escola como instrumento de promoção e garantia de direitos (Yannoulas, 2014, p.245).

Yannoulas (2014) entende que a educação pública formal tem sido e ainda é uma necessidade nas sociedades contemporâneas. No Brasil, a busca por uma educação pública de excelência para todos é defendida pelos movimentos sociais e vista como essencial para uma sociedade democrática e republicana. No entanto, uma discussão sobre a universalização da educação deve incluir uma reflexão sobre o

papel que o sistema educacional desempenha ou deveria desempenhar na promoção e garantia dos direitos de toda a população.

Já para Biesdorf (2011), a educação formal escolar se fundamenta em três objetivos: a formação da pessoa humana, o desenvolvimento da ciência e o domínio da técnica. Ambos essenciais para o homem viver bem numa sociedade.

Partindo de uma definição simples e global, podemos associar a educação formal às aprendizagens que têm lugar num ambiente organizado e estruturado, que confere uma qualificação e está associada aos sistemas de ensino regular, de formação profissional e de ensino superior (Patrício, 2019, p. 105).

A educação formal parte da formação escolar regular, profissional e superior. Centralizada dentro das instituições controladas pelos órgãos educacionais oficiais do Estado. Então, o sistema educacional brasileiro, dividido cronologicamente, graduado e com hierarquia que vai desde a educação infantil, passando pela educação básica até a formação superior, representa a Educação Formal. De modo geral, entende-se que a escola estaria no topo do ensino em relação aos demais locais onde se ensina algo não escolar.

Ela pode ser realizada em escolas criadas e mantidas pelo governo, em nível municipal, estadual ou federal, escolas confessionais organizadas por grupos religiosos, e em escolas privadas ou concebidas e mantidas por fundações vinculadas à sociedade civil, a empresas, entre outros. A educação formal estendesse, no Brasil, desde a educação infantil até o ensino superior, incluindo o ensino técnico profissionalizante (Perez, 2013, p.06).

Para Machado (2012), a educação formal representa um aprendizado organizado em hierarquia, que inicia na educação infantil, passa pela educação básica, chegando na educação de nível superior e também no técnico profissional. Em todos os ciclos formativos, a educação formal reage de forma centralizadora.

A Educação Formal, pode ser chamada de escolarização nesse sentido. Uma vez que:

Formal refere-se a tudo que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura. Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Neste sentido a educação escolar convencional seria tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal (Libâneo, 2018, p. 81).

Libâneo (2018), estende a educação formal para todas aquelas que possuem estrutura, organização e intenção para que o ensino ocorra de modo sistêmico. Para ele, ensino é método, organização, conteúdo e fim.

Sousa e Alberto (2008), explicam que o conhecimento adquirido por meio da educação formal influencia o desenvolvimento futuro e tem um papel crucial, promovendo o avanço das funções mentais que ainda não estão totalmente desenvolvidas no início da vida escolar. Dessa forma, o aprendizado das matérias escolares fornece as condições ideais para o progresso das habilidades mentais mais avançadas, que estão na zona de desenvolvimento proximal e podem ser alcançadas com auxílio de outros mais experientes, como colegas ou professores, durante as experiências escolares.

A educação formal ocorre em escolas, sejam elas públicas ou privadas, com a presença de profissionais da educação (professores, gestores e outros funcionários), com objetivos de ensino claros, e alunos conscientes de sua participação e supostamente comprometimento no processo educativo. Geralmente, essa modalidade de educação é organizada pelos Estados nacionais, em diferentes níveis educacionais e sistemas de ensino (Perez, 2013). Todos devidamente regulamentados.

No Brasil a educação formal é regulamentada pelo Ministério da Educação (MEC), pelas Secretarias de Estado da Educação e Conselhos Nacional e Estaduais de Educação, além das Secretarias e Conselhos Municipais de Educação, entre outros. Essa educação segue as determinações legais presentes na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e apresenta documentos de prescrição, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais. A educação formal é, ainda, estruturada em sistemas de ensino, organizados pela União federativa, pelos Estados, pelos municípios e pelo Distrito Federal, que atuam em regime de colaboração. Cada uma dessas dimensões administrativas possui incumbências específicas ligadas ao sistema de ensino, definidas e reguladas a partir da legislação federal pertinente. Em resumo, a educação formal é sinônimo de escolarização (Perez, 2013, p.05).

Guimarães e Fortecoef (2021), entendem que a educação formal possui uma organização intencional, marcada por propostas educativas que visam a concretizar objetivos concebidos em tempo e espaço previamente definidos, com destaque para papéis específicos e avaliações que possam ser quantificáveis.

A educação formal nas escolas tem, como principais metas, a formação integral do indivíduo, o avanço da ciência e o aprimoramento das habilidades técnicas, os quais são fundamentais para a integração do ser humano na sociedade e para viver em conformidade com suas normas (Biesdorf, 2011).

Os professores da educação formal, nas escolas, desempenham um papel fundamental no ambiente escolar. As atividades educacionais formais são regulamentadas pelas entidades governamentais, pela legislação educacional específica e pelas diretrizes que orientam o trabalho dos professores, determinando o que deve ser ensinado e aprendido. Além disso, os professores devem possuir formação superior específica para serem considerados aptos a atuar no ambiente escolar (Perez, 2013).

Além disso, educação formal pode proporcionar habilidades como raciocínio lógico, pensamento abstrato, linguagem conceitual, conceitos matemáticos e outros. A interação social e o acesso ao conhecimento científico por meio da instrução formal são essenciais para o desenvolvimento das capacidades mentais superiores, como memória, pensamento, linguagem e atenção (Sousa; Alberto, 2008).

Há um debate contínuo sobre o potencial da educação formal para abordar a desigualdade social e ser fundamental na construção de novos projetos de vida. Às vezes, espera-se que a educação resolva todos os problemas, enquanto em outras situações é vista como causa da perpetuação da desigualdade na sociedade (Guimarães; Fortecoef, 2021).

Em alguns casos, a educação é considerada apenas como uma ferramenta neutra. A verdade está em um ponto intermediário: a educação formal é importante para combater a desigualdade, mas é essencial que você esteja conectado a outras políticas (trabalho, saúde, moradia, etc.) para desempenhar seu papel na interrupção das condições de reprodução social e política neoliberal (Yannoulas, 2014).

“A educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas” (Gadotti, 2012, p.01).

Não há como dizer que a Educação Formal não faça parte das sociedades ao longo da história. Pois a escola, sua principal representante, tem seu lugar reservado, suas leis, normas e diretrizes que a tornam essencial para a vida humana. É um espaço sagrado e mantido como principal local do saber. Afirmativas que corroboram

para que a sociedade se organize e opere em busca de possibilidades mais coerentes para o exercício da prática educativa.

2.2 Educação Não Formal: outros ambientes educacionais intencionais.

A instituição escolar desempenha um papel crucial na formação dos indivíduos, porém, não é o único ambiente relevante nesse processo. É essencial considerar também o contexto familiar e cultural em que o aluno está inserido, pois a educação é um processo contínuo que é influenciado tanto pelas instituições quanto pelas interações sociais (Quadra; Dávila, 2016).

A ideia de educação não formal, não é atual, existe muito antes que a mesma se tornasse popular. Porém, somente no último terço do século XX que começa a fazer parte da linguagem pedagógica (Arantes, 2018).

Ela surge no âmbito pedagógico juntamente com as críticas ao sistema tradicional de ensino, em um período denominado de crise da educação, no final da década de sessenta, em que diversos setores da sociedade (além do educacional, como o serviço social, saúde, cultura, entre outros) perceberam que a escola e a família não eram capazes de atender a todas as demandas sociais que lhes eram atribuídas, delegadas e esperadas (Garcia, 2013).

Historicamente, até os anos 80, a educação não-formal no Brasil estava ligada a processos de alfabetização de adultos (Gonh, 2000). Tinham como base as propostas de Paulo Freire e outras práticas dos movimentos sociais. A educação de jovens e adultos foi a que ficou mais em evidência, mas outras práticas de educação voltada para a educação ou reeducação dos “menores” existiam também há bastante tempo.

A partir da década de 90, devido às mudanças na economia e nas formas e relações próprias do mundo do trabalho, a demanda para a educação se modificou, ampliando suas necessidades para além dos conteúdos programáticos e curriculares atribuídos e desenvolvidos pela educação formal (Garcia, 2013, p.04).

Os diversos modos de ensinar se apresentam fora do ambiente escolar, em locais de acesso público ou privado, em reuniões de grupos, associações, ou apresentações como seminários, fóruns e simpósios. Na maioria das vezes, com objetivos estabelecidos, informações fundamentadas e critérios relevantes para a formação humana.

Na grande parte dos textos acadêmicos, está associado a atividades, procedimentos, estratégias e processos de aprendizagem. Em contextos nos quais

essas práticas são inovadoras, surgem condições variadas que promovem a realização de aprendizagens com impacto significativo em várias áreas da sociedade: no desenvolvimento da cidadania, na inclusão social, nos sistemas educacionais convencionais e também nos caminhos específicos de integração social de grupos com diferentes origens (Hortas; Campos, 2014).

“A educação não-formal surge para complementar a educação formal, já que esta, sozinha, não consegue responder à todas as demandas sociais” (Quadra; Davila, 2016, p.22).

A educação não formal se distingue da educação formal por não seguir os padrões formais estabelecidos por instituições oficiais e certificadas. Enquanto a educação formal é regulamentada pela legislação nacional, a educação não formal opera de forma mais flexível em relação ao espaço e ao tempo, não possuindo um currículo predefinido em termos de conteúdos, temas ou habilidades para serem diversificados (Gohn, 2016). No Brasil ela é uma modalidade de ensino em formação e com estudos recentes, porém praticada há décadas.

No Brasil, referindo-se a pesquisas e estudos do campo da educação não-formal, é possível considerá-lo como uma nova área, em formação, que ainda está se descobrindo e se conhecendo. Dessa forma, a educação não-formal no Brasil, está sendo construída, tendo como interlocutores, as pesquisas já produzidas em outros países, e as recentes produções brasileiras sobre o tema. Além de considerarmos que as contribuições também vêm de outras especificidades da educação e de outras áreas do conhecimento⁸.

As pesquisas nessa área no Brasil são bastante recentes, e vêm crescendo nos últimos anos. O mesmo não é possível dizer em relação às atividades práticas e às ações do dia-a-dia, pois ao analisarmos os relatos e a bibliografia de outros países percebemos que o Brasil desenvolve atividades e ações no campo da educação não-formal já há muito tempo, sem, no entanto, denominá-las com essa terminologia, utilizando, muitas vezes, termos como: educação alternativa, educação complementar, jornada ampliada, educação fora da escola, projetos socioeducativos, contraturno escolar, segundo horário e outros (Garcia, 2013, p.06).

As relações em espaços alternados da sociedade, principalmente na coletividade complementam os saberes da Educação Formal e apresentam novos conteúdos e objetos para pesquisa. O saber se torna amplo e concreto, enriquecendo as experiências adquiridas. Agrega-se valor sentimental além do participativo e favorece a formação cidadã com finalidade.

Na atualidade, a disciplina Educação Não Formal compõe a grade curricular da maioria dos cursos de Educação ou Pedagogia, também nas faculdades e universidades particulares. A Lei de diretrizes e Bases da Educação

Nacional- LDB, de 1996, abriu caminho institucional aos processos educativos que ocorrem em espaços não formais (Gohn, 2020, p.10).

As pesquisas sobre Educação Não Formal, estão presentes na formação dos docentes porque a LDB em seu Art. 1º defende estes espaços como família, convivência, trabalho, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, tradições e manifestações culturais. Assim, “alguns espaços não-formais de Educação têm se constituído como campo para diversas pesquisas em Educação que buscam compreender principalmente as relações entre os espaços não-formais e a Educação formal no Brasil” (Jacobucci, 2008, p.57).

Para Arantes (2018), a Educação Não Formal se diferencia da Formal pelo fato de estar excluída do sistema educativo, uma diferença administrativa legal em suma. Pode acontecer em espaços de trabalho, lazer, cultura, na educação social e até mesmo dentro da escola como atividades extracurriculares. O espaço não formal possui o seguinte significado:

O termo “espaço não-formal” tem sido utilizado atualmente por pesquisadores em Educação, professores de diversas áreas do conhecimento e profissionais que trabalham com divulgação científica para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas (Jacobucci, 2008, p.55).

A educação não formal coopera para aquisição de saberes através de inúmeras pessoas e espaços, como Perez (2013) afirma:

Dito de outra forma a educação não formal é estruturada e promovida por indivíduos, grupos ou organizações que compreendem a necessidade de realizar de modo estruturado e intencional o ensino de determinados conhecimentos ou saberes e práticas, voltado para pessoas e grupos que, deliberadamente, buscam construir aprendizagens que lhes sejam significativas. O que marca esta modalidade de educação é o fato de suas atividades ocorrerem fora do sistema de escolarização formal (Perez, 2013, p. 386).

A liberdade do espaço não formal, não interfere na estrutura da sua própria educação. Pois, embora esteja fora da instituição escolar, ela possui objetivo e fim. De modo a propor conhecimento e prática como um novo ambiente educacional.

A educação não-formal organiza o processo de ensino e aprendizagem sem seguir vários requisitos formais, como por exemplo, pode ser realizada em qualquer ambiente, desde que apresente uma dinâmica diferente de aulas

expositivas, não priorize a memorização e utilize ferramentas didáticas diversificadas e atrativas. Ela não aparece para substituir a educação formal, e sim, para complementá-la. Os espaços não-formais devem ser locais prazerosos, que valorizem as emoções e motivações (Quadra; Dávila, 2016, p.22).

Para Gohn (2006b), o ensino não formal é significado de criatividade e participação efetiva da comunidade, em que os indivíduos se baseiam em concepções morais, tradicionais e culturais. Porque:

[...] capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados *a priori*, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e Justiça Social quando presentes num dado grupo social fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural, é uma meta na educação não-formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade em oposição a barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (Gohn, 2006b, p. 29-30).

A Educação Não Formal, não depende de conteúdos e objetivos previamente elaborados como na Formal. Ela é resultado de interações e necessidades de um grupo de pessoas que visa a coletividade e se baseiam em valores e respeito, para que mesmo estando fora escolarização tradicional tenha seu reconhecimento social e sua contribuição à cidadania.

Não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos (Gohn, 2009, p. 32).

Gohn (2020) discorre também que as práticas relativas à educação não formal acontecem fora dos muros escolares em organizações sociais, movimentos sociais, programas de formação sobre direitos humanos na luta por direitos, no campo das artes e cultura e também em projetos com participação de colegiados, conselhos e representantes da sociedade civil. De certo modo, ela potencializa a educação formal, transformando a mesma ao longo dos anos, de acordo com suas necessidades e contextos. Para a autora, é um direito do ser humano e uma ferramenta de transformação, formação e construção da cidadania em qualquer nível social ou de escolaridade.

As atividades de educação não formal ocorrem também fora do ambiente escolar, por meio de organizações sociais, movimentos e programas de capacitação que abordam temas como direitos humanos, cidadania, identidade, combate às desigualdades e exclusões sociais. Essas práticas desempenham um papel central nas iniciativas de inclusão social promovidas por Organizações Não Governamentais (ONGs), especialmente nas áreas de artes, educação e cultura (Gohn, 2016).

[...] a Educação não-formal é diferente da Educação formal, por utilizar ferramentas didáticas diversificadas e atrativas, isto nem sempre é verdade. Há muitos exemplos de professores que adotam estratégias pedagógicas variadas para abordar um determinado conteúdo, fugindo do tradicional método da aula expositiva não dialogada. E também há exemplos de aulas estritamente tradicionais e autoritárias sendo realizadas em espaços não-escolares (Jacobucci, 2008, p.56).

Assim, Gohn (2020, p.12) define Educação Não Formal como:

[...] um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não formal, não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas. A educação não formal diz respeito à formação do ser humano em geral, é conquista, é direito social de todos (as).

Tanto quanto a educação formal pertence à vida da pessoa, a não formal complementa o processo educacional formativo. É um aprendizado livre e que possibilita prazer, partilha e vivências. Porém, visa uma intenção, não é algo criada a partir do nada.

A educação não formal tem como método básico a vivência e a reprodução do conhecido, a reprodução da experiência segundo os modos e as formas como foram apreendidas e codificadas. Nessa educação, as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas (Gohn, 2020, p.64).

A educação não formal é aquela que se adquire através das experiências vividas no dia a dia, por meio do compartilhamento de vivências em espaços e atividades coletivas. Está relacionada à educação cidadã que, no ambiente escolar, envolve a democratização da gestão e do acesso à escola, bem como a democratização do conhecimento. Na educação não formal, o foco é a formação de cidadãos livres, emancipados, que possuem uma ampla gama de direitos e deveres em relação aos outros (Gohn, 2014).

Dependendo do contexto nacional, a educação não formal pode abranger programas que contribuem para a alfabetização de jovens e adultos e educação para crianças fora da escola, bem como programas de habilidades para a vida, habilidades de trabalho e desenvolvimento social ou cultural. Pode incluir treinamento no local de trabalho para melhorar ou adaptar as qualificações existentes e competências, formação para desempregados ou inativos, bem como percursos educativos alternativos à educação formal e treinamento em alguns casos. Também pode incluir atividades de aprendizagem procuradas na busca por auto-desenvolvimento (UNESCO, 2011, p. 12).

Para Marques e Freitas (2017, p.1096), “na educação não formal o leque de possibilidades pode ser variado, desde a aprendizagem individualizada à mais coletiva”. Para os autores a educação não formal costuma ser facilitada não apenas por um professor, mas por outro mediador, como um guia de museu, animador, líderes entre outros.

Na educação não formal o educador é “o outro” com quem se interage ou se integra. O local, espaço ou território onde se educa, assume-se como outra das questões fundamentais nesta distinção, pois acompanha as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos fora das escolas, seja em locais informais, seja em locais onde existem processos interativos intencionais. O contexto ou situação educativa constrói-se em ambientes de ação construídos coletivamente e a participação, regra geral, é voluntária. Nesta modalidade importa destacar a intencionalidade da ação educativa, da participação, de aprender, de transmitir ou trocar saberes (Bruno, 2014, p.13).

Além da escola se abrir para o mundo exterior, permite aos estudantes acessar conhecimento por meio das experiências dos profissionais que atuam em diversos contextos, essa forma de aprendizagem demonstra ter impactos altamente positivos (Gadotti, 2005). Isso se deve às oportunidades que os alunos têm ao gerenciar seus próprios caminhos educacionais e ao terem maior flexibilidade no acesso ao conhecimento, que agora não está mais restrito aos momentos presenciais

dentro da sala de aula. O fato de os estudantes serem responsáveis por construir seu próprio percurso de aprendizagem se torna, por si só, uma fonte de aprendizagem (Hortas; Campos, 2014).

Na educação não formal, o conhecimento é descrito como mais aplicável na prática, e o processo de aprendizagem é impactado por fatores como percepção, consciência, emoção e memória (Marques; Freitas, 2017).

A concepção de educação não formal, descrita até o momento, diz respeito a um aprendizado mais livre, mas que não deixa de ser intencional e com propósito. Embora não esteja nas fileiras da educação formal, ela se torna mais atrativa porque atende os interesses daqueles que a buscam. Não se apresentando como uma forma de aprendizado imposta por um currículo previamente estabelecido.

A educação não formal valoriza o indivíduo como um ser pensante, atuante e emocional, que carrega consigo uma cultura que deve ser respeitada para seu crescimento e desenvolvimento. A cultura é essencial para a identidade humana, e os valores desempenham um papel fundamental na sua formação (Angelini, 2021).

Neste sentido capacita-os para se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Aqui os objetivos não são dados previamente, constroem-se na interação, gerando um processo educativo, voltado para e a partir dos interesses e necessidades de quem participa. A educação não formal não é organizada por níveis, idades ou conteúdos e pode atuar sobre aspectos subjetivos de um grupo (cultura política, laços de pertença, identidade coletiva, processos de cidadania coletiva e pública do grupo (Bruno, 2014, p.14).

Cascais e Terán (2014), dissertam sobre a afirmativa de que focada na utilização de diversos ambientes educativos para oferecer aulas mais dinâmicas, essa abordagem da educação não formal, pode ajudar os alunos a compreender os conteúdos do currículo do ambiente formal de ensino com mais interesse.

Na Educação atual podemos perceber que:

As novas tecnologias da informação criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, podendo, de lá, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar fora das escolas a informação disponível nas redes de computadores interligados, serviços que respondem às suas demandas pessoais de conhecimento (Gadotti, 2005, p.03).

Para Gadotti (2005), nos últimos anos, a educação não-formal tem se expandido significativamente em todo o mundo, sendo reconhecida como “educação

ao longo da vida” pela UNESCO. Essa abordagem abrange uma variedade de aprendizados para promover uma vida plena e harmoniosa. A difusão de cursos de autoconhecimento, filosofias e técnicas orientais de relaxamento, meditação, alongamento, entre outros, não é mais considerada como algo esotérico ou uma fuga da realidade.

Para o professor desse tempo, compreender este tipo de educação e sua complexidade é um desafio. Gadotti (2005, p.03), tece a seguinte afirmativa:

Para isso o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem. O professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem. É aquele que “cuida” da aprendizagem.

Na educação não formal, o conhecimento é essencial para se conhecer melhor, tanto a si mesmo, quanto às relações humanas em sociedade. Ajuda a compreender o mundo, adquirir habilidades e competências para o trabalho, participar das decisões da vida em diferentes áreas, compreender o passado, planejar o futuro e comunicar o saber, além de permitir continuar aprendendo e aprofundando o conhecimento existente (Gadotti, 2005).

Perez (2013), afirma que a educação não formal se desdobra em 2 áreas de atuação. A saber:

Educação Corporativa

É a educação para o trabalho, normalmente custeada e realizada pelas empresas, voltada para a formação dos funcionários, colaboradores e fornecedores. **Estes últimos normalmente são inseridos em processos formativos oferecidos por grandes empresas, com as quais se relacionam, e que desejam integrar os funcionários da empresa fornecedora, comumente de menor porte, à sua cultura organizacional.** As atividades da educação corporativa são realizadas em serviço, cursos ou formações específicas, com vistas ao desenvolvimento do trabalhador. Nessa modalidade particular de educação não formal, os processos de formação podem estar relacionados à atividade laboral do funcionário ou ao desenvolvimento integral do trabalhador, ainda que não estejam diretamente associadas à função e ao trabalho realizado por um indivíduo ou grupo.

Formação em Cursos Livres para Áreas Diversas do Saber e da Prática

Este tipo de educação não formal **diz respeito ao conjunto de saberes e fazeres que são ensinados por instituições dedicadas a educar pessoas de modo livre, para além da escolarização formal, de modo intencional e organizado.** São processos em que os aprendizes dedicam tempo e se mobilizam afetiva, intelectual e/ou fisicamente para aprender. Alguns exemplos que se inserem nesta categoria são: as autoescolas, que ensinam homens e mulheres a dirigir automóveis, motos e caminhões; os cursos de

idiomas, beleza e moda, gastronomia, etc., desde que realizados fora do currículo escolar; **atividades formativas e cursos livres de educação para o mundo do trabalho**, como aqueles que ensinam aspectos relacionados a práticas profissionais, como cursos para o manuseio e controle de máquinas e equipamentos, oferecidos por organizações públicas ou privadas, fora do currículo escolar tradicional (Perez, 2013, p.16, grifo nosso).

Essas atividades que possuem características não formais são, na verdade, atividades informais que foram institucionalizadas, mas que também podem adotar elementos que se aproximam do ensino formal, como uma certa padronização do processo de ensino-aprendizagem. No campo do ensino das ciências, por exemplo, é comum encontrarmos desafios diante de conceitos abstratos, que muitos professores tentam superar por meio de atividades práticas ou projeções, realizadas em locais como museus de ciências, espaços interativos, que sejam repletos de experiências que auxiliam de modo eficaz o progresso científico (Santos; Germano, 2015).

De acordo com Marandino (2017), parece que a exploração e o aprofundamento teórico na área da educação, ao tentar definir o termo não formal, gerou reflexões valiosas sobre as práticas educativas da escola e de outras instituições culturais, bem como sobre as interações entre elas. Esse movimento tem ajudado a compreender e legitimar a área educacional, o que pode ser um incentivo para continuar a busca por uma definição mais precisa.

A educação não formal é frequentemente negligenciada pelo senso comum e pela mídia, pois não se enquadra nos processos tradicionais de ensino escolarizado dentro de uma escola, que é uma visão predominante sobre a educação. Essa forma de educação abrange diversas dimensões, como a conscientização política dos direitos dos cidadãos, a preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho através do desenvolvimento de habilidades e potencialidades, e o aprendizado e prática de atividades que capacitam as pessoas a se organizarem em prol de objetivos comunitários e na resolução de problemas (Gohn, 2014).

Quando se olha, para a história local, é possível perceber esses espaços não formais criados e atendendo as necessidades da população.

A importância do conhecimento da história e do compromisso social da assistência social, vem no sentido de ajudar a compreender o lugar social dos chamados Projetos socioeducativos, Casas de Passagem, Projetos Educacionais para crianças e jovens "carentes" etc., pois, no discurso de muitos deles encontramos tanto valores da assistência compreendida como

direito, como do assistencialismo praticado como benesse e como controle das camadas pobres da população.

Dessa maneira, a hipótese que se levanta aqui é a de que, na construção da trajetória dessa área de intersecção da educação não-formal com a chamada educação social, o campo da assistência social vem caminhando concomitantemente, trazendo elementos que lhe são próprios, em alguns momentos contribuindo para a construção desse "novo" espaço institucional, e em outros, amarrando e fortalecendo as posturas características do assistencialismo. (Garcia, 2013, p.07).

Portanto, pode se compreender que a educação não formal, também está presente dentro templos religiosos, associações e projetos educacionais, desde que estes criem intencionalidade, objetivo e fim para o curso, catequese, formação ou qualquer outro conteúdo a ser ofertado. Sempre com vistas a formação humana.

2.3 Educação Informal: experiências únicas ao longo da vida.

Marcado pelos avanços tecnológicos e mudanças no poder e na educação, o século XX foi caracterizado como um período de transformações e novidades. Após retrocessos e reformulações, tornou-se evidente a necessidade de considerar que o homem não poderia mais se limitar ao tradicional e sistematizado por meio de uma visão antiquada da educação. Surgiram, então, ideias externas para uma educação mais espontânea, baseada em experiências e vivências compartilhadas entre indivíduos por meio da interação social (Silva, 2024).

No século XXI, há diversas formas de entender a educação, para além do ambiente escolar, sendo importante considerar que a Educação Informal deve estar conectada à Educação Formal. Pois, a Educação Formal fornece disciplina e estrutura na formação do cidadão, ao passo que a Educação Informal nos ensina por meio da convivência com os outros, revelando que o aprendizado pode ocorrer de maneira mais interessante (Silva, 2024).

A educação está em quase todos os lugares. É difícil escapar dela, afinal, o ser humano a encontra em casa, na rua, nas celebrações religiosas ou na escola. Existem inúmeras situações no cotidiano que envolvem aprendizado. Por isso, que não existe um único modelo de educar, tampouco apenas um ambiente de ensino (Silva; Claro; Pereira, 2021).

Desde seu primeiro contato com este mundo a “educação faz parte da vida de cada ser humano. Ao nascer, a pessoa é inserida em um grupo social onde existe

uma cultura e esta cultura também norteará os rumos que a educação das pessoas deste grupo social deverá seguir” (Biesdorf, 2011, p.02).

Em pleno século XXI, a escola não é mais vista como o único ambiente reservado para se construir conhecimento, mesmo sendo primordial a frequência de todo cidadão no ambiente escolar desde os 4 anos de idade mediante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de Nº 9.394/96. Segundo a LDB (2017, p. 11), art.6º “é dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças a partir dos 4 (quatro) anos de idade”. O documento também deixa clara a importância de vincular o formal e o informal através da inclusão da vida social no meio acadêmico (Silva, 2024, p.75).

A princípio, é bom distinguir entre os diferentes tipos de educação: a educação formal ocorre nas escolas, seguindo um currículo predefinido; a educação informal é adquirida durante o processo de socialização dos indivíduos em ambientes como família, comunidade, clubes, interações com amigos, entre outros. É permeada por valores, culturas, senso de pertencimento e emoções transmitidas. A educação não formal é aquela adquirida através da experiência ligada ao compartilhamento de vivências em espaços e atividades coletivas do dia a dia (Gohn, 2014).

Embora a concepção de educação esteja fortemente ligada ao espaço escolar, ao ponto de não ser observada em outros espaços, ela está implícita em muitas práticas cotidianas, ela integra as mais variadas práticas sociais de diferentes grupos. Até mesmo nas sociedades chamadas “primitivas” (ou pré-modernas), crianças e jovens aprendiam sobre a vida adulta por meio das relações cotidianas (Silva; Claro; Pereira, 2021, p. 07).

Portanto, o conhecimento e o aprendizado também se projetam na educação informal onde “os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, membros da igreja, os meios de comunicação de massa etc.” (Gohn, 2006a, p.01). Ela possibilita o desenvolvimento de costumes, hábitos, formas de expressar valores, crenças, formas de pensar através da socialização ao longo do convívio e partilhas. “A família é a principal instituição responsável pela educação informal, através da qual são ensinados os costumes humanos como falar, andar, comer, religião, cultura” (Biesdorf, 2011, p.03).

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem

seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante (Libâneo, 2010, p. 26).

A educação informal está atrelada às relações cotidianas, ao senso comum em alguns momentos, não depende de uma estrutura montada para ser educação, mas sim do que se aprende com o outro. Em diversos momentos, se aprende muito mais numa conversa informal do que numa aula expositiva ou numa palestra toda construída previamente. Esse tipo de educação provém de uma forma indiferenciada do conhecimento (Patrício, 2019).

O conhecimento é algo que pode ser adquirido de forma espontânea e/ou mediadora, de forma que os contribuintes para o ensino e aprendizagem não se limitam ao corpo docente presente nas instituições formais, mas sim, estende-se ao elo familiar e ao convívio social, ou seja, a família e a interação com o meio onde vive contribui ativamente na educação, agregando valores, cultura e etc. (Silva, 2024, p.65).

Analisando a educação formal e não formal como processos que visam um fim, uma intenção, independentemente de onde se originam, entende-se a segunda como os aprendizados realizados ao longo da vida, através de experiências no meio social, carregado de cultura e valores próprios que dão sentimento de pertencimento. Adquiridos nos relacionamentos com o outro, com a informação, com a tecnologia, com a cultura e outros ambientes fora da intenção e da organização formal.

As novas gerações estão cheias de curiosidades, são adeptas ao novo, ao desconhecido. Em pleno século XXI, seria difícil trabalhar em sala de aula com métodos arcaicos, baseados em quadro e caderno, professor como centro de tudo e o aluno como “ser” passivo impossibilitado de falar ou questionar (Silva, 2021, p.81).

A curiosidade e o interesse real por um determinado assunto são influenciados pelo novo, pelo atual. O que muitas vezes não está inserido dos planos da educação formal. Assim entende Libâneo (2010):

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com o seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas (Libâneo, 2010, p. 31).

Num primeiro momento, a educação informal é simples em sua essência, mas profunda no modo de acontecer. Tende a ser parte íntima do ambiente humano. Produz proximidade, independência e profundidade. É uma educação presente em diversos ambientes.

Na educação informal, não existem restrições de local, horário ou currículo. Os conhecimentos são compartilhados em um ambiente de interação sociocultural, onde a única condição necessária é a presença de alguém que saiba e de alguém que queira ou precise saber. Nesse contexto, o ensino e a aprendizagem acontecem de forma espontânea, muitas vezes sem que os participantes tenham consciência do processo (Santos; Germano, 2015).

Para Ferreira; Sirino e Mota (2020) é também um juízo de valor sobre uma determinada realidade, baseada no senso comum.

A educação informal se articula por meio de saberes originados dos grupos sociais em sua estreita relação com a vida cotidiana. Esse conjunto de conhecimentos sobre o real se transforma na base concreta na qual se movimentam tanto a educação formal quanto a considerada não formal. De fato, vale recorrermos à filosofia da educação para entendermos uma das que podemos considerar como sendo uma das principais características da educação informal e que se faz presente na vida dos sujeitos e de seus respectivos grupos sociais, embora os mesmos não sejam capazes de identificá-los de forma explícita: a constituição do conhecimento da realidade, a partir do exercício do juízo da razão sobre o mundo que se manifesta e a constituição do campo semântico do senso comum e suas representações cognitivas do mundo (Ferreira; Sirino; Mota, 2020, p.591).

Não existe método, nem currículo, nem normatização na educação informal. É uma educação sem objetivar um propósito. Acontece naturalmente e traz significados únicos, interpretados segundo a experiências, a emoção e o interesse. Para Patrício (2019) é todo tipo de aprendizado fora do ambiente formal e não formal.

A educação informal é um processo espontâneo de aprender. Ela ocorre das aprendizagens involuntárias, não organizadas nem deliberadas, mas com sabedoria e baseadas na experiência, realizadas em contextos da vida cotidiana em socialização com amigos, família e comunidade (Patrício, 2019, p.105).

Mesmo que não haja uma intenção, a preocupação pelo reconhecimento relacionados ao conteúdo da educação informal se faz fundamental nos processos educacionais por dois motivos: entender como os grupos sociais e seus indivíduos constroem os seus conhecimentos sobre o mundo e suas relações grupais; e quais

as ideologias presentes nesses grupos que os fazem movimentar sobre o mundo, assim como as escolhas que são realizadas pelos seus integrantes (Ferreira; Sirino; Mota, 2020).

A educação informal desempenha um papel crucial na sociedade, influenciando significativamente as relações interpessoais. Atualmente, observa-se uma diminuição da valorização da educação informal. As famílias por exemplo, estão transferindo a responsabilidade de educar seus filhos para as escolas, que por sua vez são limitadas e despreparadas para essa tarefa (Biesdorf, 2011).

Bruno (2014), acrescenta que a educação informal se destaca pelo seu potencial educacional das situações menos estruturadas do ponto de vista educativo, que ocorrem no dia a dia em contextos que não são geralmente voltados para a escola. No entanto, ao considerar a educação como um conjunto de experiências planejadas, organizadas e direcionadas para uma ação educativa sistemática, fica evidente que a aprendizagem informal se difere muito da formal por não oferecer tanta estrutura reconhecida.

Santos e Germano (2015), defende que um espaço que proporciona uma educação informal, mas, no entanto, possui uma estrutura de conhecimento reunido, são os museus e memoriais. Evidente que em vários destes locais, existem profissionais como historiadores, museólogos e outros que organizam suas falas e conhecimentos a serem compartilhados.

Geralmente nessa modalidade de educação um dos principais diferenciais é que os processos de ensino e aprendizagem ocorrem de forma simultânea, sem que haja uma sequência lógica de acontecimentos programados e que objetivem de fato a aprendizagem como fruto. Os conhecimentos “brotam” das relações socioculturais, da interação social (Santos; Germano, 2015, p.07).

Para Marques *et al.* (2020), os museus e memoriais são locais destinado à conservação da história de uma comunidade. São espaços para pesquisa e educação, especialmente para compartilhar conhecimento, já que a escola não é o único lugar para essa atividade. Apesar de não possuírem a mesma organização do ensino formal, os museus, ONGs, associações de moradores, escolas comunitárias e outros locais também têm o papel de difundir conhecimentos.

A Arte e seu ensino também possuem destaque na educação informal, pois elas apresentam “estudos e vivências realizadas em contextos plurais e passíveis de

contribuir com as dimensões da formação do ser humano relacionadas à subjetividade, à cognição, à inclusão, ao respeito à diversidade cultural e à pluralidade dos contextos históricos de diferentes grupos” (Reily; Simão, 2022, p.02).

Seja no campo formal, dentro da escola, ofertado através de uma educação já previamente determinada e regulamentada ou numa conversa familiar informal. A educação acontece e traz em si valores distintos, porém que se complementam na formação do caráter e da intelectualidade propriamente dita.

Este assunto torna-se importante, já que a educação informal está ligada a família como primeiro espaço para transmissão do conhecimento prévio da criança e esta transmissão se estende ao convívio social, seja no clube, na praça, na igreja, no parquinho, na casa do vizinho e etc. Uma vez que, a escola não se separa da comunidade, é viável valorizarmos as contribuições que um aluno dotado de conhecimento de mundo atribui em sala de aula (Silva, 2024, p.67).

Faz-se necessário refletir sobre a construção de uma identidade educacional que significa perceber onde ela acontece e de que forma se propaga na vida das pessoas. O mais importante é perceber que a Educação é reflexo de vivências, experiências, tradições, manifestações culturais e ensinamentos formais que moldam os indivíduos quer onde estejam.

A educação é a própria vida sendo moldada através de um sistema e/ou do convívio social, em um ambiente formal ou informal buscando alcançar o mesmo objetivo, transformar seres críticos e reflexivos capazes de democratizar sobre os seus ideais. É através dessa troca de conhecimentos, que ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo, sem que haja detentor do saber e mentes consideradas vazias. A educação deve ser permanente, para que os saberes adquiridos não passem a ser obsoletos. Estamos falando de Educação Informal, aquela que se dá depois dos muros escolares, mas, que na verdade, deve estar inteiramente presente nela, uma vez que a educação se dá através da cultura de um povo (Silva, 2024, p.74).

Nessa perspectiva, a educação informal está constantemente presente na vida de qualquer ser humano. Pode ser entendida como parte de sua formação e aliada a formação formal ou não formal. Uma vez que elas se complementam na construção da identidade do indivíduo.

A seguir, no próximo capítulo, serão analisadas e identificadas as ações de Mons. Sebastião Carvalho Vieira e sua atuação nesses espaços da educação formal, não formal e informal na cidade de Jacutinga (MG) que ultrapassaram os muros da Igreja.

Capítulo III

BEM-VINDO “SEO CÔNEGO”: A CIDADE, IDENTIDADE, CHEGADA E ATUAÇÕES NA EDUCAÇÃO

*"Ele é PROFESSOR, mas daqueles que se revelam mestre.
Mais do que conceitos, ensina vida."*

Dom Darci José Nicioli, C.Ss.R

A cidade de Jacutinga, no sul de Minas Gerais, recebeu, reconheceu e homenageou em diversos espaços, um grande sacerdote da Igreja Católica, o respeitado Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira.

Padre que viveu mais de 40 anos na cidade e trabalhou como pároco por mais de 30, tem seu lugar guardado na memória do povo jacutinguense. Principalmente, os acima dos 40 anos, o conheceram como Cônego Veira ou Padre Vieira. Sendo ainda lembrado por muitos como um grande homem que pisou nessa terra

Sábio, humilde, artista e compromissado com a causa dos mais pobres, Mons. Vieira, reconhecido como cidadão jacutinguense, esteve à frente de ações, decisões e contribuições que mudaram os rumos da história de Jacutinga entre 1958, ano de sua chegada como pároco, a 2006, ano de seu falecimento.

Trouxe em sua companhia, a senhora sua mãe e suas irmãs quando chegou, mas foi pai e irmãos de um rebanho que o abraçou e viu nele um olhar diferente.

Mons. Vieira assumiu responsabilidades, mesmo não sendo natural desta terra, que outros não tiveram coragem de enfrentar. Foi homem sério, pai espiritual de um povo, que aprendeu com ele, a sonhar e acreditar num futuro melhor.

Admirado por muitos, talvez incomodo para alguns, Mons. Vieira era atuante na Igreja, nas escolas, no Colégio Santo Antônio, na Associação Jacutinguense de Proteção à Criança e no dia a dia de muitos. Assim, andou pelos espaços formal, não formal e informal da educação e do conhecimento dando sua contribuição como educador.

Professor dedicado, mestre na arte, sacerdote da Igreja e acima de tudo um ser humano que sentiu a dor do outro e possibilitou esperanças, se tornou modelo e influência para os que partilharam suas vidas com ele.

Jacutinga se tornou sua terra, e nela repousa seus restos mortais. Mas, sua presença é viva no coração de muitos e nas palavras dissertadas a seguir.

3.1 Jacutinga: um breve histórico que antecede a chegada do professor Cônego Vieira.

A cidade de Jacutinga localizada no sul de Minas Gerais conta com população de 25.525 habitantes, numa área de 348 km² de acordo com o Censo de 2022² e tem como data de sua fundação o ano de 1835, conhecida naquele momento como bairro de Mogi Abaixo que pertencia a antiga freguesia de Ouro Fino, quando então foi construída a primeira capela³, do povoado chamado “Ribeirão de Jacutinga”, localizada no sul de Minas Gerais, em homenagem a Santo Antônio de Pádua. Após 36 anos, devido ao seu desenvolvimento já possuía aspectos de cidade e o vilarejo e então foi denominado de “Santo Antônio de Jacutinga”⁴ e elevada como freguesia com provimento canônico.

Já vão longe os tempos em que o capitão português Antônio Correia de Abranches Bizarro, natural de Sabugosa, participando do desbravamento de Jacutinga, tomou posse de terras em diversos pontos de nosso território, na divisa com Ouro Fino. Aliás, menciona-se que, bem antes da abertura de picadas, o povoamento já se iniciara pelas vias naturais, os rios, sobretudo o rio Mogi, denominado na região Mogi Abaixo. Também ribeirão de São Paulo (ao norte) e o rio Eleutério (ao sul) contribuíram para isso. Relata-se que, por volta de 1.805, o povoamento já atingira as margens do Eleutério. Em 1.803, pelo que se diz, já havia moradores no Sítio Forquilha. Entre os antigos povoadores de Jacutinga é citado Antônio Pessoa de Lemos, natural de Sabará, estabelecido com fazenda na barra do Ribeirão de São Paulo. Suas terras, englobavam a área onde hoje se situa Jacutinga. Ao falecer, a 12 de agosto de 1.811, deixou testamento e foi sepultado na Matriz de Ouro Fino.

Em razão de permuta feita por seus herdeiros, a fazenda passou a pertencer ao capitão Antônio Correia de Abranches Bizarro, que aumentou com posses feitas nos morros da Capetinga e da Baleia. Depois, em 18 de agosto de 1.817, a propriedade foi vendida, através de escritura particular lavrada na barra do São Pedro, a José Francisco Fernandes, que viera de Pouso Alegre com sua família. Revela Orville Derby que o capitão Abranches Bizarro também tomou posse de terras na paragem denominada Poço Fundo, terras que vendeu a 16 de março de 1.826. De acordo com a tradição, o mais antigo proprietário da fazenda do Poço Fundo foi o Cel. Emídio de Paiva Bueno, sendo admissível que a tenha adquirido do capitão Bizarro na data mencionada.

²IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022.

³ Foi encaminhada à Cúria Diocesana de São Paulo uma representação encabeçada por José Francisco Fernandes, morador, mostrando a necessidade da capela naquele bairro. Atendida por Dom Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, Bispo de São Paulo, membro do Conselho da Sua Majestade Imperial e Constitucional em 26 de março de 1835 (Valle, 2000, p.35)

⁴ Lei provincial nº 1786, de 22 de setembro de 1871 com provimento canônico datado de 14 de fevereiro de 1973 quando se recebe o pároco, o padre Italiano Cristóvão Fatigatti (Valle, 2000, p.39)

Mudou-se para a propriedade, tendo, segundo Orville Derby, exercido influência nas questões de limites que se seguiram. Com o passar do tempo, aumentando a população do bairro Mogi Abaixo, tornou-se necessário erigir uma capela, sob invocação de Santo Antônio [...]

Entretanto, talvez devido a uma demanda entre José Francisco Fernandes e Manuel Carlos da Motta Bastos, seguida do falecimento do primeiro, a 21 de junho de 1.841, e de sua mulher, dona Joaquina Esmérica Ribeiro, a 3 de maio de 1.845, nada se fez ao longo de dez anos. Mas José Francisco Fernandes e sua mulher deixaram terras doadas para o patrimônio da capela. A localidade junto à qual se ergueria esta tomaria o nome de Ribeirão de Jacutinga.

Em agosto de 1.845 estava a capela edificada, tendo como zelador o capitão Emídio de Paiva Bueno. Jacutinga foi elevada a freguesia em 1.871, e, a vila e município em 1901 (IBGE, 2023).

Viotti e Dias (2018) relatam que no ano de 1871, Santo Antônio da Jacutinga torna-se distrito de Pouso Alegre e, em 1880, foi incorporado ao município de Ouro Fino. Nesta época um plantio de cerca de 1 milhão de pés de café na região.



Figura 1 – Vista da região central de Jacutinga, ao fundo Igreja Matriz de Santo Antônio em construção, início do século XX.

Fonte: Câmara Municipal de Jacutinga.

Bresci (2016) afirma que com o reconhecimento da freguesia acelerou o crescimento do bairro, intensificado com a vinda de imigrantes na segunda metade do século XIX, com destaque para os italianos, espanhóis e portugueses.

A pequena vila cresce e necessita de melhoramentos, então em 1984 é criado o Conselho Distrital que manda instalar 50 lâmpadas a gás, cria o matadouro municipal, manda colocar placas em 11 ruas e a grande melhoria veio com a inauguração da Estação de Ferro Vale do Sapucaí no dia 15 de março de 1987, fazendo a cidade um entreposto de ligação de Minas Gerais com São Paulo (Bresci, 2016, p.30).

Para Viotti e Dias (2018) o ano de 1987 foi importante para escoar a produção de café, pois de acordo com o *Almanaque Sul Mineiro*⁵ de 1876, o café era maior cultura com 1,6 milhão de pés e exportação de mais de 50 mil arrobas (735 mil toneladas) por ano. A falta de estradas e vias férreas prejudicava o transporte do produto. Assim a inauguração da Estação Ferroviária Silviano Brandão beneficiou os produtores locais e trouxe também a estação de Sapucaí, local que aproximou ainda mais Jacutinga dos interesses econômicos e comerciais com o estado de São Paulo.



Figura 2 – Estação Ferroviária “Silviano Brandão” em 1915
Fonte: Câmara Municipal de Jacutinga.

Em 1900 com a criação da Diocese de Pouso Alegre⁶ pelo Papa Leão XIII⁷ em 04 de agosto de 1900 sob pastoreio de Dom João Batista Corrêa Nery, foi fundada um mês depois a Agência do Consulado Italiano em Santo Antônio de Jacutinga por famílias desses dos imigrantes residentes na freguesia.

⁵ Periódico criado na cidade de Campanha, sul de Minas em 1874 por Bernardo Saturnino da Veiga. Disponível em <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/download/80/55/> Acesso em ago. de 2023

⁶ Em 04 de agosto de 1900, a Sagrada Congregação Consistorial expediu o decreto pontifício *Regio Latissime patens*, por meio do qual nasceu a Diocese de Pouso Alegre, sufragânea do Arcebispado de São Sebastião do Rio de Janeiro. Isto significou que o território sul-mineiro desmembrou das dioceses de São Paulo e Mariana. À época, aproximadamente 200 mil pessoas habitavam as 107 paróquias da nova Igreja episcopal, ocupando uma área de 49,4 mil quilômetros quadrados. Disponível em: <https://arquidiocesepa.org.br/arquidiocese/historia/> Acesso em jul. 2023

⁷ LEÃO XIII, papa, nome escolhido pelo cardeal Gioacchino Pecci que liderou a Igreja Católica entre 1878 a 1903.

Com o desenvolvimento e organização evidentes em Santo Antônio de Jacutinga, em 1901 a freguesia se torna município em 16 de setembro de 1901, pela Lei nº 319 passando a se chamar somente "Jacutinga". O nome foi assim designado, pelas muitas aves "Pipile Jacutinga" que habitavam a região, também conhecidas por Jacuapeti, Jacupará, ou peru-do-mato, aves pintangadas, pretas, e com penacho branco.



Figura – 3 – Aburria jacutinga - ave da ordem dos *Galliformes* da família *Cracidae*.
Fonte: Wikiaves.

A expansão cafeeira do nos primeiros 30 anos do século XX traria grandes mudanças e transformações no recém criado município. Valle (2000) cita a criação do Grupo Escolar Júlio Brandão em 1910, cinema em 1913 Jardim Público em torno da Igreja Matriz de Santo Antônio em 1913, o Mercado Municipal em 1914; a avenida Jayme de Miranda Neto (atual Senador Luiz Lisboa), Santa Casa de Misericórdia em 1923 onde funciona desde 1958 o Asilo São Vicente de Paulo, fundado em 1913. Construção do Fórum e Cadeia de Jacutinga, banda de música "Lira Santo Antônio" regida pelo maestro e compositor João Pedro Vieira da Silva.

Em 1919, havia em Jacutinga 350 fazendas e 120 sítios. Em 1917, operavam 18 máquinas de beneficiamento de café, instaladas em fazendas, dez engenhos de moer cana e fabricar açúcar, aguardente e rapaduras; três máquinas para limpar arroz, três fábricas de macarrão, três de cerveja, um curtume de peles, serrarias, uma fábrica de sabão e várias oficinas de marmoristas, marceneiros, ferreiros, sapateiros, alfaiates, seleiros. A cidade era iluminada por uma empresa de eletricidade organizada por iniciativa

particular e a população, calculada em duas mil almas (Viotti; Dias, 2018, p.55).

Ainda sobre o desenvolvimento, “em 1920, Jacutinga já era um dos cinco maiores municípios cafeeiros de Minas Gerais” (Viotti; Dias.2018 p.12). De certa forma, esse destaque na produção cafeeira irá trazer transformações no seu cenário urbano e social.

Os 5 maiores municípios cafeeiros do Sul de Minas em 1920				
Município	População	Área total cult (ha)	Área ocupada café	Pés de café (mil.)
Monte Santo de Minas	30.572	27.241	21.670	16.252
São Sebastião do Paraíso	37.537	23.043	19.653	14.739
Jacutinga	20.615	14.603	11.084	8.313
Machado	29.357	14.569	10.127	7.595
Guaranésia	25.135	12.724	10.024	7.310
Total	1.057.734	399.178	158.066	118.689

Fonte: Relatórios da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro

Tabela 1 – Os 5 maiores produtores de Café do Sul de Minas em 1920
Fonte: Viotti e Dias (2018, p.78).

Viotti e Dias (2018) destacam a fundação do jornal “A Gazeta de Jacutinga” em 1927, hoje com 96 anos de existência e funcionamento, impressa na Casa da Criança, casa idealizada pelo Mons. João Batista Maria Rigotti⁸ através da Fundação de Associação de Proteção à Criança, local que terá à frente, seu sucessor na paróquia, Mons. Sebastião Carvalho Vieira, que enquanto Cônego, dedicou parte de sua vida em prol da educação e assistência das crianças pobres que ali adentraram.

⁸ Entrevista de 22 de março de 1980. Sacerdote católico de extrema importância para Jacutinga. Foi cofundador da maternidade de Jacutinga. Adquiriu em 1951 junto ao governo municipal a doação de um prédio para funcionamento do cinema e teatro das crianças, convertido posteriormente pelo Monsenhor Vieira em Salão das Crianças, foi fundador do Colégio Santo Antônio, Inspetor escolar municipal, construiu a atual casa paroquial entre tantas outras atividades na cidade e demais municípios onde atuou como sacerdote católico. (A Gazeta de Jacutinga. 1980, p.01).



Figura 4 – Monsenhor João Batista Maria Rigotti
Fonte: Acervo Casa da Criança.

A criação do Clube Literário e Recreativo Jacutinguense em 1930, seis anos depois, a publicação da Lei nº 115 de 03 de novembro, onde foi assinado o convênio entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo determinando os limites e linhas divisórias entre os dois estados, foram resultados dos avanços urbanos (Valle, 2000).

Com o crescimento da cidade, surgem também as demandas sociais. A atenção com os mais pobres e vulneráveis se faz necessário entre a década de 30 e 40.

Segundo relatos de moradores mais antigos da cidade, a situação com relação as políticas de atendimento à população nas áreas da saúde, educação, saneamento, eram bastantes precárias. Grande parte da população não possuía água encanada, a população servia-se de água retirada de poços que na maioria dos casos eram compartilhados por até quatro famílias, diga-se de passagem, eram bastante numerosas no período (Bresci, 2016, p.32).

Os problemas se estenderam às crianças de Jacutinga, nesse período, Bresci (2016) discorre que no bairro Alto da Santa Cruz, onde se encontra a Casa da Criança atualmente, a situação de descaso era maior. Havia presença de prostíbulos, local de meretrício, “promiscuidade” e “vadiagem”, pensões e bares onde jogos e violências eram corriqueiros. Crianças viviam pelas ruas próximas, não frequentavam o

ambiente escolar, passavam fome, e à noite desciam ao centro da cidade para pedir sobras de comida. Vivenciavam violência, bebedeiras e brigas em suas famílias.

Em 1947, Mons. Rigotti , decide criar a Associação Jacutinguense de Proteção à Criança (AJPC) através de ofícios enviado pela Secretaria do Interior, órgão do governo de Minas Gerais afirmando a instalação em uma das salas da secretaria a chamada Associação Mineira de Proteção à Criança (AMPC). Decidiram também quem seria as pessoas⁹ que iriam constituir a referida associação. Com verbas destinadas para orçamento de 1948. O objetivo era intensificar a campanha mineira daquele ano “em favor da criança abandonada e delinquente (Bresci, 2018).

Mons. Rigotti será o presidente da AJPC em fevereiro de 1948¹⁰ onde nas reuniões seguintes serão tratados assuntos referentes a construção do prédio da Casa da Criança, patrimônio da AJPC, condutas e normas a serem implantadas e seguidas. A associação nos anos 50 adotará o nome de Educandário da Associação Jacutinguense de Proteção à Criança (EAJPC). Este teria como objetivo ser uma casa de trabalho, formação, doação de vestuário, alimentação às crianças e instalação de pequenas indústrias como granjas, horta, plantações que possam ser revertidas para as mesmas como participação de lucros¹¹.

Mons. Rigotti ficou à frente dos trabalhos da AJPC até 1958 quando foi então sucedido pelo então Côn. Sebastião Carvalho Vieira, objeto principal desse trabalho.¹²

Os anos 2 últimos anos da década de 50 seriam especiais para a população de Jacutinga, pois receberia como pároco o então Côn. Sebastião Carvalho Vieira, vindo da Diocese de Pouso Alegre, impactando grande parte da estrutura social e educacional do então município com pouco mais de meio século de existência e permaneceria a frente dos trabalhos paroquiais, sociais e educacionais por 38 anos ininterruptos.

⁹ No dia 13 de novembro de 1947 no Salão da Ação Católica foi constituída diretoria da AMPC a saber: Presidente, Pedro Aleixo; vice-presidente, Sebastião de Souza; 2º vice-presidente, Sandoval Soares de Azevedo; secretário geral, Dr. Francisco de Souza Lima; 1º secretário, Maria Madalena Ladeira Martins; 2º secretário, Hélio Dagoberto Jardim Linhares; 1º tesoureiro, João de Araújo Barros; 2º tesoureiro, Domingos Montinho Teixeira (Ata nº 01 da AJPC).

¹⁰ Ata nº 02 da AJPC.

¹¹ Ata nº 05 da AJPC.

¹² Infelizmente por erros administrativos da época, não existem as atas da AJPC entre setembro de 1955 e janeiro de 1963.

3.2 Quem é o novo padre? Sacerdote, padre, cônego, reitor, formador e professor.

“Evidentemente, olhá-lo apenas como um mero pároco de Jacutinga, seria desconhecer toda a grandiosidade de sua obra”.

Pe. Francisco Costa, C.Ss.R

Sebastião Carvalho Vieira nasceu em 02 de abril de 1916, na Fazenda Ribeirão Vermelho em Paraisópolis (MG). Filho de Ambrosina Carvalho Vieira e Antônio José Vieira, único filho entre seis filhas (Maria José, Luiza, Adelina, Benedita, Judite e Geralda). Batizado no dia 15 do mesmo mês na Igreja Matriz de São José de Paraisópolis, tendo como padrinhos Olímpio Carlos da Silva e Maria Áurea dos Santos.

Concluiu o curso primário no Grupo Escolar Bueno de Paiva em Paraisópolis, seguiu os estudos no seminário católico de Pouso Alegre, foi ordenado aos 24 anos sacerdote católico em 15 de novembro de 1942, conforme constam na cópia do registro de batismo presente no Memorial Monsenhor Vieira¹³ em Jacutinga MG. Ordenação Presbiteral ocorrida na Catedral do Senhor Bom Jesus em Pouso Alegre pela imposição das mãos do bispo Dom Octávio Chagas de Miranda, 3º bispo da Diocese de Pouso Alegre. A sua formação ao presbitério passou pelo SNSA e depois pelo Seminário Maior de São José em Mariana MG¹⁴ onde cursou Filosofia e Teologia.

¹³ No feriado de quinta-feira, dia 15 de novembro (Proclamação da República) de 2007, data em que o nosso saudoso e inesquecível Monsenhor Vieira completaria 65 anos de vida sacerdotal, após a Missa das 19h30, foi inaugurado o Memorial “Monsenhor Vieira”, junto a videoteca paroquial.

De iniciativa dos jacutinguenses Antônio “Nêgo” Volponi e Marcelo Fidêncio, o Memorial tem por finalidade manter viva a memória do nosso eterno pároco Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira, que aqui chegou no início de 1958 e faleceu em janeiro de 2005. pastor que conduziu os cristãos católicos de Jacutinga.

A Gazeta de Jacutinga. Disponível em: <https://gazetajacutinga.blogspot.com/2007/11/jacutinga-ganha-memorial-monsenhor.html> Acesso em set. 2023

¹⁴ Em 1934, por mandato da Santa Sé, foram extintos os cursos de Filosofia e Teologia existentes no seminário. A partir de então os seminaristas passaram a realizar seus estudos em Mariana. Essa vinculação formativa transcorreu até o final da década de 1970. Em 1947, o seminário sofreu ampliação, a pedido de dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, visitador apostólico. Disponível em: <https://arquiocese.org.br/arquiocese/seminario-arquiocesano/> Acesso em jul. 2023

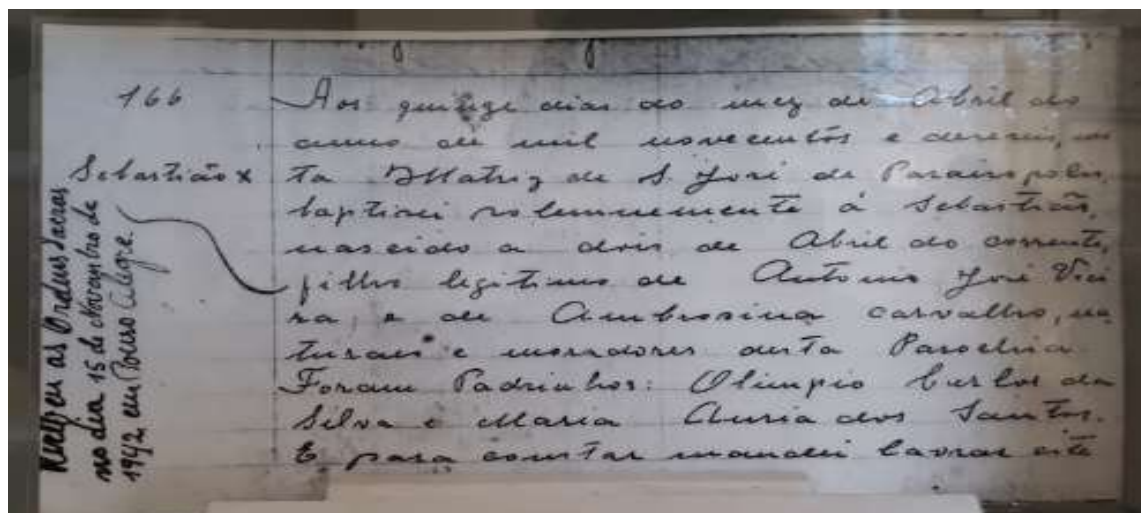


Figura 5 – Cópia do Registro de Batismo do Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira com data de sua ordenação sacerdotal ao lado esquerdo.

Fonte: Memorial Monsenhor Vieira.

O seminário católico maior de Mariana era um dos mais importantes do Brasil, sua formação incentivava o desenvolvimento de grandes mentes e sacerdotes e leigos dedicados, compromissados com a propagação da fé, cristã e amor ao próximo. Côm Vieira era um deles.

foi o primeiro estabelecimento de ensino em Minas, e, se é certo que homens notabilíssimos brilharam no cenário de nossa história, quer no estado eclesiástico, quer no político, todo o esplendor que deles ainda refulge e se derrama em honra do passado foi daquela casa que saiu. O Seminário de Mariana foi, sem contestação, a *alma mater* da vida intelectual da nossa pátria (Vasconcelos, 2014, p. 105).

Durante a vida de seminarista, seu colega de curso, Mons. Antônio Teodoro Tibúrcio o admirava pelo seu ar místico ligado a arte, os colegas o apelidaram de Luiz Gonzaga, em homenagem ao santo. Mons. Tibúrcio não sabia se a Mística o ligou a Arte ou a Arte o ligou a Mística. Mas tinha certeza que Cômego Vieira era seu verdadeiro amigo durante sua vida religiosa, um perfume da virtude. Nas palavras do poema de Mons. Tibúrcio¹⁵.

Eu bem quisera cantar louvores,
Vieira amigo, artista do Senhor;
Tu sempre fazes da Arte, a Virtude,
E da Virtude, a Arte santa do amor

¹⁵ Texto e poemas escritos para *A Gazeta de Jacutinga* em 14 de novembro de 1992 por ocasião do Jubileu dos 50 anos de vida sacerdotal de Cômego Vieira. Mons. Antônio Tibúrcio atuou em Inconfidentes (MG) e faleceu 08 de fevereiro de 2005. Foi ordenado sacerdote junto com Monsenhor Vieira.

Eu sei que andas na terra,
 Mas tens a alma ligada nos céus.
 Tu és a honra, és a glória do clero,
 Brilhante estrela enviada por Deus.

Venho abraça-te, meu querido amigo,
 Pois Deus Eterno está sempre contigo!
 E bem celebras, sem nenhum desdouro,
 As tuas Bodas Santas de Ouro.

Quando ordenado sacerdote, sua cidade natal o recebeu com grande alegria e se preparou para receber das mãos do sacerdote, sua bênção e a Eucarística. Toda a comunidade foi convidada para compartilhar aquele momento de alegria. Teve banda e diversos oradores parabenizando o mais novo padre paraisopolense.

A sua primeira missa cantada foi divulgada pelo pároco através de um programa impresso o chamando de neossacerdote. E era mesmo um novo padre, diferente muitos que haveria de se entregar na busca pelas almas e no cuidado com os mais pobres.



Figura 7

6 – Convite paroquial para receber o novo padre Sebastião Carvalho Vieira.
 Fonte: Reprodução de *A Gazeta de Jacutinga* (14 de nov.1992, p.10).

Os seus primeiros anos no ministério sacerdotal foram como auxiliar de Mons. Dutra¹⁶, em Paraisópolis, sua terra natal, de 1943 até 1949. Depois, assumiu a

¹⁶ Monsenhor Antônio Olinto de Paiva Dutra, antigo Pároco de Paraisópolis MG anos 40 e 50, é muito respeitado por grande parte da parcela do povo da cidade pela seriedade e compromisso com a Igreja. Reconhecido pelas suas virtudes, é considerado um santo por vários devotos que passam pelo

Reitoria do Seminário de Pouso Alegre/MG e em 20 de agosto de 1950 e foi nomeado Cônego Honorário. Após 8 anos de trabalhos no seminário, foi nomeado pároco para a paróquia Santo Antônio de Jacutinga, assumindo a paróquia em 25 de fevereiro de 1958.¹⁷

Para Mons. Júlio Perlatto¹⁸, sacerdote da Arquidiocese de Pouso Alegre, quando seminarista do 2º ano ginásial no Seminário Nossa Senhora Auxiliadora (SNSA) e ex-aluno do Côn. Vieira que era reitor do mesmo entre os anos de 1949 a 1957 em Pouso Alegre (MG), escreveu que desde sua juventude, Côn. Vieira era um professor diferente, comprometido com trabalho, lazer e estudo. Preparava as atividades dos seminaristas com atos de piedade, alimentando a vida espiritual de cada um.

Segundo Mons. Perlatto, Côn. Vieira era um formador que adorava ensaios de responsórios para o Natal, passeios, partidas de futebol, natação e pescarias. Consertavam estradas para poder chegar o catecismo às comunidades afastadas. Várias vezes desatolara, sua “baratinha” (um fusca) nesses momentos formativos. Semeava carisma, conhecimento e cidadania nos seus seminaristas.

E se considerarmos ainda o fato de que a palavra “seminário” nos remete a ideia de semear, temos aí já estabelecida a articulação entre a parábola do semeador e o papel do educador, dando-nos a ideia de um processo ativo, gerador e multiplicador de vida, que demanda, muito além de uma técnica e instrumentos adequados, o máximo de cuidado, empenho e cultivo. Todo semeador, para fazer um bom trabalho, deverá ser zeloso desde o preparo do terreno até a escolha de onde lança a sua semente (Greggersen, 2002, p.108).

Um grande semeador como a parábola que o próprio Cristo contou no Evangelho de Mateus, capítulo 13, versos de 1 a 9. Assim foi o padre, cônego e

Caminho da Fé, nesse trajeto ganhou um busto em sua homenagem (Paraisópolis MG, 2020) Disponível em: <http://www.paraisopolismg/photos/a.263615117012611/4110314552342629/?type=3> Acesso em set. 2023

¹⁷ Transcrição da biografia oficial de Mons. Sebastião Carvalho Vieira dos arquivos da Arquidiocese de Pouso Alegre. Disponível em: <https://arquidiocesepa.org.br/arquidiocese/padres-falecidos/mons-sebastiao-carvalho-vieira/> Acesso em set. 2023

¹⁸ Texto escrito para Gazeta de Jacutinga em 14 de novembro de 1992, por ocasião dos 50 anos de sacerdócio do Monsenhor Vieira. Mons. Perlatto faleceu em 27 de março de 2013, aos 84 anos em Pouso Alegre MG.

monsenhor ao longo de sua vida. Preparando locais para deixar sua semente de amor, fé e humanidade.



Figura 7 – Cônego Vieira com 36 anos, já sacerdote.
Fonte: Acervo O Paraíso de José.

Mons. Perlatto registra que no seminário maior de Mariana MG, os chamados “seminaristas maiores” depois de haver cursado o SNSA , se alegravam em saber que Cônego Vieira continuava orientando e formando os futuros sacerdotes da Igreja. Conclui que Cônego Vieira fez um fecundo trabalho no campo espiritual, na educação e na assistência social, não somente dos seminaristas, mas de todos os que passaram por ele.



Figura 8 - Cônego Sebastião Carvalho Vieira (com sobretudo branco) junto com os seminaristas Natalino Goltardello Zuccato, João Aparecido de Faria e Sebastião Pereira Dal Poggetto em 1957.
Fonte: Acervo O Paraíso de José.

Esse cuidado em formar pessoas para a vida espiritual e para o mundo acompanhou Cônego Vieira por toda a sua vida. Outros mesmos fora da vida religiosa levaram para si, o cuidado e o conhecimento partilhado desse sacerdote durante os anos de reitoria no SNSA.

Sebastião Laércio Machado¹⁹, residente em Itajubá MG, publicou em 22 de novembro de 2015 no blog da *A Gazeta de Jacutinga*, que Côn. Vieira era sacerdote a quem devia muito o que aprendeu dos 11 aos 16 anos no SNSA. Ele firma ser testemunha do seu empenho e enorme dedicação à formação dos seminaristas, de 1952 ao início de 1958. Teve a honra e privilégio de haver estado sob sua competente reitoria. Para ele, são inesquecíveis suas exortações aos seminaristas, feitas sempre a partir de um pedacinho de papel onde anotava cuidadosamente o que queria levar aos alunos. Classificou-o como rigoroso, amigo e companheiro que o inspira à memória para defini-lo como seu grande mestre. Côn. Vieira como seu reitor e formador, junto com outros seminaristas aprendiam a fazer alguma coisa útil como serviços de instalações elétricas, hidráulicas, construção civil e arrancar cupins do pasto da fazenda do seminário.

É a educação cristã como missão para o mundo prevista no documento *Gravissimum Educationis* (GE), promulgado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II em 1965.

Sejam também instruídos sobre a forma de usar os auxílios que as disciplinas tanto pedagógicas, como psicológicas e sociológicas podem prestar, segundo os devidos métodos e as normas da autoridade eclesiástica. De igual modo, sejam cuidadosamente informados da maneira de suscitar e favorecer a ação apostólica dos leigos e ainda promover as várias e mais eficazes formas de apostolado. Sejam embebidos do verdadeiro espírito católico, para se habituarem a ultrapassar os limites da diocese, da nação, ou do rito, e a ajudar as necessidades de toda a Igreja, dispostos a pregar o evangelho em toda parte (GE, 2004, p.316-317).

Antes mesmo da promulgação da GE, Côn. Vieira tinha essa percepção quando formava seus alunos dentro do seminário conforme relatado. Muitos não chegaram ao presbiterato, mas levaram para si, como leigos, a responsabilidade de cooperar na ajuda de um mundo melhor, mais humano.

¹⁹ Depoimento registrado para a *A Gazeta de Jacutinga* em 22 de novembro de 2015 às 14h20. Disponível em: <https://gazetajacutinga.blogspot.com/2007/11/jacutinga-ganha-o-memorial-monsenhor.html> Acesso em jul. 2023

A biografia de um sujeito, no entanto, retrata muito mais que uma vida privada e alheia à coletividade, porque, enquanto ser social, o indivíduo interfere no seu contexto assim como é influenciado pela conjuntura social em que se insere. Assim, um estudo biográfico, permite o despertar de reflexões acerca de um conjunto de fatores de cunho social, econômico e político, que delineiam o contexto do biografado (Fialho; Santos; Sales, 2019, p.19).

Reunir informações e relatos das ações desse grande sacerdote, elevado a Cônego ainda bem jovem e depois a Mons., no final de seu ministério contribui para sua importância na Igreja e para o povo de Jacutinga. Assim, refletir sobre como Mons. Vieira foi importante em seu testemunho de vida, vai além de sua biografia religiosa. Pois ele ultrapassa os limites do templo igreja e sua liturgia.

O sonho viável exige de si, uma prática, uma descoberta constante dos limites e dos espaços livres que precisam ser preenchidos. Alguns problemas de ontem são os mesmos da atualidade (Freire, 1982). Mons. Vieira souber ocupar espaços diferentes na educação foi além de seus limites sacerdotais, dedicando-se muito àqueles que não possuíam sonhos.

Côn. Vieira era um pouco desse educador que sonhava com outro mundo possível, que acreditava e contava com ajuda do próximo, que via o trabalho como dignidade, seu objetivo era também perceber e preencher lacunas que há tempos existiam nas crianças, jovens e adultos de Jacutinga.

Sebastião Carvalho Vieira, chamado carinhosamente pela população de “Seo Cônego” chegou em Jacutinga em 25 de fevereiro de 1958²⁰, era precedente da diocese de Pouso Alegre, onde lecionava no Seminário Episcopal, sucedeu o respeitado Mons. Rigotti, trouxe em sua companhia a sua veneranda mãe Dona Ambrosina Carvalho Vieira e suas irmãs Geralda e Benedita. Com clima de adaptação, estava enfermo e sem um padre auxiliar para atender as demandas paroquianas. Porém, com responsabilidade afirmou que assim que estivesse restabelecido começaria os trabalhos com as capelas, irmandades e associações que seus antecessores se dedicaram. Assim logo o fez.

Major Oswaldo Freire da Fonseca, ex-prefeito de Jacutinga MG escreveu para *A Gazeta de Jacutinga* (1992, p.8) publicada em 14 de novembro as seguintes palavras:

²⁰ Notícia divulgada em *A Gazeta de Jacutinga* em 01 de março de 1958

Se bem me lembro, foi no entardecer de 25 de fevereiro de 1958, que recebemos nosso Cônego à entrada da Sacristia da nossa Igreja Matriz. Na sua primeira fala entre nós, depois da saudação do saudoso Dr. Luiz Vilela Viana, foi logo brincando, como é do seu feitio, dizendo que estava chegando com seu nariz comprido, que chega sempre primeiro que ele. (Risos). De cara soube ser simpático à nossa gente.

A aceitação imediata de alguns paroquianos pode estar ligada à mística cristã que o novo padre carregava consigo, desde sua formação, conforme relatado anteriormente. Esse cristianismo transforma locais e pessoas.

O cristianismo foi, sem dúvida, portador de uma mística poderosíssima, a tal ponto que se constituiu força geradora de civilizações bem conhecidas, a bizantina, no Oriente Próximo e a cristandade ocidental, ambas na chamada Idade Média. Pode-se, pois, falar de uma mística cristã, nesse sentido de força propulsora para a vida das pessoas e de grupos humanos (Lara, 2007, p.01).



Figura 9 – Monsenhor José Carneiro Pinto, Cônego Adolfo Carneiro, Cônego Vieira e Cônego Foch Morais. Ao centro Dona Ambrosina Carvalho Vieira (mãe do Cônego Vieira).

Fonte: Acervo O Paraíso de José

3.2.1 Educação Formal: inspetor e professor.

Mons. Sebastião Carvalho Vieira, estava presente na Educação em vários aspectos e formas, também atuou dentro da chamada educação formal de Minas Gerais, tanto na rede pública quando na rede particular. Esteve entre escolas da cidade.

Na sociedade atual, a escola se tornou a forma principal e dominante de educação a partir da qual as demais formas são aferidas. ... Podemos dizer que a escola, na sociedade atual, é a força pedagógica que tudo domina... Podemos concluir que, embora as formas de educação não escolar tenham precedido historicamente à forma escolar, a situação que hoje se configura nos coloca diante do fato de que não nos é possível compreender a educação sem a escola. ... Podemos afirmar que a anatomia da escola é a chave da anatomia da educação” (Saviani, 2008, p.154-155).

Foi nomeado por ato do Governo de Minas em 15 de abril de 1959, inspetor escolar do município atuando até 1967, embora a Lei nº 2610 de 1962 designasse o cargo de inspetor para normalistas (professores de colégio normal). O mesmo foi até Belo Horizonte na época para deixar o cargo. Porém, foi pedido por Dona Helena Jorge, chefe da inspeção estadual que o mesmo aguardasse sua exoneração. Tal fato ajudou Jacutinga, pois logo após foi requisitado sua assinatura de Mons. Vieira na abertura de escolas nos distritos de São Luiz, São Sebastião dos Robertos, Lar-Escola da Fazenda Sant' Anna e das Escolas Reunidas Floriano Saretti.

Em 22 de janeiro pediu seu afastamento novamente, mas foi negado. O então prefeito de Jacutinga, o sr. Luiz de Moraes Cardoso e a diretora do Grupos Escolar Júlio Brandão pediram que o mesmo permanecesse no cargo. No entanto, em 29 de março recebeu ofício com sua exoneração. Mons. Vieira continuou amigo da escola e dizia que trabalhando como voluntário para o estado, estava fazendo economias para o mesmo e detendo o cargo de uma normalista. O que para ele era injusto²¹.

²¹ Conforme texto redigida por ele, para A Gazeta de Jacutinga sobre seu afastamento da Inspeção Escolar Municipal em 22 de abril de 1967.

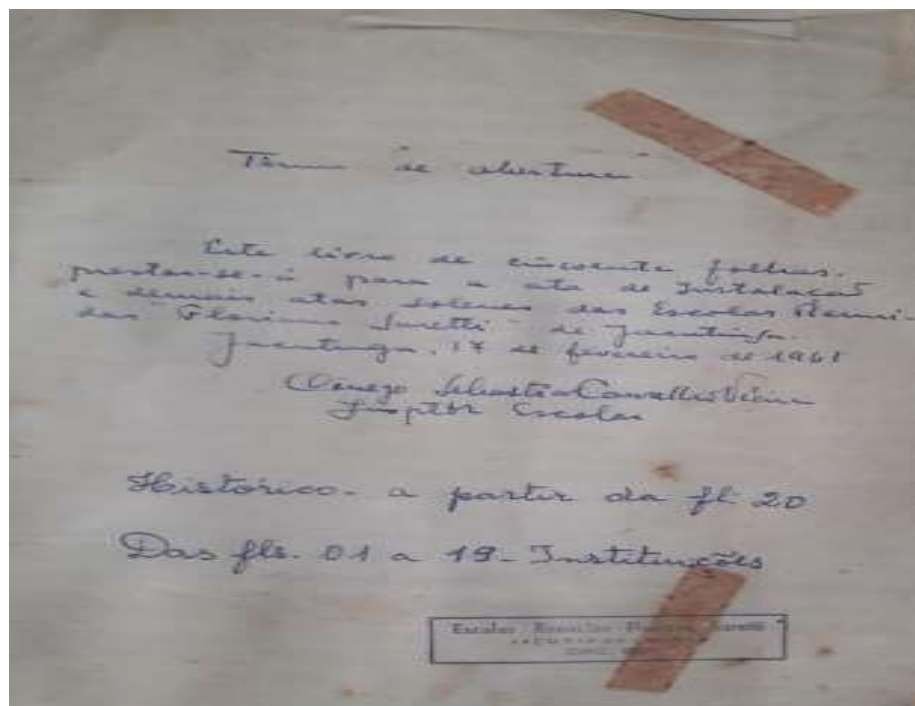


Figura 10 – Folha de abertura do livro de atas das Escola Reunidas Floriano Saretti (atual E.E Floriano Saretti) em 1961 com assinatura do então Cônego Vieira como inspetor escolar.
Fonte: Facebook da E.E Floriano Saretti.

Além da função de inspetor escolar entre as décadas de 1960 e 1980, foi professor do magistério, do Colégio Normal que funcionava dentro do antigo Colégio Santo Antônio, onde funcionou também o antigo ginásio, a Escola de Comércio e o Técnico em Contabilidade. Cursos formativos que infelizmente, na atualidade, estão suas funções canceladas, por motivos administrativos e econômicos.

Foi paraninfo da primeira turma de normalistas, da primeira leva de 20 professores formados em Jacutinga²². E tantos outros que passaram depois.

Vários relatos afirmam que era um excelente professor. Atencioso, sério, mas aberto ao diálogo e aquisição do conhecimento. Lecionou Filosofia, Psicologia da Criança, Educação Artística entre outras.

²² A Gazeta de Jacutinga, 9 de janeiro de 1965, p.1.



Figura 11 – Professores do Colégio Santo Antônio: Judith Gobbo, Tino Viotti, Lygia Bandeira, Clelia Bacci Pieroni, Lu Viotti, Ana Maria Riccetto, João Alves, Michel Farrat, Hermas Clemente Bartholomei, Monsenhor Vieira (destaque) e Ulisses Honorio Correia.
 Fonte: Adaptado de Acervo da Associação Cultural de Jacutinga.

O Decreto Lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946), trouxe a nova estrutura do Ensino Normal, que foi dividida em dois ciclos: o primeiro correspondia ao ciclo ginasial do curso secundário e tinha duração de quatro anos. Seu objetivo correspondia ao ciclo ginasial do curso secundário em Escolas Normais regionais. O segundo Ciclo, com a duração de três anos, correspondia ao ciclo colegial do curso secundário, com objetivo de formar regentes do ensino primário e funcionamento nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação (Borges; Aquino; Puentes, 2011, p. 99).

Em 1968, houve aprovação do Congresso Nacional para uma Reforma Universitária através da lei nº 5540/68 trazendo influências neoliberais à educação brasileira com objetivos de formar técnicos profissionais e atender de forma rápida o mercado dentro da visão do regime militar vigente. Depois em entre os anos de 1971 e 1996, ou a substituição da Escola Normal pela habilitação específica ao magistério. Com a lei nº 5692/71 foi instituída a habilitação específica do de 2º grau para magistério de 1º grau. Com o parecer do MEC nº 349/72 se organizou a habilitação do magistério com carga horária de 2 anos, para lecionar até 4º série e 3 anos para trabalhos até a 6º série do 1º grau (Borges; Aquino; Puentes, 2011).

Mons. Vieira lecionou para todas as turmas de normalistas que passaram, pelo Colégio Santo Antônio, afastando de suas atividades como professor na década de 80²³.

Nas palavras do Pe. Maurício Pieroni em 1992, para *A Gazeta de Jacutinga* em 15 de novembro celebrando seus 50 anos de sacerdócio, Mons. Vieira sonhou com a justiça social, a promoção humana e se tornou o sonho-realidade em pessoa.

3.2.2 A Casa da Criança: uma educação não formal responsável.

A responsabilidade relativa à educação é um compromisso de todos. O testemunho de vida de Mons. Vieira durante os 35 anos que esteve à frente da paróquia de Santo Antônio serviu de modelo para muitos. Sua preocupação em conscientizar todos para serem professores da vida, luz para as crianças da cidade era um alerta quanto ao perigo delas se perderem no futuro. Em 30 de novembro de 1964, Mons. Vieira para *A Gazeta de Jacutinga*, escreveu as belas palavras abaixo:

A criança de hoje está numa escola constante. Cada adulto é um professor: ou lhe transmite uma mensagem para o bem ou desorienta para o mal. Quantos não medem as consequências de suas ações públicas e, no entanto, vão inculcando na mente da criança o seu mal exemplo, quantos estão sendo hoje aa ruína do futuro.

Fazemos um apelo para que sintamos a responsabilidade de educadores da criança de hoje. A criança observa sempre, é perspicaz e vê muito. Temos o dever de ajudá-la a ser boa, correta, crescer amando o dever, praticando a justiça e o bem para não ser futura vítima de nossos maus exemplos.

No primeiro momento como pároco em 1958, sua atenção dentro da educação foi primeiro com o Educandário Casa da Criança, hoje Casa da Criança, instituição pertencente à AJPC onde permaneceu como presidente até 1993²⁴. Era uma instituição fora do campo formal da educação tradicional na época, mas que fazia muito pela educação dentro da área não formal. Como Gohn (2009), afirma, este tipo de espaço consiste em capacitar indivíduos para o trabalho por meio de aprendizagens, habilidades e desenvolvimentos de potencialidades.

Embora não estivesse ligada à uma escola formal, com seus currículos pré-estabelecidos, o Educandário Casa da Criança tinha objetivos claros. No primeiro momento, a criança deveria ser educada para o trabalho, pensamento que mudou ao

²³ Por motivos de fechamento e impossibilidade de acesso a documentação do Colégio Santo Antônio, obtive esse relato por meio de entrevista da professora Rosemeire Zanelato Legati,

²⁴ Conforme Atas nº 6 a 55 da AJPC

longo dos anos, associando a formação profissional junto ao desenvolvimento humano como um todo. Uma maneira idealizada pelo então pároco foi implementar cursos profissionalizantes para que se identificasse habilidades nas crianças como trabalho em feltro , carpintaria, marcenaria, datilografia, pedreiro, tapeçaria, corte e costura, elétrica, cerâmica, bordado, cestaria e tipografia com curso de tipógrafo (Bresci, 2016). Alguns cursos como a datilografia e a tipografia, entre outros emitiam certificados.

Esse tipo de ensino não é uma oposição à educação formal, ensinada nas escolas, ultrapassa esse limite e envolve experiências da vida, e processos de aprendizagem não-formais, capaz de desenvolver autonomia na criança (Gadotti, 2005).

Côn. Vieira, queria interferir não somente na formação religiosa das pessoas queria interferir numa pequena parte do mundo através da Casa da Criança. Assumia para si uma prática educativa onde “se movia como educador, porque primeiro se movia como gente e vivia concretamente com seus educandos” (Freire, 2019).

Embora viesse de formação extremamente formal como teólogo e filósofo que era, percebia a necessidade de dar algo a mais para aqueles que o sacerdócio paroquiano os confiava.

Não fez nada sozinho, embora respondesse por todos como presidente a frente a AJPC por longos anos. Côn. Vieira teve ajuda da juventude feminina católica, das Irmãs da Divina Providência de Gap²⁵ que residiram na Casa, voluntários, órgãos administrativos, técnicos, públicos e particulares. Além de recursos próprios adquiridos com a tipografia (Bresci, 2016).

Côn. Vieira firmou convênio entre a Casa da Criança e a Fundação de Educação para o Trabalho de Minas Gerais, a partir de 1967²⁶. Onde se deu a certificação em cursos como Corte e Costura, Bordado, Confecções , Marcenaria e

²⁵ Cidade Francesa de onde surgiu a congregação católica feminina que esteve junto à Casa da Criança até 29 de março de 2022. Na ocasião, após a leitura da carta aberta, as irmãs agradeceram ao povo, à Paróquia de Santo Antônio, à Arquidiocese de Pouso Alegre e às Diretorias pela missão a elas confiada, de coordenar os trabalhos na Instituição por mais de 60 anos. *A Gazeta de Jacutinga*, 30 de março de 2022.

²⁶ Ata nº 19

Reparo de Aparelhos Eletrodomésticos. Conhecida também como Universidade do Trabalho de Minas Gerais - UTRAMIG²⁷.

Mesmo 3 décadas antes da criação da Lei nº 8069/90 sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Côn. Vieira cumpria o Art. 3º e 4º com propriedade e responsabilidade.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990).

A Casa da Criança, tendo como seu presidente Côn. Vieira teve grande investimento formativo e financeiro ao longo dos anos. Tudo em prol da formação da criança. Ao longo dos anos a Casa da Criança tem sido local de acolhimento às famílias, filhos e a sociedade. Tem se comprometido com o cuidado e defendido a integridade e dignidade humana. Ela se tornou uma grande aliada na educação de Jacutinga, principalmente nos contraturnos das crianças matriculadas nas escolas estaduais e municipais.

Essa educação não-formal é uma educação cidadã que possui intencionalidade (Libâneo, 2010). Assim, pensando em Gadotti (2005), a educação que tem intenção e se predispõe a tomar para si objetivos e método, passar a ser também formal de certa forma. Porque nenhuma educação existe sem intenção.

A intenção de Côn. Vieira com a AJPC era o que se estabeleceu em seu estatuto de 1968 no Art.2º letra “e”:

Educar para as lutas da vida, orientando-as para o trabalho honesto que lhes garanta subsistência futura e independente, por meio de cursos intensivos e extensivos de: marcenaria, artes tipográficas, datilografia, cestaria, cerâmica, corte e costura, bordado, arte culinária e etc.

²⁷ A Fundação de Educação para o Trabalho de Minas Gerais – UTRAMIG – foi criada em 1965 e, desde então, é referência no ensino profissionalizante, pautado pela ética, competência, inovação e responsabilidade social. Disponível em: <https://utramig.mg.gov.br/institucionalapresentacao/apresentacao/> Acesso em 25 de ago. 2023

Evidente que a AJPC não foca somente no trabalho para as crianças, a casa oferece brincadeiras, atividades físicas, cuidados higiênicos, teatro, momento para estudos, refeições, orientação espiritual, atividades acompanhadas com monitores e parcerias com setor público municipal.

Vale lembrar que em 1961, durante a presidência de João Goulart no Brasil, a Lei nº 4024, criou as primeiras Diretrizes e Bases da Educação Nacional que de certa forma já eram cumpridas pelo Côn. Vieira em suas ações frente à presidência da Casa da Criança.

Art. 1º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim: (Revogado pela Lei nº 9.394, de 1996)

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
- f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça (Brasil, 1961).

A liberdade, a solidariedade, o preparo do indivíduo, o desenvolvimento integral solidariedade presentes na LDB de 1961 Côn. Vieira se transformavam em ações concretas na vida das crianças pobres de Jacutinga.

O cuidado com as crianças fez com que Côn. Veira entrasse em contato com a *Misereor*²⁸, em 1969 através da Comissão Episcopal da Alemanha Ocidental que

²⁸ *Misereor*, organização da Conferência Episcopal alemã de cooperação e desenvolvimento. Há mais de 50 anos, Misereor está engajada na luta contra a pobreza na África, Ásia e América Latina, mas tem em sua missão o apoio a qualquer ser humano em dificuldade, independentemente de sua religião, etnia ou gênero. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-03/alemanha-bispos-apelo-organizacao-humnitaria-misereor.html> Acesso em set. 2023

estava sob a presidência do Cardeal Frings²⁹, o projeto de pedido de ajuda financeira foi aprovado e a Casa recebeu verbas para a construção de seus prédios³⁰.

Já em 1971 durante o Regime Militar, outra legislação educacional foi decretada, a Lei nº 5692/71 que vigou até 1996, quando substituída pela atual LDB nº 9496/96.

O texto trazia novamente o preparo para o trabalho, o desenvolvimento das potencialidades, além disso focava a consciência cidadã.

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (Brasil, 1971).

Parecia que Côn. Vieira de certo modo antecedia as diretrizes e normas educacionais. Sempre à frente do tempo e das decisões relativas à educação. Assim, a direção da Casa da Criança, escreveu em 14 de novembro de 1992, para A Gazeta de Jacutinga sobre sua importância:

Com a transferência do Monsenhor Rigotti em 1958, Cônego Vieira assumiu a Obra, dando continuidade a este Ideal, concretizando-o
Dinamizou e fez ampliações no prédio de acordo com as necessidades surgidas na época;
Montou oficinas: Tipografia, Marcenaria, Malharia.
Promoveu cursos: Marcenaria, Carpintaria, Eletricista, Pedreiro, Datilografia, Corte e Costura, Cerâmica, Cestaria e Bordado
Ultimamente, 1991, sentindo a necessidade de atender mais crianças, buscou recursos e ampliou a creche.
Cônego Vieira sempre se preocupou com o bem estar da criança e do adolescente, e sua promoção.
Este ideal, ele vem concretizando nestes 34 anos de total dedicação e amor a criança.

Mesmo com suas funções como pároco da Igreja matriz de Santo Antônio, suas proximidades com as crianças ao longo dos anos eram visíveis pela população e pela AJPC através da Casa da Criança. Ela era presente junto delas. “O educador

²⁹ Josef Cardeal Frings foi arcebispo de Colônia na Alemanha entre os anos de 1942 a 1969, era um cardeal progressista. Denunciou os abusos nazistas e defendia que quem roubasse carvão das ferrovias alemãs, ou comida das grandes famílias abastadas para sobreviver não cometia pecado capital durante a II Grande (1939-1945). Os “ladroes” eram chamados de “fringsen” pelos nazistas. Participou como padre conciliar do Concílio ecumênico Vaticano II e dos Conclaves de 1963 e 1978. Disponível em: <https://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bfrings.html> Acesso em set. 2023

³⁰ Ata nº 26

já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (Freire, 1987, p.57).

A escrita da história da educação a partir da fotografia escolar como fonte de pesquisa. A fotografia, como qualquer fonte, tem muito a dizer, basta apenas que o pesquisador seja capaz de questioná-la. A leitura e a análise da fotografia escolar podem fornecer respostas acerca de um tempo, um lugar, uma situação e de uma relação entre as pessoas retratadas, revelando a cultura escolar, a história institucional e a história da educação, elucidando eventuais semelhanças, contrastes, permanências e transformações ocorridas no processo educacional. Nesse sentido, o texto escrito e o visual numa relação de reciprocidade se complementam: a fotografia não irá ilustrar o texto, mas o texto é que será dependente da fotografia e funcionará como delator de todo o potencial da fotografia deflagrado pelo observador, explicando-a, ou seja, os resultados da leitura e análise da fotografia serão expressos por meio da linguagem escrita (Almeida, 2017, p.1).

O acervo fotográfico da Casa da Criança demonstra algumas das atividades criadas pelo Côn. Vieira à frente da AJPC,³¹ Além das atividades profissionalizantes, o estudo e as comemorações como Natal e Páscoa, não passavam em branco para as crianças. O objetivo foi registrar e ilustrar o que até hoje é marcado na memória de muitos jacutingenses e pessoas que passaram pelo local ao longo dos anos.

Inúmeras são ações do Mons. Vieira, ao longo de sua atuação na Casa da Criança e da AJPC entre 1958 a 1993. O que destaque é para sua contribuição enquanto religioso para este local de educação não formal. As suas contribuições ainda permanecem na memória da cidade. A ponto de a Casa ainda funcionar em 2023 com boas estruturas para atender 160 crianças e jovens que ali desenvolvem sua humanidade e conhecimento. Mas infelizmente, ela não emite mais certificados e diplomas de cursos profissionalizantes

3.2.3 A Arte como informalidade

A Arte era parte do Mons. Vieira, afinal estava presente nos cursos oferecidos pela AJPC e através dele mesmo. Os trabalhos com as crianças iam além dos muros da Casa da Criança, através do curso de cerâmica, Cônego Vieira fez em Jacutinga, um mosaico sobre O *Poverello* de São Francisco de Assis³², em azulejos com os

³¹ Vide Anexo E

³² Mostra Francisco com roupa remendada, falando com os pássaros, os peixes e o lobo. Foi construído em 1979 pelo Monsenhor Vieira, ou Cônego Vieira, e seus azulejos pintados foram feitos no antigo forno de cerâmica da casa da criança de Jacutinga. O painel fica na rua em frente à Escola Estadual Júlio Brandão. Em 1979 a Campanha da Fraternidade propôs como tema a ECOLOGIA, isto é, respeito

alunos da casa em homenagem a Campanha da Fraternidade de 1979, cujo o tema era “Preserve o que é de todos”. O mosaico é tombado pelo decreto nº 255/2007.

“Basicamente a ecologia conclama todos a uma nova mentalidade. Trata-se de superar o egoísmo, a ganância de possuir mais a qualquer preço. Trata-se de ser escrupulosamente preocupado em preservar e conservar o ar, a água, a flora e a fauna que são elementos necessários ao próximo. Trata-se de readquirir o carinhoso respeito e a contemplativa admiração em face às belezas da natureza” (CNBB, 1979).

O mosaico é um chamado do papa João Paulo II para povo jacutinguense à educação ambiental, proposta em 1979. Para cuidar da natureza como São Francisco de Assis. O chamado foi atendido por Mons. Vieira e se tornou patrimônio da população.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tombados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-cultural; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Brasil, 1988).

A seguir, imagem referente ao mosaico confeccionados por Mons. Vieira e crianças da cidade de Jacutinga, cuja obra foi tombada pelo governo de Minas Gerais.

ao que é de todos, o amor a natureza criada por Deus para o bem de todos. Diante das escolas foi feito um grande quadro negro com uma lição com uma figura do *Poverello de Assis*, o Pobrezinho de Assis, que amou Deus na natureza e a natureza no Criador. O quadro em azulejo representa o que foi pintado por um renomado artista brasileiro POTY, ou Napoleon Potiguara Lazzarotto que conta com vários trabalhos em vários museus do mundo.

Disponível em: <https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/jacutinga/poverello-de-sao-francisco-de-assis> Acesso em out. 2023



Figura 12 - *Poverelo de Assis* – criado pelo Monsenhor Vieira e Alunos em 1979 por ocasião da Campanha da Fraternidade daquele ano, fica exposto na rua do Expedicionários, em frente a E.E Júlio Brandão em Jacutinga.

Fonte: O autor.

Na atualidade, dialogar sobre uma educação ambiental, faz parte da BNCC, mesmo que não haja uma citação direta ao tema, mas o pressupõe (Barbosa; Oliveira, 2020).

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (BNCC, 2018, p. 9)

Mons. Vieira, desenvolvia a temática através da arte junto aos seus alunos. Dominava a construção de mosaicos realizando uma educação não-formal em diferentes espaços da cidade. A cidade educa, a igreja educa, a sociedade deve educar. Sua arte realizada com apoio de seus alunos, está espalhada pela cidade.

Contemporaneamente, ser civilizado é contribuir para a sociedade em que vivemos. Dos processos civilizatórios a educação é sem dúvida o processo de mais longa vida em constante mutação e experimentação. Há quase cento e cinquenta anos a Arte vem sendo considerada um ingrediente importante da educação civilizatória, aquela que desenvolve as potencialidades do indivíduo e prepara cidadãos críticos e participativos, que desenvolve autonomia e heteronômia (Barbosa, 2009, p.01).

A Arte é responsável por desenvolver a percepção, que é uma habilidade utilizada em diversas outras áreas, tornando-a fundamental para o aprendizado em geral. Atualmente, todas as áreas estão incorporando imagens como ferramenta para facilitar o conhecimento e estimular a imaginação. Analisar imagens leva a descobertas, permitindo tirar conclusões e interpretar as imagens de forma mais eficaz, o que é essencial para qualquer pessoa. A capacidade de interpretar imagens da arte pode ter um impacto positivo em diversas áreas do conhecimento (Barbosa, 2016).

No próximo capítulo, iremos demonstrar outros registros educacionais relativos à vida de Mons. Vieira. Mas, principalmente aquele que vive na memória de alguns que o amaram, conviveram e vivenciaram parte de suas contribuições em diferentes espaços à educação de Jacutinga.

Capítulo IV

MONSENHOR VIEIRA: VIVÊNCIAS E REMINISCÊNCIAS

Mons. Vieira impactou diretamente a vida de várias pessoas em Jacutinga, a ponto de elas trilharem seu futuro com base em seus ensinamentos, testemunho e modo de enxergar o mundo. Sempre com o intuito de amar o próximo, Mons. Vieira, motivou o cuidado com a educação das crianças, dos jovens e conscientizou adultos de seu compromisso como educadores na sociedade. Para serem exemplos de cidadãos responsáveis e preocupados com as futuras gerações. O sacerdote influenciou decisões vocacionais e profissionais, despertou dons e contribuiu para formação ética, moral, religiosa e humana de muitos que o conheceram.

Para perceber a presença de Mons. Vieira na formação e vida dessas pessoas, os relatos colhidos nas 9 entrevistas realizadas com lideranças religiosas, ex-alunos, professores e leigos próximos de seu convívio se ligam e remontam a imagem desse grande sacerdote, mas acima de tudo um educador completo, dedicado a formação integral do ser humano.

O registro oral para registro da História tem grande valia no meio acadêmico. Para Branco (2020), isto significa buscar apoio em depoimentos e testemunhos orais para constituir fontes históricas que testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado presente. É ir além dos registros escritos e possibilitar através de uma análise sistemática dos relatos, a reconstrução de acontecimento e narrativas a partir da memória daqueles que presenciaram, observaram ou participaram de tais eventos.

Uma possível definição para a realização de um trabalho de história oral é que ela seja entendida como um conjunto de procedimentos, e não apenas a realização de uma ou mais entrevistas. Esses procedimentos envolvem a elaboração de um projeto, que se desdobra no contato com as pessoas a serem entrevistadas, na criação de uma relação entrevistador e entrevistado - em que cabe explicar o projeto e suas intenções, e abrir para contribuições, caso o entrevistado ache pertinente. Só então é que deve acontecer a gravação da entrevista. Este registro pode se dar em áudio ou vídeo, pode acontecer em um único encontro ou em vários (Carvalho; Ribeiro, 2013, p.16).

A história oral se configura como parte também da História da Educação, como intenção de registrar ações, processos e espaços através de detalhes que vão além

de documentos oficiais. É importante, para compreender o que ainda ninguém percebeu sobre o que se aborda, debate, ou apresenta no campo da pesquisa.

No cenário atual, o pesquisador em História da Educação já não se contenta com a mera cópia ou reescrita dos documentos pelos manipuladores da memória, importa-se com o que ficou nas entrelinhas, para dar visão pública aos sujeitos esquecidos ou silenciados e então, hermenêuticamente reconstituir o contexto socioeducacional desde a história de vida das pessoas. A pesquisa se justifica por possibilitar trazer à baila a biografia por intermédio da metodologia da História oral se configura como uma oportunidade de refletir acerca de acontecimentos e fatos pertinentes à História da Educação que já não se podem mais esconder, subtrair ou relegar aos porões das memórias; é visitar uma História presente, viva, por vezes desconhecida, mas não menos importante do que tantas outras veiculadas como História oficial (Fialho; Santos; Sales, 2019, p.13).

Mons. Vieira é parte da história oficial de Jacutinga, está presente na fé, na vida, em espaços públicos, em decisões políticas, e etc. Mas, muito mais vivo e presente no coração daqueles que o viram como um mestre na arte amar e cuidar dos mais necessitados. É inspiração para educadores quando o assunto é ensinar, e ensinar com compromisso. Ele se torna exemplo, de dinamismo administrativo, pastor de um povo, e promotor da humanidade por todo lugar que passou com sua presença marcante.

Esquinsani (2012), entende que essa história oral para a pesquisa em educação é importante porque é construída por pessoas e identifica heróis não só entre os grandes líderes, mas no meio da maioria desconhecida do povo. Para estes entrevistados, Mons. Vieira foi um herói frente aos inimigos conhecidos como descaso, falta de zelo, abandono, fome, irresponsabilidade e tantos outros que impedem a sociedade de ser melhor, mais humana e sustentado por uma educação de qualidade.

Essa personalidade em torno da qual é construída a história oral concorre para que as entrevistas se configurem como documentos parciais que contêm uma versão do passado, um olhar perspectivado e particular do sujeito entrevistado. Tal parcialidade não é diferente do documento físico; entretanto, pelas subjetividades em jogo no momento de organizar as ideias da pesquisa, as fontes orais merecem a reflexão sobre questões de outra ordem, como a condição dos sujeitos que dividem (e, portanto, constroem e reconstróem) suas memórias em relatos que atendem à demanda do pesquisador, e não necessariamente ao livre-trâmite da memória (Esquinsani, 2012, p.220).

As histórias orais presentes, acabam por se conectar no tempo e revelar contextos sócio-históricos, pois estes resultam das palavras. A história oral cuida e

preserva as informações, bem como a identidade dos envolvidos. Não sendo mera transmissão de possíveis fatos, ideias ou imaginários.

Oliveira (2021), afirma que biografia se forma com a história oral, gera lembranças e sentimentos se tornando um processo de reavivamento o que refina um projeto de investigação. Aproxima-se de comportamentos, culturas e ideologias vividas no tempo e no espaço que são trazidos à tona.

A própria BNCC (2018), destaca a habilidade EF03H02, valoriza a História Oral como fonte de análise que deve ser identificada, motivada e desenvolvida junto aos alunos do Ensino Médio.

A história oral, presenteia a pesquisa na riqueza de detalhes, demonstra olhares únicos e enriquece a história contemporânea. Ela, se torna parte de um conjunto de informações que apresentam detalhes talvez nunca percebidos.

Para Garcia Lima (2019), a educação acontece o tempo todo e a história oral é um modo de romper o tradicionalismo formal da educação e possibilitar a valorização do singular, do relato e testemunho, principalmente na pesquisa qualitativa.

Mais uma vez, a compreensão dos relatos discorridos, se baseia na Análise de Conteúdo de Bardin (2011), para poder unir e contextualizar as narrativas, quer sejam nas formas e espaços ligados a Educação Formal, Não Formal e Informal.

Fernandes (2012, p.169), disserta que “as memórias podem partir de muitos lugares, de objetos, de situações. Podem ser provocados ou emergir involuntariamente ou motivadas por qualquer evento externo”. Por esta razão, o critério principal da escolha dos entrevistados foi sua proximidade e ligação com Mons. Vieira em vida. Motivados a reviver experiências que de modo geral trouxeram alegria, reflexão e emoções ao partilhar tão especiais momentos.

Uma educação verdadeira se pauta em promover a unidade na diferença, colocar a pessoa como centro do processo educativo, e manter a certeza da mudança para um mundo melhor. Assim se assume o compromisso de colocar a pessoa no centro de toda ação humana e social e ter a certeza que o amanhã exige o melhor de hoje. Entendendo que educar é servir (Ribeiro, 2021).

Em 2019, o Papa Francisco fez um convite a toda a humanidade a se comprometer com a Educação. No Brasil a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, lançou o mesmo convite com objetivo de conclamar a sociedade a participar do pacto global educativo e a assumir o compromisso com uma educação que se volte ao preparo dos cidadãos solidários e fraternos. Francisco, acredita que a educação

transformava as vidas e precisa se renovar a ponto de afirmar que “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar por difundir um novo modelo relativo aos ser humano, à vida e a natureza” (LS, 2015, p.2). Embora Francisco não tenha tido proximidades com Côn. Vieira, os dois de certa forma comungavam da fé e do mesmo propósito educacional em épocas diferentes. Para a história do Côn. Vieira dentro da educação, cabe outra afirmação de Francisco: “O verdadeiro serviço da educação é a educação ao serviço” (Francisco, 2019, p.17).

Assim, as ações de Mons. Sebastião Carvalho Vieira no campo da educação formal, não formal e informal de Jacutinga, têm forte influência ligada à sua formação e história de vida registrados em documentos e na memória de pessoas que tanto receberam da sua sabedoria e humildade. Uma biografia composta de espiritualidade e compromisso com o processo formativo humano necessário no outro.

A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro. Talvez este seja o grande desafio do trabalho biográfico: ao falar do seu personagem, o biógrafo, de certa forma, fala de si mesmo, projeta algo de suas emoções, de seus próprios valores e necessidades (Avelar, 2010, p. 166).

Embora, o pesquisador não tenha vivido a história de seus entrevistados, é possível atribuir um valor que seja tangível dentro da pesquisa às narrativas e descrições biográficas realizadas.

O uso da história oral traz à baila, portanto, duas subjetividades – a do pesquisador e a do narrador –, bem como dois pontos de vista sobre a mesma história ou fato narrado: um circunstanciado pela teoria, outro permeado pela vivência empírica – com todos os seus tons, encadeamentos e sentimentos, já embaralhada pelas interpretações particulares do fato (Esquinsani, 2021, p.221).

As entrevistas nesse capítulo, são identificadas com nomes e idades reais dos entrevistados, sob autorização dos mesmo e assinadas em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os relatos colhidos e transcritos, demonstraram consciência, vivência, detalhes, cuidado e respeito pela pessoa do Mons. Vieira. Trouxeram uma riqueza de valores acerca de suas ações e modo de viver. Ressaltaram sua importância como educador para as gerações, se apresentando como alguém que fez a diferença em solo jacutinguense.

4.1 Formador de professores: um educador na escola formal.

Educar consiste em atrair olhares e despertar interesse pelo conhecimento apresentado. Assim foi Mons. Vieira em toda sua vida. Principalmente dentro do espaço escolar ou da educação formal.

Como professor das normalistas no curso de Magistério, prendia suas alunas com tamanha didática e domínios dos conteúdos que lecionava. Era professor de Filosofia e Psicologia, disciplinas fundamentais para compreender a Educação e seus processos.

O Colégio Normal de Jacutinga tinha o objetivo de formar professores para atuar na cidade e em diversos locais que necessitassem desses profissionais. Mons. Vieira exercia um verdadeiro “sacerdócio educativo” dentro da formação para o magistério.

Para a Maria Aparecida Nicioli, aluna do 2º ano normal de 1967, a educação é o esteio da humanidade. Mons. Vieira para ela não cumpria apenas as obrigações de pároco, mas cima de tudo, dedicava-se a caridade através de instituições que socorriam os miseráveis. Edificava templos e escolas. Era um professor hábil, paciente a educar a sua mocidade. Principalmente a feminina na Escola Normal³³

Para Maria José Vicentini, aluna do 1º ano normal, no mesmo ano de 1967, era imprescindível a presença de sacerdotes no meio da educação, eles eram de uma eficiência sobrenatural³⁴.

Todos fomos criança. Uns com família boa, outros com família carente, outros sem família. A criança não sabe que veio de família rica ou pobre, educada ou carente. No entanto toda criança é gente, toda criança poderá ser o cidadão de amanhã. Será isto ou aquilo pela Educação que receber dois adultos. Todos somos responsáveis pelos seus, todos por todos. (Cônego Veira, 1991 para a Gazeta de Jacutinga).

Talvez seja essa a eficiência de Mons. Vieira, com tanto ardor, força, dedicação e empenho para a educação de Jacutinga nota-se que não era virtude de qualquer um. Mas ainda assim, ele formou gente fora da escola, nas conversas com as pessoas, no testemunho presente que era sua vida no cotidiano. Marcas formativas, a contribuição e a saudade que Mons. Vieira deixou na vida de líderes religiosos,

³³ Texto escrito para A gazeta de Jacutinga em 15 de novembro de 1967.

³⁴ Idem 31.

amigos, professores, ex-alunos do magistério e da AJPC que gratos, os tem como modelo a ser seguido.

Tânia Maria Raffaelli Santini, 67 anos, professora de História, aposentada, foi sua aluna e o via como exemplo a ser imitado desde sua infância, adolescência e depois nas aulas do Colégio Santo Antônio. Vejamos suas considerações:

Ele foi meu professor no magistério, e não separava a pessoa do padre com a do professor, levava todas as qualidades de sacerdote para a sala de aula e era educador de primeira categoria, motivava seus alunos e não influenciava os alunos com a religião. Ele tinha um cuidado com os alunos, sempre levava um lanchinho, uma banana, uma maçã para as alunas e fazia um sorteio, momento que a gente aguardava ansiosas. Tinha profundo conhecimento na área de Filosofia e Psicologia, era detalhista nas coisas condizentes ao conteúdo. Lembro que para abordar sobre a existência humana ele nos levou ao cemitério da cidade, lá ele falava da finitude do ser humano e utilizava as obras de arte dos túmulos para ensinar Arte e falava dos artistas e características através delas. Usa os espaços onde estava e a natureza para ensinar. Tinha vontade de passar o conhecimento.

O ser professora teve grande influência, ele foi meu exemplo, um grande influenciador, uma referência, de exemplo concreto na sala de aula, que levava amor, respeito e deseja ver seus alunos crescendo. Essa é a grande contribuição que vejo e levo para minha vida.

Monsenhor Vieira para mim, é o principal pilar da educação jacutinguense, um educador promotor, que promovia o ser humano em todos os seguimentos, verdadeiro cristão, tinha respeito pelo seu aluno.

Ele Sempre valorizava as qualidades, repreendia se necessário fosse com jeito peculiar, brincando. Corrigia e educava verdadeiramente. Ele é uma grande estrutura da educação dessa cidade.

Era um homem que reunia muitas qualidades e continuava a missão, porque ele dizia que um “educador é um missionário”. Nunca deixou de lado o propósito de ensinar, mesmo quando se aposentou. Estava preocupado com as crianças, com a estrutura familiar.

Ele merece toda consideração e amor dos jacutinguenses. Monsenhor era a expressão do amor concreto.

Deixou obras, pinturas, exemplo e a catequese. Prezava a formação familiar. Foi único e excepcional.

O principal pilar da educação de Jacutinga cativava seus alunos dentro da educação formal. Como grande professor que foi, tinha admiradores e cumpria à risca sua missão educativa dentro das disciplinas que ministrava. Talvez pela sua formação religiosa, via o ensinar como um sacerdócio também. Sua didática impressionava, e sua postura gerava respeito. Respeito este, que não distanciava, mas aproximava seus alunos na busca pelo saber, pela formação de professor.

Essa educação que Mons. Vieira fez em sala de aula, como Gadotti (2005) afirma, é um direito de todo ser humano. Porque não basta estar matriculado, é preciso aprender dentro da escola, mostrar objetivos claros e ser um mediador e organizador do conhecimento.

Outra ex-aluna do curso de magistério do Colégio Santo Antônio também destaca a importância desse professor dentro do espaço formal da educação. A coordenadora da creche municipal, Padre Silvério Negri, em Jacutinga, a professora Rosemeire Zanelato Legatti, 61 anos, nos traz as seguintes palavras:

Como professor ele era animado, ela fazia sua caricatura na lousa. Levava uma fruta, uma goiaba um pão, algo diferente e fazia o sorteio em toda aula. Era extrovertido, brincalhão diferente da imagem do padre da Igreja. Gostava da perfeição, dizia que a gente sempre podia fazer melhor. Tinha o dom de ver a personalidade pela caligrafia. Tinha outras maneiras de dar aula. Levava a gente para ensinar na natureza como no Pico da Forquilha³⁵. Ele lançou pedras, bases para a Educação de Jacutinga. Era muito amigo de meu marido, visitava minha casa, éramos bem próximos. Ele era a perfeição, honesto e comprometido com tudo que fazia.

A alegria misturada com o compromisso de ensinar estavam estampados na pessoa de Mons. Vieira. Suas brincadeiras fazem parte de um professor que entende a missão de acolher, cuidar e preparar o aluno para a vida futura, seja na profissão de professor ou não.

Mons. Vieira aplicado no entendimento de Campos e Araújo (2022) é a representação do pensar no amor, que significa uma pedagogia engajada, como prática educativa que transforma a sala de aula num lugar de entusiasmo pelo aprendizado.

³⁵ Local de turismo rural em Jacutinga, a trilha até o Pico é feita por muitos. Ele tem 1185 metros de altitude. Disponível em: <https://portalhotelmogimirim.com.br/descubra-os-tesouros-da-baixa-mogiana-9-destinos-imperdiveis-para-explorar/#:~:text=Com%20seus%201.185%20metros%20de,de%20mountain%20bike%20e%20trilhas>. Acesso em 15 de abr. 2024



Figura 13 – Entalhe em madeira a partir da caricatura de Mons. Vieira, exposto na Casa da Criança.
 Autor: desconhecido
 Fonte: O autor

Dom Darci José Nicioli, C.Ss.R, 64 anos, arcebispo de Diamantina MG, jacutinguense e pupilo de Mons. Vieira, afirma o comprometimento que Vieira tinha em sala de aula através de relatos de seus irmãos, descritos abaixo:

Mons. Vieira foi mais que professor, foi educador de gerações. Não fui seu aluno em sala de aula, mas no cotidiano da vida. Vi-o preparando aulas para as normalistas e, hoje, admiro-me com a sua didática, usando de recursos inovadores para a época (audiovisuais, recortes de revistas, cartazes e etc), eram “temidas” nos exames as “charadas”, para testar a capacidade de interpretação, raciocínio e memória das alunas. Mons. Vieira foi um Mestre que construiu discípulos, buscadores da Verdade. Eu sou um deles!
 Como já dito, não fui seu aluno em sala de aula. Porém, tenho um irmão e duas irmãs (professoras) que o foram. Lembro-me dos comentários que faziam dizendo da inteligência e humor do padre professor. Recordo-me, também, da reverência dos outros professores e do Diretor, Prof. Michel³⁶, que o tinham com orgulho como membro da escola. Igualmente, os alunos. Não foram poucas as turmas que o escolheram como paraninfo.

Dom Darci, teceu inúmeros adjetivos acerca de Mons. Vieira, demonstrando sala grandeza a partir do altar, ultrapassando os muros da Igreja e indo de encontro aos anseios e urgências da sociedade jacutinguense.

Mons. Vieira, foi referência na vida de educadores, de professores sérios que se empenham nas suas funções frente à Educação. Por isso, ensinava como alguém

³⁶ O senhor Michel Farhat foi diretor do Colégio Santo Antônio, local onde Mons. Vieira lecionou para as turmas de normalistas no magistério.

voltado ao compromisso de uma formação sólida para gerações futuras. Fazia o melhor sempre e em tudo.

Maria Amélia Grisolia Bortoloto, 78 anos, professora aposentada, e ex-diretora da antiga Escola Estadual Prof. Alfeu Duarte³⁷ e do Colégio Anglo de Jacutinga³⁸, descreve sua relação como normalista nas de aulas de Mons. Vieira:

Fui aluna dele no Colégio Santo Antônio, no Curso Normal. Lembro que ele era muito exigente, a gente virava para trás ele dizia: Meninaaa... (risos). Era um bom professor que gostava das coisas e da sala organizada. Era um professor capacitadíssimo, bom em tudo que fazia. Sempre tinha resposta para tudo que perguntávamos. Era um educador nato, já tinha lecionado até no seminário em Pouso Alegre. Acho que deu aula para todas as turmas de normalistas.

Ele era um mentor que incentivava a todos na escola e por onde passava. O considero muito importante para a história de Jacutinga, para a educação e para hoje.

A bandeira da Escola Estadual Maria Roberto de Lima³⁹, foi ele que idealizou e pintou. Sou professora por grande influência dele.

Mons. Vieira sempre envolvido com as escolas de Jacutinga. A bandeira idealizada ainda está presente no ambiente escolar, tem sinais de sua vida espiritual embasada na Sagrada Escritura, a bíblia, que está no centro do mundo, gerando uma flor, que talvez possa ser a esperança que a educação faz florescer. A Escola Municipal Maria Roberto de Lima, está no bairro Vila Nazaré. Bairro este, que foi idealizado por Mons. Vieira, tendo os nomes das ruas e da praça local, todos de origem bíblica. Segue abaixo a imagem da bandeira.

³⁷ Atualmente, a administração total da escola pertence ao município, sob nome de Escola Municipal Prof. Alfeu Duarte.

³⁸ Colégio do setor privado, em atividade na atualidade.

³⁹ Atualmente, administração total da escola pertence ao município, sob nome de Escola Municipal Maria Roberto de Lima.



Figura. 14 – Bandeira da Escola Maria Roberto de Lima, idealizada e pintada por Mons. Vieira para sua inauguração em 22/03/1985.

Fonte: O autor

Para Adriano São João, 55 anos, sacerdote da arquidiocese de Pouso Alegre, natural de Jacutinga, é possível perceber que:

Monsenhor sempre foi visto pelo povo de Jacutinga como um educador de mão cheia. Assim era reconhecido pelas pessoas. Não só porque lecionou por muitos anos no Colégio Normal, mas sobretudo pela sua postura diante da vida, o seu amor pela Casa da Criança (visitava constantemente), o seu cuidado com a catequese (toda quinta-feira, visitava as salas de catequese e também tinha o costume de, em momentos importantes da vida da Igreja, reunir os catequizandos no salão paroquial para projetar slides da vida de Cristo), as suas homilias nas missas, os artigos que escrevia para a Gazeta e etc.

Reginaldo Sydine Luiz, 47 anos, professor, formado em Estudos Sociais, Pedagogia, Administração e Inspeção Escolar, atual secretário de Educação de Jacutinga, conheceu Mons. Vieira e destaca a presença viva dele no espaço formal, na creche que leva seu nome. O secretário discorre:

A creche Mons. Vieira, iniciou seus trabalhos em 10 de agosto de 1997, e Mons. Vieira foi homenageado em vida. É a primeira creche do município e atende crianças de 4 meses a 4 anos. Hoje, temos 92 crianças matriculadas nela. Deixamos lá, o maternal I e Maternal II (crianças de 1 a 2 anos) e transferimos o Maternal III e IV para a creche João Legatti.

As crianças fazem parte da Educação Básica, nossas crianças desde o berçário, até os demais ciclos, trabalhavam com apostilas e materiais pedagógicos. Tem todo um cronograma, projetos voltados para as questões ambientais e higiene pessoal.

Trabalhamos datas comemorativas com eles. Atividades lúdicas, coordenação motora e demais atividades.

Mons. influencia ações educativas, a creche quando foi inaugurada não teve a presença de Mons. Vieira, segundo relatos, mas, ele deu uma imagem do menino Jesus de presente à creche para abençoar as crianças.

Mons. Vieira sempre foi de certa forma lembrado sempre pela administração pública, em gestões anteriores e atuais como registrado. Hoje, temos a creche e um bairro que levam seu nome, por exemplo.



Figura 15 – Creche Mons. Vieira, localizado no bairro Vila Nazaré e imagem do Menino Jesus. A imagem foi presente de Mons. Vieira à creche em sua inauguração em 10/08/1997.
.Fonte: O autor

4.2 Ensino para além do altar: um educador não formal.

A Igreja tem, segundo Souza (2021), o compromisso da missão educacional, para formar pessoas para viverem fraternalmente. Deve se educar no diálogo da paz, do humanismo solidário, respeitando valores e culturas. A educação faz parte da vida eclesial e deve ser sempre vista como formação integral da pessoa, neste mundo e um dia na eternidade.

Dom Darci, trabalhou com Mons. Vieira e seguiu seus passos, se tornou padre por influência e exemplo de pastor atuante na paróquia de Santo Antônio. Percebeu que no altar da Igreja, havia um servo voltado a formação dos mais simples. Não apenas a formação catequética, mas cidadã em sua totalidade. Quer seja na formalidade ou não, Mons. Vieira se destaca como líder, educador e formador de

gente. No campo da Educação Não Formal, Dom Darci relembra ações de Mons. Vieira à frente da Casa da Criança:

A casa da Criança é uma instituição fundada por outro sacerdote: Mons. Rigotti. Ele a encontrou e deu-lhe nova dinâmica administrativa, juntamente com as Irmãs da Providência de Gap. Fiz parte daquela instituição aprendendo a tecer com palha de milho espaldar de cadeiras e bancos. Na época, lembro-me, havia grande número de crianças pobres que recebiam formação ético-cristã, formação técnica (entalhe em madeira, marcenaria, corte-costura, pintura em feltro, tricô & crochê, malharia). Aliás, foi numa festa de Santo Antônio que Mons. Vieira trouxe a empresa LANOFIX, com máquinas manuais para demonstração, origem do polo industrial de fios e malhas que dá identidade à cidade de Jacutinga. Dinâmico, Mons. Vieira bem se relacionava com todos, atraindo verbas para suas atividades humano-promocionais, tanto de organismos públicos, como de instituições católicas alemãs, para custear o funcionamento da Casa da Criança. Além de formação e reforço escolar, também recebíamos alimentação.

Para Rosemeire Zanelato Legati, Mons. Vieira “tinha uma visão além do tempo, corria atrás de verbas na Alemanha para a educação na Casa da Criança”.

Na Casa da Criança, a professora, Maria Amélia Grisolia Bortoloto, foi aluna e depois lecionou na instituição criada através pela AJPC. Vejamos:

Fui aluna de Cônego Vieira nos cursos de tapeçaria, pintura, cestaria e culinária. Sempre que eu podia, não deixava de participar dos cursos da Casa da Criança e do Cônego Vieira.

Havia um curso com louças, porcelanas, que eram adquiridas por doações. Cônego Vieira, conseguia muitas verbas, inclusive de Belo Horizonte. Essas louças nos eram fornecidas, e a gente pintava xícaras, pratos e etc. Tudo orientado por ele, mas em anos depois foi substituída por uma professora. Por causa dele, fui dar aula de corte e costura que acontecia no salão paroquial, pois lá havia as máquinas, cadeiras e tecidos que eram adquiridos na loja do seu Michel Farhat que também foi professor no Colégio Santo Antônio.

Eram salas de 15 alunos, pois tínhamos 10 máquinas de costura e alguns iam revezando. A gente fazia os moldes no papel e ele comprava os tecidos que seriam usados. O mais importante era que as roupas que ali eram criadas, depois eram doadas às famílias e pessoas carentes. Todas noites do curso ele passava por lá pra ver como andavam as coisas e se a gente precisava de algo.

Como se observa no relato de Maria Amélia, Mons. Vieira era comprometido com os recursos da Casa da Criança, necessários à compra de materiais utilizados em diversos cursos fornecidos dentro da instituição. Até as roupas produzidas pelas alunas de costura, no curso, tinham um objetivo final: abençoar os mais necessitados.

Padre Adriano São João, contribui novamente:

Não tem como negar que Mons. foi e sempre será uma figura importante para a cidade de Jacutinga. A sua presença está perpetuada não só naquilo que falou e ensinou, mas nas obras que deixou: quadros, pinturas na Igreja Matriz, mosaicos presentes em muitas praças de Jacutinga, a administração da Casa da Criança, o cuidado com o Asilo, a construção de várias igrejas e casas populares etc. Isso é suficiente para mostrar o quanto que ele amou Jacutinga e o quanto fez não apenas pela Paróquia, mas por toda a cidade.

Uma outra pessoa, morador da cidade de Jacutinga, cuidou de Mons. Vieira nos seus últimos anos de vida. O auxiliar de escritório, Valdimir dos Santos, 63 anos, que realiza todo dia 21 de cada mês, o “Terço em louvor, memória e honra de Mons. Vieira”, em sua residência e é transmitido via *facebook*, onde os pedidos de orações e intercessões são atendidos ao vivo, por ele e sua esposa. Sobre a Casa da Criança, ele discorre:

Todo o trabalho da Casa da Criança passava pela supervisão do Mons. Vieira, do seu talento, através das pessoas que trabalhavam lá. Ele era muito presente lá. Ficava direto lá.

A presença e Mons. Vieira na educação não formal era marcante e determinante para as funcionalidades das atividades realizadas. Acompanhar, participar e efetivar de ações educacionais é sinônimo de amor a Educação.

4.3 Monsenhor Vieira na informalidade do dia a dia.

A informalidade é o espaço que não possui estruturas pré-definidas. São diálogos e ações naturais que podem ou não assumir um caráter educacional. Para Mons. Vieira, era a continuidade de seu chamado educador e sacerdotal. O cotidiano era também lugar de educação. Era continuar seu chamado para integrar saberes e formar indivíduos.

O papel central da educação é, de certa maneira, permitir a continuidade e a manutenção do meio social, transmitindo a cada geração aquilo que já foi construído anteriormente. Mas entendemos também que, tanto por meio da formação de um pensamento autônomo nos novos sujeitos quanto de uma visão constantemente consciente do papel atribuído às gerações adultas como responsáveis por transmitir aquilo que a sociedade deseja, o processo educacional amplia seu papel de mero reprodutor daquilo que já existe e passa a ter um caráter transformador (Wiess; Soares, 2021, p.32).

Dom Darci José Nicioli, conhecia Mons. Vieira com olhos de admiração, historiador e seguidor. Nos conta como o via no dia a dia:

Mons. Vieira assumiu a Paróquia, em Jacutinga, MG., no ano 1958/1959, ano do meu nascimento. Cresci tendo-o como o “padre” da cidade, uma referência para todos: homem sábio, ético, trabalhador, zeloso da sua missão de pastor, empreendedor, caridoso, socialmente comprometido com a comunidade. Foi meu patrão e valorizou-me quando fui designado como secretário/sacristão da paróquia, com apenas 12 anos de idade. Tenho em minha carteira de trabalho a contratação e me orgulho disso. Quando resolvi seguir a vocação sacerdotal, a inspiração primeira foi Mons. Vieira. Tive a alegria em tê-lo ao meu lado no dia em que fui ordenado sacerdote.

Mons. Vieira foi para mim mais que amigo, mas um pai e exemplo de ser humano que viveu bem e promoveu a vida daqueles que tiveram o privilégio da sua convivência. Admirado por sua inteligência, competência, perspicácia, humor, amor caritativo, dons artísticos (pintura óleo sobre tela, entalhe em madeira, desenho...), fácil comunicação, capacidade de escuta e direção espiritual.

Como já dito acima, Mons. Vieira foi minha inspiração para seguir a vocação de sacerdote. Porém, antes disto, ele me construiu como gente, passando-me valores fundamentais para a vida, tais como: honra, honestidade, gratuidade, verdade, trabalho, pureza de intenções, amor ágape, espiritualidade cristã, respeito pelo outro, superação.



Figura. 16 – Dom Darci José Nicioli, enquanto padre, beijando a mão de Mons.Vieira
Autor: Desconhecido.

Fonte: O Paraíso de José.

Disponível em: <https://oparaisodejose.blogspot.com/2016/04/escola-apresenta-mostra-comemorativa-do.html>

Dom Darci, expressa seu amor e respeito por Mons. Vieira, com cuidado de quem foi e ainda se considera discípulo do mestre. Não mede palavras, conforme relato abaixo transcrito, enriquece os detalhes sobre a vida do seu antigo pároco, servo de Deus e por que não dizer, servo da educação jacutinguense. Atentemos:

Mons. Vieira me ensinou que o padre não é para servir somente no altar, mas também um agente transformador da sociedade. Aprendi também que a Igreja não é uma “casa acabada”, mas eternamente em construção, para cumprir a sua missão de levar a Boa Nova de Jesus Cristo, respondendo aos sinais dos tempos. O padre é liderança, é pai da comunidade e, ao mesmo tempo, irmão e amigo de todos. O padre é também ponte que une extremos e promove o encontro com o outro, em especial com o Outro por excelência que é Deus.

Mons. Vieira permaneceu pároco de Jacutinga por bem quase meio século. A cidade em 1958, data da sua chegada, era iminentemente rural, dependendo exclusivamente do café e de plantações de subsistência. Influenciou para que fosse asfaltada a estrada que liga Jacutinga com cidades maiores de MG (Pouso Alegre etc) e com o Estado de São Paulo (Itapira, Mogi-Mirim, Campinas), sem a qual não haveria desenvolvimento. Foi decisiva a sua participação para aliar a vocação turística da cidade (estância hidromineral) e a Industrialização, em particular as fábricas de fios e malharias. Ele percebeu que a Indústria das malhas oferecia empregos para a população rural, diversificando atividades para não ficar restrito ao trabalho no campo. Para responder ao êxodo rural que se acentuou a partir da década de 70/80 do século passado, organizou uma Cooperativa Habitacional (sistema BNH), para a construção de Casas para o Povo. Fundou 3 bairros na cidade, com centenas de habitações de qualidade, hoje evoluídas em bairro de classe média/alta. Um dos bairros da cidade tem o seu nome: Mons. Vieira e outro de seu mentor, Mons. Dutra (antigo Kichute - referência a um calçado comum à época entre os pobres, para caminhar em terrenos lamacentos). Indubitavelmente, Jacutinga deve a sua punjança hodierna ao empreendedorismo deste homem de Deus e do Povo, Mons. Vieira.

Neste sentido, digo que para aquele velho padre a educação não se prendia à sala de aula, mas se fez vida na sua vida. Ele era um Mestre que ensinou a viver e com a vida se comprometer, crescer como pessoa e ser cúmplice na construção do bem-comum.

Mons. Vieira tinha grande autoridade moral e entrada livre na vida das pessoas, em suas casas e circunstâncias. Na vida e na morte, nas derrotas e vitórias, entre os iletrados e os doutos, lá estava presente o “Seu Cônego”, como era chamado. Entrava na casa e abria a geladeira, para dizer da intimidade da qual gozava entre todos. Gostava de fazer caricaturas e ressaltar o que caracterizava a pessoa, estabelecendo laços de amizade e estima. Usava sempre a batina preta de padre, afirmando que escondia a sua feiura, pois era extremamente magricela. Tal vestimenta clerical estava incorporada à sua pessoa. Certa feita, numa viagem à Europa, presente da Comunidade, ficaram sabendo que ele havia tirado a velha batina e usado um terno. A notícia motivou um número considerável de pessoas que acorreram ao aeroporto em SP, para acolhê-lo na volta, curiosos com o “acontecimento” inusitado. Porém, a frustração foi geral, pois o esperto padre,

antes de sair no desembarque, tirou o terno e revestiu-se da sua “farda” costumeira. Nunca se viu o Mons. Vieira sem batina!

O exemplo do Mons. Vieira, para gerações, foi o testemunho de um homem íntegro, sábio, responsável, feliz na vocação que escolheu, capaz de amar e de ser amado. Viveu para servir! Morreu e viveu simples, pobre, enriquecendo humanamente aqueles (as) que lhe foram confiados. Foi um homem de Deus e de Igreja, democrata e republicano, cidadão responsável e cristão comprometido. Eis um homem que fez a diferença!
Era gente boa!

A Igreja é também um espaço informal da educação, pois cuida, ensina, cativa e possibilita experiências únicas para toda a vida.

Para Adriano São João, retrata a importância de Mons. Vieira na sua vida e da comunidade. Assim ele o conheceu:

Participando da vida da Paróquia de Santo Antônio de Jacutinga (missas, grupo de jovens, grupo de canto etc) e também trabalhando por três anos como sacristão da paróquia (período da manhã e tarde).

Eu era próximo como membro da comunidade paroquial e como funcionário da paróquia. A convivência com o Monsenhor era muito tranquila. Ele era um homem calmo, sereno, equilibrado, focado na sua missão de pároco, dado à leitura, à vida de oração e aos cuidados das crianças. Estava presente na Igreja Matriz todos os dias. Chegava por volta das 9h, rezava a Liturgia das Horas, sempre caminhando ao lado da Igreja, cuidava das questões administrativas da paróquia e dava atendimento ao público até as 11h, quando então retornava para a casa ou então ia fazer algum serviço externo, no banco, por exemplo.

Retornava para a casa por volta das 12h. À tarde, mais ou menos às 15h, estava novamente na Igreja Matriz para atendimento. Deixava a Igreja às 17h. À noite voltava à Igreja para a celebração da eucaristia. Não ficava nenhum dia sem rezar a missa. E na segunda-feira, encaminhava um artigo para a Gazeta de Jacutinga datilografada por ele mesmo.

Aos domingos, presidia a eucaristia das 8h. Era a missa com crianças. Ele fazia questão de celebrá-la. Depois ia para casa para o café da manhã. Voltava para a Igreja por volta das 10h30 para ajudar na distribuição da comunhão. Isso quando havia um vigário paroquial, caso contrário ele mesmo celebrava a missa das 10h. À noite, ainda domingo, costumava ir a algumas comunidades rurais para a missa. Este era o cotidiano do Monsenhor.

Aprendi muito com o Monsenhor, sobretudo o seu amor pela Igreja, a sua firmeza na fé católica, a delicadeza em lidar com as pessoas, a sua inteligência, serenidade (era difícil vê-lo de mau humor) e tantas outras.

Monsenhor era uma pessoa muito reservada. Mas junto ao clero, sobretudo nas reuniões, era uma presença muito agradável, gostava de desenhar o rosto das pessoas; tinha um humor refinado.

Deixou como legado: Amor a Deus, à Igreja e ao próximo.

Ele se resumia em: Fidelidade.

No relato do padre Adriano, percebe-se a preocupação de Mons. Vieira com assuntos ligados ao cuidado infantil, administração paroquial e disponibilidade à comunidade.

Para Silvano Fulaneto, 52 anos, professor e atualmente diretor da Escola Estadual José Gomes de Moraes Filho, na cidade de Albertina MG, vizinha de Jacutinga, onde conheceu Mons. Vieira pelas ações como padre, uma vez que a Igreja do Bom Jesus⁴⁰, hoje paróquia, estava sob responsabilidade da paróquia de Jacutinga, desenvolveu grande apreço pelo seu modo de vida humilde, porém riquíssimo em conhecimento. Não foi aluno dele, mas se tornou professor e atuante na Educação Formal também sob sua influência. Fulaneto nos relatou, em sua entrevista, o que se segue:

Conheço-o desde a infância, sendo levado as missas pelos meus pais, e posteriormente, sendo coroinha.

A convivência como coroinha e a evolução na formação da fé, nos aproximou, numa convivência fraterna, harmoniosa e evolutiva, que assim permaneceu até quando terminou sua caminhada terrena.

Ele deixou várias contribuições como pessoa! A que mais vejo aplicada é a ponderação das escolhas pela análise das consequências.

As pessoas da minha geração foram afortunadas com as transformações que a sociedade passou, vivenciando uma forma de vida mais igualitária lá atrás e as modificações constantes da atualidade. Monsenhor Vieira era a frente do seu tempo. Um educador nato!

Preocupava-se com o bem-estar de todos, especialmente os menos favorecidos e agia de forma a mitigar e/ou resolver as necessidades. Exemplo disso são os bairros que lutou para moradia popular em Jacutinga, como a Vila Nazaré.

Não fui aluno do Monsenhor Vieira em escola normal.

Também não cheguei a trabalhar na Casa da Criança, nem estudar, por ser de Albertina.

Na minha formação cristã religiosa foi de suma importância a atuação, aconselhamentos do Monsenhor, exerceu papel imprescindível.

Monsenhor Vieira destacou-se atuando em diversas áreas. Por onde andamos em Jacutinga encontramos obras de Arte que produziu. Preocupava-se com a formação humana em todas as dimensões e a Educação era uma ferramenta utilizada para conseguir transformações de vidas.

Monsenhor era espirituoso, muito criativo e perspicaz.

Sempre me fez ver as situações sob outras óticas. **A brincadeira da bala e os dedos era sua marca.**

Ele sempre dizia: Fazer seu melhor sempre e em tudo.

Monsenhor se resumia em perseverança (Fulaneto, diretor escolar, grifo nosso).

⁴⁰ A Paróquia Bom Jesus foi criada em 2013 pela Arquidiocese de Pouso Alegre. Disponível em: <https://arquidiocesepa.org.br/arquidiocese/paroquias/parouquia-do-senhor-bom-jesus-albertina/> Acesso em 15 de mar. 2024



Figura 17– A inesquecível brincadeira da bala e do dedo, marca criada pelo Mons. Vieira
Autor: Desconhecido.

Fonte: Facebook de A Gazeta de Jacutinga

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=430664183671110&set=a.312403102163886>

A professora, Maria Amélia, conta sua vivência com Mons. Vieira fora da Igreja, suas proximidades familiares e como ele era diferente pra época, sendo importante para sua vida e de sua família. Segue relato:

O meu primeiro contato foi como catequista, eu fui catequista 29 anos foi então quando eu conheci Cônego Vieira, ele me autorizou a ser formar as crianças para a Primeira Eucaristia então eu passei a ministrar aulas e isso durava um ano. Pois, o Cônego Vieira, tinha grande responsabilidade com a catequese ele a reunia toda semana as catequistas no salão paroquial e ensinava sempre uma palavra de apoio e de sabedoria para que nós pudéssemos passar para as nossas crianças. Isso foi uns 2 anos depois que ele chegou na cidade. Lembro do seu Cônego na Igreja, porque gostava de ajudar a paróquia.

Toda quinta feira, a gente ia pras roças dar catequese, ensinar o catecismo e ele durante o tempo da catequese, atendia confissões com os adultos. A gente ensinava, ele ouvia a confissão e depois fazíamos uma partilha. A gente ganhava bolo, milho, abobrinha, pão caseiro das pessoas.

Lembro que nós tínhamos uma biblioteca que era da época do Mons. Rigotti e ele a enriqueceu fazendo uma campanha de arrecadação e recebemos muitas doações. Essa biblioteca funcionava do lado do Salão Paroquial e qualquer pessoa podia emprestar os livros, havia muitos livros de espiritualidade, mas também outros temas. Havia um caderno de controle de empréstimo dos livros. Lembro que ainda não tínhamos a Biblioteca Municipal, mas essa era muito movimentada. Eu ficava a tarde mexendo na biblioteca.

Ele morou aqui na rua de casa, ali na atual casa paroquial. Fora da igreja sempre foi humilde, simples, porém comunicativo. Brincalhão com seu jeito carinhoso de enfiar a mão no bolso distribuir balas às crianças e dar o dedo.

A gente tinha muita amizade! Eu era amiga das irmãs dele, Geralda e a Dita. Lembro que minha mãe, Argenide Sebusiani Grisolia, costurava roupas para eles, as camisas do seu Cônego. A gente se dava bem.

Ele fazia caricaturas minha, do meu marido e dos meus filhos, pena eu não saber onde estão. Mas foi meu professor de pintura e tenho quadros que fiz com ele, através das técnicas que ele ensinava. Vem aqui, vou lhe mostrar, mas não repare na bagunça (risos). Tenho a espátula que ele me deu de presente até hoje, usada para pintar.

Estava presentes em quase todas as formaturas escolares da cidade, seja como convidado, mas muitas vezes como paraninfo.

Fez meu casamento, batizou meus filhos.

Esse momento está sendo tão bom, que me vejo na Igreja com ele (lágrimas e sorrisos).

Mons. Vieira se preocupava até com o hábito de leitura dos jacutinguenses. Dinamizou uma biblioteca ao lado do salão paroquial para proporcionar conhecimento ao povo. Além de ensinar muitos, como Maria Amélia nos trouxe, a arte da pintura.



Figura 18 – Quadro pintado por Maria Amélia Grisolia Bortoloto, a partir das aulas de Mons. Vieira, ao lado espátula que ganhou do mesmo para uso e técnica de pintura.

Fonte: O autor

A pintura para Mons. Vieira era algo constante em sua vida, desde seus tempos no seminário. Ensinar a pintar era além de um compromisso formativo, um exercício de seus dons.



Figura 20 - Caixa de tintas e caixa de material de pintura pertencentes ao Monsenhor Vieira. Guardados e cuidados no Memorial Monsenhor Vieira.
Fonte: O autor.

Antônio Volponi (Nêgo Volponi) foi aluno do Mons. Vieira de pintura e afirma que em 1963 funcionou no salão paroquial uma escola de pintura com entorno de 20 alunos. O mesmo cursava nesta turma (Viotti; Dias, 2018). Também há o seguinte registro:

Entre 1965 e 1968, Monsenhor Vieira e Volponi montaram um ateliê de pintura sacra no prédio onde funcionou o *fascio*. Ali, Volponi produziu as telas que compõem o interior da catedral. Outros nomes também se destacam na pintura em Jacutinga, como Fidel Cezarini, Amaral Alves (que aprendeu com Volponi), Ademar Gonçalves Jr., Maria Amélia Grisolia Bortoloto, Clélia Fonseca de Carvalho e Sebastião de Carvalho. Na arte dos desenhos e escultura, Sebastião Bonaldi é um nome de referência. Bonaldi criou uma bela história ilustrada de Jacutinga. Além disso, no quintal de sua casa, construiu um parque de esculturas feitas com as latas de óleo que comprava para fazer doces. Era a Latolândia. Algumas de suas esculturas hoje se encontram no jardim do Bosque dos Aposentados (Viotti; Dias, 2018, p.122).

Nêgo Volponi, continuou o legado de Mons. Vieira na pintura até o fim de sua vida. Faleceu em abril de 2020 com 78 anos. Hoje é um artista reconhecido na cidade, principalmente por ter restaurado e criado partes da arte sacra da Igreja matriz de Santo Antônio.

Vale a pena mencionar mais uma vez a presença marcante do Monsenhor Vieira. Além de ser um grande pintor, auxiliou na construção de alguns bairros populares na cidade e instalou uma escola de ofícios na Casa da Criança. Ali

foram produzidos os três painéis coloridos espalhados por Jacutinga: na praça em frente da igreja, o painel intitulado “Entrada triunfal de Jesus em Jerusalém”; ao lado do cemitério, o painel “Ressurreição da filha de Jairo”; e, em frente à Escola Júlio Brandão, o “*Poverello* de São Francisco de Assis”, protegido por tombamento em 2007. Monsenhor Vieira usava como material o azulejo grande pintado, técnica que difere da arte em pastilhas (Viotti; Dias, 2018, p.128).

São inúmeras as obras de arte, tais como quadros realizadas por Mons. Vieira e Nêgo Volponi, muitas delas estão presentes no Memorial, Igreja Matriz e residências de famílias jacutinguenses e antigos amigos de ambos. Além da cidade de Paraisópolis que possui várias em poder dos familiares do Mons. Vieira.

A Arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. Relembrando Fanon, eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo (Barbosa, 2009, p.01).

A Arte de Mons. Vieira, Volponi e outros deve ser valorizada como forma, instrumento e metodologia para as gerações atuais e futuras. Perceber o olhar e o contexto do artista é valorizar parte da cultura local. A BNCC defende essa afirmativa.

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (Brasil, 2018, p.195).

A Arte deve ser interpretada como parte da interpretação do mundo. Faz parte da cultura e demonstra conhecimento e contextos históricos. Assim, a BNCC valoriza as diversas manifestações e incentivos a esta prática. Mons. Vieira se apropriou da arte e a utilizou como forma de educar, ensinar e desenvolver habilidades na população jacutinguense.



Figura 21 – Pintura de Nêgo Volponi realizada nos anos 60.
Fonte: Viotti; Dias (2018, p.119).

A educação informal com Mons. Vieira era feita com qualidade, responsabilidade e objetivos claros em torno da formação para o trabalho, cidadania e espiritualidade. Quebra de certo modo a ideia de um tradicionalismo cristão que se fecha nos interiores do templo.

A Arte na Educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 2009, p.02).

José Carlos Bresci, 80 anos, contador, aposentado, conviveu mais de 40 anos com Mons. Vieira, e nas suas palavras descreve o amor do então padre Vieira por Jacutinga, e como o sacerdote se preocupava com o povo dessa terra. Segue as palavras de Bresci:

Conheci Padre Vieira em 1958, logo quando chegou. Ele veio substituir o Mons. Rigotti e o vigário, padre Júlio Perlatto. Lembro que na mesma época estava acontecendo em Jacutinga, as Santas Missões Redentoristas aquele ano.

Uns tempos depois, eu tinha uns 20 anos, eu estava na banca de revista do Antônio Vieira da Silva, o Conde, na esquina na atual Ótica Jacutinga. Nessa época eu trabalhava no escritório do Sebastião Stecca

Acabou a missa e desceu ele e seu Alderige Grossi, aí ele me chamou, eu trabalhava no escritório do Sebastião Stecca. E ele veio ao meu encontro para organização parte da documentação da Igreja, principalmente a contábil. Aceitei e fiz por vários anos como serviço voluntário, mas as vezes ele me dava uma gratificação. Quando casei, ele ia na banca, do Cirineu Camilo, de

frutas e legumes e mandava entregar uma cesta em casa. Ele era danado (risos).

Fui secretário dele na AJPC, as reuniões aconteciam no escritório paroquial. A gente pegava as assinaturas e registrava as prestações de conta, balanço e etc. Foi um trabalho que fiz por anos.

Pe. Vieira era um homem prático, não enrolava para fazer as coisas.

Ele era comprometido e voltado às pessoas pobres. Seja quem for, ele atendia igualmente. Criou dezenas de cursos intensivos e profissionalizantes e inclusive participou da fundação do Colégio Santo Antônio.

Era um cidadão positivo, via o futuro na frente, até curso de pedreiro ele incentivou. Só não cursou nada quem não quis. Ele criou um curso intensivo de contabilidade gratuito numa sala do Colégio Santo Antônio e me convidou para dar aula de contabilidade, eu fui como voluntário. Não era o técnico em contabilidade, era um curso livre.

Ele foi mais importante, com todo respeito, do que qualquer cidadão jacutinguense. Foi muito mais interessado, dinâmico, sendo estrangeiro, do que o povo nato daqui.

Teve muito mais amor a Jacutinga que outros que moram e moraram aqui. Para poder falar de alguém, tem que conhecer a pessoa. Eu convivi com ele por mais de 40 anos.

Padre Vieira foi uma pessoa de cabeça aberta, era um protetor de pessoas menos favorecidas.

Mons. Vieira de acordo com o relato de José Carlos Bresci, era formador e protetor dos mais pobres. Um herói? Talvez. Certo é que lutava contra as adversidades que assolavam os mais indefesos e desprovidos.

A professora Tânia, nesse contexto de informalidade, lembra seus primeiros contatos fora da escola com a pessoa de Mons. Vieira, parte deles repassados por seus pais. Assim nos relata:

O meu primeiro contato foi quando criança, meus pais contavam que o “seu” Cônego chegou no portão de casa no ano de 1958 e foi gritando: Ô de casa! E assim se apresentou com novo padre de Jacutinga e logo foi convidando minha família para conhecer a sua. Eu tinha um ano idade e Monsenhor entra na minha vida e de minha família (lágrimas e emoções).

Monsenhor Vieira está arraigado na minha história e na minha vida, me preparou para a Eucarística e recebi a primeira comunhão das mãos dele, estava presente no dia do meu Crisma e foi padrinho de Crisma do meu irmão, José Samuel Raffaeli Filho que se orgulha de tê-lo como padrinho. As nossas famílias foram muito amigas.

Valdimir, lembra do sábio padre, que esteve presente na sua infância e também na sua vida adulta, da seguinte maneira:

Conheci Mons. Vieira através da Casa da Criança, quando eu era aprendiz. Lá, iniciei o curso de cestaria, depois fui para o curso de marcenaria e por último fui para a tipografia.

Também estudei no Colégio Santo Antônio, através de um convênio que havia junto à Casa da Criança e com recurso e auxílios financeiros do próprio Mons. Vieira.

A amizade e a proximidade com ele eram tremendas, desde criança. Ele tinha um jeito simples e acolhedor, brincava com a gente (a famosa brincadeira da bala). Foi uma pessoa que me marcou desde a infância até a minha vida adulta.

Ele era muito talentoso, em tudo que ia fazer era muito disciplinado.

Em 2002, eu estava desempregado e daí, através das missas eu comecei a ver como manuseava o missal para ajudar o Mons. na Missa. Com o tempo passei a cuidar dele e ajudá-lo na missa.

Mons. Vieira era centrado, gostava de saber do progresso, mas principalmente preocupado com a formação na catequese, e com a formação das crianças.

Era um homem objetivo: falava muito sobre pedir a sabedoria de Deus.

Eu me emociono de lembrar os momentos que o ajudei.

A gente notava que ele sempre falava: a pessoa tem que estudar, ter um emprego e uma casa para morar. Essas dignidades suportam qualquer dificuldade.

A gente dava uma volta de carro e ele sempre falava:

-Que belas casas!

Eu respondia:

- Então, são todas bonitas, mas vai dinheiro pra mantê-las heim.

Um dia eu perguntei se era pecado ser rico, e ele dizia que não. Para ele, pecado é a pessoa não ajudar com o progresso da cidade

Ele deixou um legado com certeza, o seu acervo de quadros, as suas aulas que preparava. Tive a oportunidade de ler, seus planejamentos e parecia um artigo científico de tão belo e bem estruturado

Eu penso que os jovens deveriam conhecer a vida desse homem, pois, depois desses 18 anos que faleceu, ainda estamos falando sobre sua vida.

Tem muito trabalho e pesquisa sobre a vida do Mons. para se fazer.

Ele pensava no futuro.

Mons. Vieira é uma pessoa viva nesse trabalho que você (Jefferson) está fazendo

Ah, ele sempre falava coisas maravilhosas pra gente

Monsenhor era a sabedoria em pessoa.

Valdimir, esteve com Mons. Vieira em seus últimos dias de vida. Seu cuidado e admiração são visíveis em seu relato. Ainda hoje, continua a propagar o nome de Mons. Vieira, demonstrando o seu afeto e carinho por este grande sacerdote educador.



Figura 22 – Valdimir dos Santos junto com Mons. Vieira.
Fonte: Adaptado do acervo de fotos de Valdimir dos Santos.

Reginaldo Sydine Luiz, também conheceu Mons. Vieira na informalidade e relembra sua postura na cidade de Albertina MG. Abaixo segue suas palavras:

O pároco de Jacutinga tomava conta da comunidade católica de Albertina MG, somente em 2014 que nos tornamos paróquia.

Lembro de Mons. Vieira celebrando as missas quando eu era criança. O conhecia desde criança como Con. Vieira, me recordo da bala, onde ia dar a bala pra gente e dava o dedo (risos).

Ele ficava na porta da Igreja esperando as pessoas chegarem, cumprimentava todo mundo. Era bem acessível.

Quando fui lecionar na Escola Júlio Brandão tive mais contato de quem foi ele para Jacutinga.

Ele foi uma inovação, viveu anos luz da sua realidade. Transformou a educação e modernizou a Casa da Criança. A gente precisa seguir o modelo de Mons.

As ideias hoje de cursos profissionalizantes, já tinham surgidas com Mons. Vieira

Os grandes mestres da educação de Jacutinga, passaram pelas mãos e sala de aula de Mons. Vieira.

Ele dava aula no cemitério para falar sobre arte, era inovador.

Hoje, a Ação Social do município, colabora com a manutenção da Casa da Criança.

É muito importante, repensar o que Mons. fez no passado. Suas ideias jamais serão esquecidas. Hoje, se a nossa educação caminha bem, é porque Mons. esteve lá atrás. Ele foi a base. Educava com amor. Estendia prática da sala de aula para o mundo.

Tinha amor pelas crianças em tempos difíceis. Ele sabia que não era um caminho fácil. Mas persistiu

Mons. tem grande influência na educação de Jacutinga.

Mons. Vieira foi pra mim: um homem além do seu tempo, visionário que percebeu que tudo pode ser resolvido pela educação. Foi a luta e arregaçou as mangas.

Como é especial a presença de Mons. Vieira na memória de cidadãos de inúmeros cidadãos. Ele impulsiona e fortalece a esperança de que a Educação transforma a vida das pessoas. Muito mais que cumprir planejamentos, derramou amor aos seus alunos.

Mons. Vieira, traz a essência de um educador comprometido com a formação integral do indivíduo. Oferece inovações, técnicas, métodos e conhecimento. Mas oferece acima de tudo, sua vida em prol do outro, da criança desamparada, do jovem, do adulto, sempre com vistas ao aperfeiçoamento humano.

[...] a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (Durkheim, 2013, p.53-54).

Os que passaram pelas ações de Mons. Vieira, observando seu testemunho e absorveram seus ensinamentos, se transformaram em seres humanos melhores para a sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou analisar e identificar as ações de Mons. Sebastião Carvalho Vieira nos espaços: formal, não formal e informal, relativas à Educação de Jacutinga MG, de modo a reuni-las e compreendê-las como partes importantes na formação dos indivíduos.

Para tanto, utilizou-se informações bibliográficas sobre os temas relacionados a Educação Formal, Educação Não Formal e Educação Informal, buscando selecionar e interpretar as ações de Mons. Vieira dentro de cada ambiente educacional.

Foi necessário para construção do trabalho e cuidado com as informações, a utilização da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) para poder reunir, identificar e interpretar as informações dentro de cada contexto da educação de Jacutinga. O que resultou na formação do *corpus* da pesquisa, sustentado bibliografia adequada ao tema, observações, registros, figuras e depoimentos.

Compreendemos pelo referencial teórico, as diferenças entre a educação formal, não formal e informal, para assim contextualizar cada ação de Mons. Vieira dentro da educação de Jacutinga. Separando a formalidade da escola onde lecionou de outros espaços onde atuou pela educação.

Para Mons. Vieira ficou evidenciado que somente a escola formal não atende todas as necessidades de formação do indivíduo. A formalidade precisa estar integrada a outros espaços para ser uma educação efetiva. A Casa da Criança, a paróquia e o diálogo cotidiano com as pessoas eram formas de educar.

Foi possível perceber nos testemunhos orais que Mons. marcou de tal forma suas vidas que eles ainda carregam parte de sua influência em suas profissões e condutas sociais. Quer sejam como religiosos, professores, trabalhadores e no meio de seus familiares, Mons. Vieira foi exemplo no processo de formação de cada um deles.

Observamos as ações em diferentes espaços, como escola, associação e no cotidiano, a ponto de percebermos a importância de Mons. Vieira na história da educação jacutinguense e na vida de seus alunos.

Identificamos, que o compromisso como educador é consequência de sua formação. Solidificado pela formação familiar, pela formação do seminário e cursos de graduação oferecidos pela Igreja Católica, pela sua dedicação à Arte, o cuidado com o menos favorecido e amor ao ser humano.

Mons. Vieira, nos trouxe, pelo testemunho de sua vida, a concepção de que a educação acontece em diferentes e espaços, demonstrando que estas, não se separam, mas se complementam na formação integral do indivíduo.

Pessoas foram transformadas pela educação oferecida por Mons. Vieira em suas diversas formas e épocas distintas.

A importância de Mons. Vieira, ultrapassa os limites do sacerdócio restrito ao templo. Demonstra encontro do padre com a comunidade, sensibilidade a dor e resposta aos anseios de parte da sociedade.

Dessa maneira, possibilidades, inovações no aprendizado, atenção e amor, possibilitaram aos alunos de Mons. Vieira, assimilação de conceitos e mudanças que se perpetuam na vida, na formação, família e no caráter de cada um.

Mons. Vieira pode ser considerado um dos pilares da história da educação de Jacutinga. Ele contribuiu para a formação de professores, sacerdotes locais, e cidadãos prometidos com o progresso da cidade.

O trabalho não se esgota, afinal 48 anos de história oferecem inúmeros campos e objetos para pesquisas futuras. Mas, ressalta parte de sua importância dentro de um recorte da Educação.

Compreendemos que a educação acontece quando há dedicação e envolvimento das partes, quer seja dentro ou fora da escola, numa instituição ou na convivência diária.

Por fim, visualizar parte da obra de Mons. Vieira na educação de Jacutinga, o significado que ela possui para cada pessoa, sua importância histórica, é possivelmente acreditar, que Educação pode acontecer efetivamente em qualquer ambiente.

Esperamos que esse primeiro trabalho acadêmico sobre Mons. Vieira possa despertar outros mais no futuro.

REFERÊNCIAS

- A GAZETA DE JACUTINGA. **Edições publicadas entre 1958 a 1992**. Anos XXXI a LXV, Periódico semanal local.
- AJPC. Associação Jacutinguense de Proteção à Crianças. Livro de Atas nº 01 e nº 02. **Atas registradas** de nº 1 a nº 56 entre 1948 e 1993.
- ALMEIDA, Wilson Ricardo Antoniassi. **A escrita da História: a fotografia escolar na História da Educação**. Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 8, n. 3, set./dez. 2017 – ISSN 2179-6386
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- ANDRÉ, Marli E.D.A; LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 1986. São Paulo, Ed. EPU. Coleções Pesquisa Educacional. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf Acesso em 10 de mai. 2023
- ANGELINI, Rute de Carvalho. **Atributos aos diferentes tipos de educação: formal, não formal e informal**. Anais do II Colóquios de Política e Gestão da Educação - n.2, 2021, p.220-232. Disponível em:
<https://www.anaiscpge.ufscar.br/index.php/CPGE/article/view/1001> Acesso em 28 de mar.2023
- ARANTES, Valéria Amorim (org.); **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. 2018. Summus Editorial. 1º Edição.
- AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões**. 2010 Disponível em:
<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024/3948> Acesso em: 20 de set. 2023
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Dialogando com Ana Mae: **Entrevista. Atos de Pesquisa em Educação** -ISSN 1809-0354Blumenau, v. 11, n.1, p.343-349, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2016v11n1p343-349> Acesso em 20 de jan. 2024
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Processo Civilizatório e Reconstrução Social Através da Arte**. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador. 2009. Disponível em: https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/mesas_r edondas/MR_Barbosa.pdf Acesso em 20 de jan. 2024
- BARBOSA, G.; OLIVEIRA, C. T. **Educação Ambiental na Base Nacional Comum Curricular**. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 323–335, 2020. DOI: 10.14295/remea.v37i1.11000. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11000>. Acesso em: 5 nov. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2011. São Paulo: Edições 70.

BENTO XVI, Papa. **Carta do papa Bento XVI à diocese e à cidade de Roma sobre a tarefa urgente da formação das novas gerações**. 2008. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2008/documents/hf_ben-xvi_let_20080121_educazione.html Acesso em 01 de fev. 2024

BIANCONI, Maria Lucia; CARUSO, Francisco. **Educação não-formal**. Cienc. Cult., Dez 2005, vol.57, n.4, p.20-20. ISSN 0009-6725. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a13v57n4.pdf> Acesso em 01 de ago.2023

BIESDORF, Rosane Kloh. **O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade**. Itinerarius Reflectionis, Goiânia, v. 7, n. 2, p. DOI 10.5216/rir.v1i10.1148, 2011. DOI: 10.5216/rir.v1i10.1148. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20432>. Acesso em: 19 set. 2023.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

BORGES, Maria Cecília; AQUINO, Orlando Fernandez; PUENTES, Roberto Valdés. **Formação de Professores no Brasil: História, Políticas e Perspectivas**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.42, p.94-112, jun2011 - ISSN: 1676-2584.

BRANCO, Samantha Castelo. **História Oral: reflexões sobre aplicações e implicações**. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/18488> Acesso em: 20 de fev. 2024

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 4024 de 1961. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm Acesso em 30 de set. 2023

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em 15 de nov. 2022

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 25 de mar.2023

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069 de 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em 01 de out. 2023

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 05 de ago. 2023

BRESCI, Melissa Salaro. **Um olhar sobre a Associação Jacutinguense de Proteção à Criança: Rememorando a história de atendimento a infância em Jacutinga MG**. 2016. Novas Edições Acadêmicas, 1º Ed.

BRUNO, Ana. **Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos.** Medi@ções, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 10–25, 2014. DOI: 10.60546/mo.v2i2.68. Disponível em: <https://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/68> . Acesso em: 21 fev. 2024.

Campos, Marcelly; ARAUJO, Débora Cristina de. **O amor como prática educativa revolucionária: O compromisso com uma docência amorosa.** 2022. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/abatira/article/download/14450/9947/42726> Acesso em 20 de mar. 2024

CANO, Márcio Rogério de Oliveira; OLIVEIRA, Regina Soares de; ALMEIDA, Vanusia Lopes de; FONSECA, Vitória Azevedo da. **História.** São Paulo: Blucher, 2012. Coleção – A Reflexão e a Prática de Ensino: 6

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. **Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa.** 2021. Disponível em: <https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347/1443> Acesso em 10 de fev. 2024

CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa.** Educação & Sociedade, ano XX, nº 67, ago. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/pfcpcbYWBnLMVktGRhKKNYM/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 16 de nov. 2022

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades.** 2013. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/historiaoral.pdf> Acesso em 20 de dez. 2023

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. **Educação formal, informal e não formal na educação em ciências.** 2014. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf> Acesso em 26 de fev. 2024

CAVALLET, Valdo José. **Educação Formal e treinamento: confundir para doutrinar e dominar.** Revista Diálogo Educacional, vol. 1, núm. 2, julho-diciembre, 2000, pp. 1-7. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118252004.pdf> Acesso em 29 de fev. 2024

CNBB. **Campanha da fraternidade: Preserve o que é de todos.** 1979. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1979> Acesso em 05 de out. 2023

CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos da Igreja – Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965).** 2003. Paulus Editora.

COSTA, Antônio Max Ferreira da; RODRIGUES, Juventina Firmina; NASCIMENTO, José Matheus do. **As categorias “memória” e “memória da educação**

profissional” nas concepções de Jaques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta. Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 29, n.1, p. 59-75, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/download/51643/30179/134372#:~:text=Em%20tese%2C%20afirma%2Dse%20que,e%20pela%20cr%C3%ADtica%20das%20fontes. Acesso em 29 de mar. 2023>

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **Educação e Sociedade.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/MGwkqfpsmJsgjDcWdqhZFks/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 01 de jun. 2023

DA. Documento de Aparecida. **V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Documento Final.** 2007. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf Acesso em 15 de jan. 2024

DP. Documento de Puebla: **Conclusões da IIIª CONCLUSÕES DA IIIª CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.** 1979. Edições Paulinas. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf Acesso em 26 de jan. 2024

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** Petrópolis: Vozes, 2013.

EG. *Evangelii Gaudium, Exortação Apostólica do Papa Francisco.* 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 05 de fev. 2024

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. **Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral.** 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28335/30193> Acesso em: 25 de mar. 2024

FERNANDES, Renata Siero. **A memória dos lugares, dos objetos e os guardiões da memória na educação não-formal.** 2012. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/download/180/185/532> Acesso em 10 de mar. 2024

FERREIRA, Arthur Vianna; SIRINO, Marcio Bernardino; MOTA, Patrícia Flávia. **Para além da significação ‘formal’, ‘não formal’ e ‘informal’ na Educação brasileira.** Interfaces Científicas, Aracaju, V.8, nº.3, p. 584 – 596, Publicação Contínua – 2020.

FIALHO, L. M. F.; SANTOS, F. M. B. dos; SALES, J. A. M. de. **Pesquisas biográficas na História da Educação.** Cadernos de Pesquisa, São Luís, v. 26, n. 3, p. 11–29, 2019. DOI: 10.18764/2178-2229.v26n3p11-29. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12743>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013

FRANCISCO, Papa. **Pacto Educativo Global. *Instrumentum Laboris***. 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf> Acesso em 15 de set. 2023

FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível. 1982**. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/cdc73ab8-c5e5-4caa-9cd7-577f1688dfd2/content> Acesso em 20 de set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa*. 2019. 1ª Ed. Editora Paz e terra.

GADOTTI, Moacir. **A questão da Educação Formal/ Não- Formal**. Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal_formal_Gadotti.pdf Acesso em 01 de jul. 2023

GADOTTI, Moacir. **Educar para um outro mundo possível**. 2007. Disponível em: <http://gadotti.org.br/handle/123456789/447> Acesso em 16 set. 2023

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf> Acesso em 10 de mai. 2024

GARCIA, Valéria Aroeira. **O papel do social e da educação não formal nas discussões e ações educacionais**. 2013. Disponível em: https://docs.favenorte.edu.br/files/biblioteca/publicacoes-online/educa_C3_A7_C3_A3o_20n_C3_A3o_20formal.pdf Acesso em: 15 de abr. 2024

GARCIA LIMA, Livia Moraes. **A Educação Não Formal e a História Oral**. Ed. Letraevoz, 2019.

GE. *Gravissimum Educationis. Declaração*. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. v.1. (Coleção questões da nossa época). Disponível em: Minha Biblioteca, Cortez, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. 2009. Disponível em:

<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/download/1/5>
Acesso em: 10 de dez. 2023

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 3ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época)

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf> Acesso em 08 de nov. 2022

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006b. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034#:~:text=Na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20informal%2C%20os%20agentes,de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20de%20massa%20etc. Acesso em 26 de mar. 2023

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal nas instituições sociais. Sociais. Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615> Acesso em 10 de jan. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal : direitos e aprendizagens dos cidadãos (ãs) em tempos do Coronavírus**. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.7.7 – 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3259> Acesso em 10 de ago.2023

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e saberes em Processos Participativos. Investigar em Educação - IIª Série, Número 1, 2014**. Disponível em: https://epale.ec.europa.eu/sites/default/files/gohn_2014.pdf Acesso em: 20 de jan. 2024

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. **Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa**. Revista Pesquisa Qualitativa, [S. l.], v. 8, n. 17, p. 155–183, 2020. DOI: 10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322>. Acesso em: 10 de fev. 2024

GREGGERSEN, Gabriele. A prática pedagógica do educador cristão: reflexões a partir da parábola do semeador. 2002. Fides Reformata et Semper Reformanda est, v.7, nº 01, p.105-123.

GUIMARÃES, Paula; FORTECOEF, Clarisse faria. **A complementaridade entre educação (formal, não formal e informal) e (auto, hetero e eco) formação: uma discussão a partir de autobiografias**. Educação, [S. l.], v. 46, n. 1, p. e32/ 1–22,

2021. DOI: 10.5902/1984644461311. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/61311>. Acesso em: 21 mar. 2024.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A Opção Profética de uma Igreja. In: SOTER; AMERÍNDIA (orgs). Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios.** São Paulo: Paulinas, 2006, p. 286-287.

HODGE, Susie. **Breve História da Arte.** 2018. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

HORTAS, M. J.; CAMPOS, J. **Educação formal e não formal: entre a formação e a intervenção.** Revista Interações, [S. l.], v. 10, n. 29, 2014. DOI: 10.25755/int.3919. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3919>. Acesso em: 21 jan. 2024.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jacutinga/panorama> Acesso em: 25 de out. 2023

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica.** 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390> Acesso em 10 de abr. 2024

JERUSALÉM, Bíblia de. Paulus. 2002. 2ª impressão, 2003.

JOSÉ, O Paraíso de. **Escola Municipal Mons. Sebastião Carvalho Vieira homenageia seu patrono em seu Centenário de nascimento.** 2016. Disponível em: <https://oparaisodejose.blogspot.com/2016/04/escola-apresenta-mostra-comemorativa-do.html> Acesso em 11 de ago. 2023

LARA, Tiago Adão. **A Mística do Educador Cristão.** 2007. Rhema, Belo Horizonte, v. 13, ns. s.42/43/44 (Edição Unificada 2007), p. 151-164. 2007.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento. In: História e memória.** Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1996

LG. *Lumen Gentium*, **Declaração. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.** 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Os significados da educação, modalidades de prática educativa e a organização do sistema educacional.** Revista Inter Ação, v. 16, n. 1/2, p. 67-90, 2 out. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/55234> Acesso em 10 de ago. 2023

LIMA, Edwiges Inácia; NAGAO, Fernanda Quinei Alves; SELMO, Jaqueline Tumitan; LANDIM, Sorrana Penha Paz; LIMA, Vanda Moreira Machado. **O papel da Educação Formal, Não Formal e Informal na formação política das mulheres educadoras.**

Revista Pegada – vol. 20. n.1 270 Janeiro-Abril/2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/6305> Acesso em 05 de ago. 2023

LIMA, P. G. **Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional**. Artur Nogueira, SP: Amil, 2003.

LS. Encíclica Laudato Si. **Papa Francisco, sobre o cuidado da casa comum**. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em 10 de jan. 2024

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Elisabete. **Diálogos em roda: uma práxis pedagógica possível com a educação formal e não formal**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2889> Acesso em 05 de mar. 2024

MANZATO, Antonio José; SANTOS, Adriana Barbosa. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa**. Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP. 2012. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIO_S_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf Acesso em 20 de nov. 2022

MARANDINO, Martha. **Faz sentido ainda a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?** 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/cmjvH7v4mFZMsdjV5bWLJfM/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 20 de fev. 2024

MARQUES, Joana Brás Varanda; FREITAS, Denise de. **Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão da literatura**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1087-1110, out./dez., 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201701151678> Acesso em: 10 de dez. 2023

MARQUES, WR; ROCHA, VM da; DINIZ, M. de J. dos S.; MONTEIRO, TC **Arte-educação informal em Cafua das Mercês / Arte-educação informal em Cafua das Mercês**. Revista Brasileira de Desenvolvimento, [S. l.], v. 9, pág. 64470–64480, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n9-037. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16052>. Acesso em: 23 mar. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Anny Carolina de. **A História Oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa**. Revista Prisma, v. 2, n. 1, p. 63-77, 25 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/43> Acesso em 18 de dez. 2023

OLIVEIRA, Eliana de; ENS, Romilda Teodora; FREIRE ANDRADE, Daniela B. S.; MUSSIS, Carlo Ralph de. **Análise de Conteúdo e Pesquisa na Área de Educação**. 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118067002.pdf> Acesso em 15 de fev. 2024

PATRÍCIO, Maria Raquel. **Educação formal, não formal e informal**. 2019 In M. J. Brites, I. Amaral & M. T. Silva (Eds.), Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar (pp. 105-107). Braga: CECS. Disponível em: https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/19887/3/MRP-ED_F_NF_I.pdf Acesso em 05 de ago. 2023

PEREZ, Deives. **Modalidades de educação e trabalho do professor: do contexto histórico da educação formal aos saberes e práticas contemporâneas da educação não formal**. Revista Contemporânea de Educação, vol. 8, n. 16, agosto/dezembro de 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/download/1706/1555/2880> Acesso em 06 de ago. 2023

QUADRA, Gabrielle Rabello; DAVILA, Sthefane. **Educação Não-Formal: Qual a sua importância?** 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/zoociencias/article/view/24644> Acesso em 10 de abr. 2024

REILY, Lucia; SIMÃO, Selma Machado. **A arte e ensino em espaços plurais**. Cad. CEDES vol.42 n°.116 Campinas 2022. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/periodicos/cadernos-cedes/116-v42-cadernos-cedes> Acesso em: 20 de abr. 2024

RIBEIRO, Leila Maria Orlandi. **Adesão ao pacto educativo global: convite do Papa Francisco à humanidade no contexto de pós-pandemia**. 2021. Disponível em: https://www.faje.edu.br/simposio2021/arquivos/comunicacoes/nao_doutores/Leila%20Maria%20Orlandi%20Ribeiro.pdf Acesso em 10 de set. 2023

ROCHA, Teresinha Sueli de. **Educação: um serviço da Igreja**. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2018v12i21p22-44> Acesso em: 10 de jan. 2024

ROCHA SILVA, Cristiane; CHRISTO GOBBI, Beatriz; ADALGISA SIMÃO, Ana. **O uso da Análise de Conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método**. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf> Acesso em 12 de fev. 2024

ROSÁRIO, Maria José Aviz; MELO, Clarice Nascimento de. **A educação jesuítica no Brasil colônia**. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640534> Acesso em: 20 de jan. 2024

SAMARA, Eni de M.; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Grupo Autêntica, 2007. E-book. ISBN 9788582172223. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582172223/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de Conteúdo categorial: Manual de Aplicação.** 2018. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf Acesso em 25 de fev. 2024

SANTOS, Thiago da Silva; GERMANO, Marcelo Gomes. **A educação formal, informal e não-formal e os museus de ciência.** V ENID, Encontro de iniciação à Docência da UEPB, 2015. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA13_ID1551_31072015111434.pdf Acesso em 02 de jun. 2023

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2007, vol.12, n.34, pp.152-165. ISSN 1413-2478.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 10.ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SBARDELOTT. Emerson. **De Medellín à Puebla: uma Igreja em saída.** 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/view/45853> Acesso em 25 de jan. 2024.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione. 2009. 1º. Ed.

SILVA, Andressa Henning; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos.** 2015. Disponível em: <https://www.fepiam.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/2113-7552-1-PB.pdf> Acesso em 18 de fev. 2024.

SILVA, Grazielle Roberta de Freitas; MACÊDO, Kátia Nêyla de Freitas; REBOUÇAS, Cristiana Brasil de Almeida; SOUZA, Ângela Maria Alves e; **Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa.** 2006. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3614/361453972028.pdf> Acesso em 10 de mai. 2023

SILVA, Joyce Kelli Gomes da. **Educação Informal e sua contribuição para o ensino/aprendizagem.** REER, v.10, n.2, 2024. Edição Especial de Pedagogia. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/issue/view/52> Acesso em 20 de mar. 2024

SILVA, Rafael Martins da. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos.** Investigar em Educação - IIª Série, Número 1, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/download/58758928/Saberes_e_Processos_Participativos_41_57.pdf Acesso em: 20 de nov. 2022

SILVA, Rivânia Souza da; CLARO, Lisiane Costa; PEREIRA, Roberto Avila. **Saberes populares e a educação informal: diálogos com a Educação Popular.** 2021. Disponível em:

<https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/7514>
Acesso em 25 de jan. 2024

SOUSA, Olivia Maria Costa Grangeiro; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. **Trabalho precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes**. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/58yGDzFsDxq4H5LjBWGs3Rj/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 17 de jan. 2024

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336/1441#:~:text=De%20forma%20para%20Lakatos%20e,%2C%20chegando%20a%20conclus%C3%B5es%20inovadoras%E2%80%9D>. Acesso em: 20 de nov. 2022

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer**. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/download/31559/22049/134370>
Acesso em 22 de fev. 2024

SOUZA, Lady Anne de. **A missão da Igreja e Educação**. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-08/a-missao-da-igreja-e-educacao.html> Acesso em 20 de jan. 2024

TEIXEIRA, Emarianne Campanha. **Caminhos da educação integral católica: do horizonte do Concílio Vaticano II às trilhas educacionais brasileiras**. 2021. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1820/2/CAMINHOS%20DA%20EDUCAO%20INTEGRAL.pdf> Acesso em 22 de jan. 2024.

UNESCO. **International Standard Classification of Education - ISCED**. Montreal; Quebec: Unesco: Institute for Statistics, 2011.

VALLE, Benedito. **Jacutinga: A concepção, o nascimento e a evolução**. 2000. 1º Ed. Graphical – Itapira - SP

VASCONCELOS, Diogo. **História da Civilização Mineira**: Bispado de Mariana. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

VIOTTI, Hilton; DIAS, Lia Ribeiro. **Asas de Jacutinga**. São Paulo: Bit Social, 2018.

XAVIER, A. R.; VASCONCELOS, J. G.; XAVIER, L. C. DO V. Biografia e educação: aspectos histórico-teórico-metodológicos. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 3, n. 9, p. 1016-1028, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5607> Acesso em: 18 de nov. 2022

YANNOULAS, Silvia Cristina. **A escola como instrumento de direitos**. 2014. Disponível em:

http://ens.ceag.unb.br/sinase/ens2/images/Biblioteca/Livros_e_Artigos/Docencia_na_Socioeducacao_versao_eletronica.pdf Acesso em: 01 de mar. 2024

WEISS, Raquel Andrade; SOARES, Rhuany Andressa Rapahelli. **A educação como socialização em Émile Durheim**. 2021. Disponível em: [m www.upf.br/seer/index.php/rep](http://www.upf.br/seer/index.php/rep) Acesso em 05 de julho de 2024.

**ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012.**

Título da Pesquisa: Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos

Nome do Pesquisador Principal: Jeffersom Carlos da Silva

Orientador: Rodrigo Rios Faria de Oliveira

1. Natureza da pesquisa: o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar e identificar as contribuições de Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira para a Educação de Jacutinga (MG)

2. Participantes da pesquisa: 20 pessoas, sendo lideranças católicas, professores, moradores de Jacutinga, lideranças leigas e pessoas próximas ao monsenhor.

3. Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador Jeffersom Carlos da Silva utilize das informações presentes na entrevista para contribuir com a pesquisa em andamento. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (35) 99969-6964 pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS) pelo telefone (35) 3449-9271, Segunda-feira à Sexta-feira: 8h00 às 12h e das 14h às 17h00, ou pelo email: cep@univas.edu.br

4. Sobre as entrevistas: serão realizadas nas residências dos entrevistados, com horário previamente marcado, com no máximo uma hora de duração. As indagações durante a entrevista serão em torno da pessoa do Monsenhor Vieira, sua ligação com Educação de Jacutinga e contribuições na vida e formação dos entrevistados.

5. Riscos e desconforto: Nervosismo, cansaço ou aborrecimento ao responder a entrevista. Medo, vergonha. Alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante. Desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; medo de não saber responder ou de ser identificado. Sentimento de invasão da privacidade. Interferência

na vida e na rotina dos sujeitos. Embaraço de interagir com estranhos, medo de repercussões eventuais.

6. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

7. Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador Jeffersom Carlos da Silva e seu orientador Rodrigo Rios Faria de Oliveira terão conhecimento dos dados.

8. Benefícios: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre cooperar para a pesquisa acadêmica; valorizar a memória local; contribuir para o reconhecimento do Monsenhor Vieira frente a Educação de Jacutinga. Incentivar novas pesquisas sobre Monsenhor Vieira e demais assuntos ligados a Educação. Torna-se parte da história local, ser agente transformador da sociedade contribuindo para estudos em Educação. Motivar-se e se perceber parte da pesquisa e valoroso para a mesma., de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa valorizar as ações educacionais do Monsenhor Vieira em Jacutinga (MG), onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

9. Pagamento: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

10. Desistência: o (a) Sr.(a) participante pode se recusar a responder ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo a seguir se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jeffersom Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Prezado Sr(a) _____, diretor da _____.

Venho por meio deste solicitar a **autorização** desta instituição/organização para realização da pesquisa intitulada "*Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos*", sob minha responsabilidade.

A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação Conhecimento e Sociedade ofertado Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS) nível mestrado com objetivo de analisar e identificar as contribuições do Monsenhor Vieira neste local, e prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta instituição:

Análise de documentos escritos, obras de arte, acervo fotográfico, atas, livros de tombo, objetos, obras e relatos que tenham ligação com a vida e ações educacionais de Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira para registro no presente trabalho, devidamente citados de suas respectivas fontes.

Informo também que o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Sapucaí, FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DR.JOSÉ ANTÔNIO GARCIA COUTINHO - FACIMPA e recebeu aprovação através do Parecer: 6.421.561 de 10 de outubro de 2023.

Pesquisador Responsável

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.

Local, ___ / ___ /20___

Responsável legal pela instituição
(assinatura /carimbo)

ANEXO C – Parecer do Comitê de Ética

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO
GARCIA COUTINHO - FACIMPA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Monsenhor Sebastião Vieira e sua contribuição para a Educação de Jacutinga (MG)

Pesquisador: JEFFERSON CARLOS DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 71038623.7.0000.5102

Instituição Proponente: FUNDACAO DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO SAPUCAI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.421.561

Apresentação do Projeto:

O trabalho é uma pesquisa qualitativa e será realizada nos locais: Memorial Monsenhor Vieira pertencente a paróquia de Santo Antônio em Jacutinga (MG); na ASSOCIACAO JACUTINGUENSE DE PROTECAO A CRIANCA; jornal A Gazeta de Jacutinga, Escola Estadual Júlio Brandão, Colégio Santo Antônio e demais locais na cidade onde Monsenhor Vieira atuou de modo formal, informal e não formal na educação. Serão pesquisados documentos como atas, publicações em periódicos, textos, editoriais, obras de arte, escritos e etc., também serão realizadas entrevistas com moradores, amigos, ex-alunos e lideranças católicas que foram próximos ao Monsenhor durante sua vida de modo a extrair informações e que demonstrem a contribuição do Monsenhor para a educação de Jacutinga MG.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar e compreender as contribuições de Monsenhor Vieira para Educação Formal, Informal e Não formal em Jacutinga (MG).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Nervosismo, cansaço ou aborrecimento ao responder a entrevista. Medo, vergonha. Alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante. Desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; medo de não

Endereço: Av. Prefeito Tuany Toledo, 470; Sala 19A; Bloco Verde; Andar Térreo

Bairro: Fátima I

CEP: 37.554-210

UF: MG

Município: POUSO ALEGRE

Telefone: (35)3449-9248

E-mail: pesquisa@univas.edu.br

Página 01 de 03

**FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO
GARCIA COUTINHO - FACIMPA**



Continuação do Parecer: 6.421.561

saber responder ou de ser identificado. Sentimento de invasão da privacidade. Interferência na vida e na rotina dos sujeitos. Embaraço de interagir com estranhos, medo de repercussões eventuais.

Benefícios: Cooperar para a pesquisa acadêmica; valorizar a memória local; contribuir para o reconhecimento do Monsenhor Vieira frente a Educação de Jacutinga. Incentivar novas pesquisas sobre Monsenhor Vieira e demais assuntos ligados a Educação. Torna-se parte da história local, ser agente transformador da sociedade contribuindo para estudos em Educação. Motivar o entrevistado a se perceber parte da pesquisa e valoroso para a mesma.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de elevada relevância social e científica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória estão presentes.

Recomendações:

Ver lista de conclusões, pendências e inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Os autores deverão apresentar ao CEP um relatório parcial e um final da pesquisa de acordo com o cronograma apresentado no projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2106910.pdf	04/09/2023 23:08:04		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_projeto_monsenhovieira.pdf	04/09/2023 23:07:32	JEFFERSON CARLOS DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinada.pdf	04/09/2023 23:03:48	JEFFERSON CARLOS DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado	Projeto_Jeffersom_Carlos_MVieira.pdf	07/06/2023	JEFFERSON	Aceito

Endereço: Av. Prefeito Tuany Toledo, 470; Sala 19A; Bloco Verde; Andar Térreo

Bairro: Fátima I

CEP: 37.554-210

UF: MG

Município: POUSO ALEGRE

Telefone: (35)3449-9248

E-mail: pesquisa@univas.edu.br

Página 02 de 03

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO
GARCIA COUTINHO - FACIMPA



Continuação do Parecer: 6.421.561

/ Brochura Investigador	Projeto_Jeffersom_Carlos_MVieira.pdf	06:31:26	DA SILVA	Aceito
-------------------------	--------------------------------------	----------	----------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

POUSO ALEGRE, 10 de Outubro de 2023

Assinado por:
Ronaldo Júlio Baganha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Prefeito Tuany Toledo, 470; Sala 19A; Bloco Verde; Andar Térreo
Bairro: Fátima I **CEP:** 37.554-210
UF: MG **Município:** POUSO ALEGRE
Telefone: (35)3449-9248 **E-mail:** pesquisa@univas.edu.br

ANEXO D – Termo de Permissão para Publicação
TERMO DE PERMISSÃO PARA PUBLICAÇÃO (cessão de direitos)

Declaro, com este Termo, permitir a publicação da dissertação de minha autoria pela Universidade do Vale do Sapucaí, em versão eletrônica e (para fins de uso exclusivamente acadêmico) a ser disponibilizada no site oficial dessa Universidade.

Título da dissertação: “ Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos “

Autoria: **Jeffersom Carlos da Silva**

Por ser verdade assino o presente Termo em meu nome.

Jeffersom Carlos da Silva

Pouso Alegre, ____ de _____ de 202_.

ANEXO E – Parte do acervo fotográfico (adaptado) das atividades realizadas na Casa da Criança



Recreao e Alfabetizao
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de Pintura em Tela
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de Artesanato em Palha e Cerâmica
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de Culinária e Curso de Artesanato com Taquaras
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de Pátina em esculturas.
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de Datilografia.
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Exposição de Artesanato e curso de bordados.

Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de Malharia e Costura.
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de Tipógrafo.
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Voluntários.
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de entalhe.

Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Curso de Marcenaria.

Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Alunas do curso de Corte e Costura.

Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Monsenhor Vieira (ao centro de batina preta) com visitantes à Casa da Criança.
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança



Figura 26 - Páscoa e Natal para as crianças.
Fonte: Adaptado de Acervo Casa da Criança

ANEXO F - Assinaturas dos entrevistados no TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

Consentimento Livre e Esclarecido

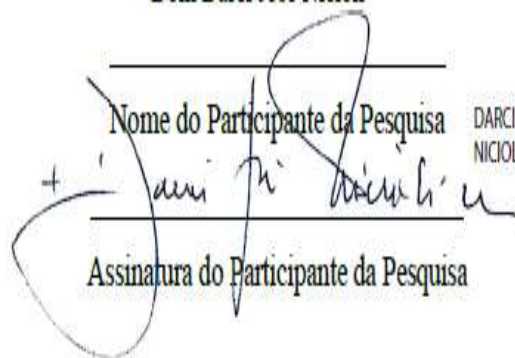
Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Dom Darci José Nicioli

Nome do Participante da Pesquisa

DARCI JOSE
NICIOLI02477714813

Assinatura do Participante da Pesquisa



Assinado de forma digital por DARCI JOSE
NICIOLI02477714813
Dados: 2024.04.10 16:14:51 -03'00'

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jeffersom Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Adriano João João
Nome do Participante da Pesquisa

Jefferson Carlos da Silva
Assinatura do Participante da Pesquisa **gov.br**

Documento assinado digitalmente
JEFFERSON CARLOS DA SILVA
Data: 14/05/2024 18:58:13-0300
Verifique em <https://validar.tb.gov.br>

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jeffersom Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany

Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

ANJA MARIA RAFFAGLI SANTINI

Nome do Participante da Pesquisa

[Assinatura]

Assinatura do Participante da Pesquisa

[Assinatura]

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jeffersom Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Reginaldo Sydine Lamy

Nome do Participante da Pesquisa

[Assinatura]

Assinatura do Participante da Pesquisa

[Assinatura]

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jeffersom Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702-6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Rosemeire Zanelato Begatti

Nome do Participante da Pesquisa

Rosemeire Zanelato Begatti

Assinatura do Participante da Pesquisa

Jefferson Carlos da Silva

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jefferson Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Jose Carlos Bem

Nome do Participante da Pesquisa

Jose Carlos Bem

Assinatura do Participante da Pesquisa

[Assinatura]
Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jeffersom Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Maria Amelia Gusolia Bortoloto

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jefferson Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Silvano Fulaneto

Nome do Participante da Pesquisa

Silvano Fulaneto

Assinatura do Participante da Pesquisa

[Assinatura]

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jeffersom Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Valdimir dos Santos

Nome do Participante da Pesquisa

[Assinatura]
Assinatura do Participante da Pesquisa

[Assinatura]
Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Jeffersom Carlos da Silva – (35) 99969-6964

Demais pesquisadores: Rodrigo Rios Faria de Oliveira – (35) 98702- 6084

Comitê de Ética em Pesquisa: Universidade do Vale do Sapucaí. Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 - Fatima, Pouso Alegre - MG, 37550-000 - Tel. (35) 3449-9271

ANEXO G - Assinaturas das Instituições no Termo de Anuência Institucional

ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL


Prezado Sr(a) Marivalda Tiago Constantino diretor
da E.M. Maria Roberto de Lima

Venho por meio deste solicitar a **autorização** desta instituição/organização para realização da pesquisa intitulada *"Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos"*, sob minha responsabilidade.

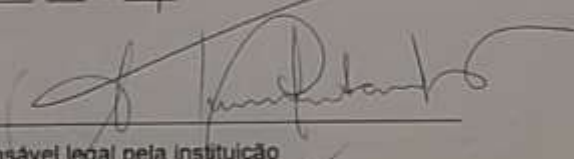
A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação Conhecimento e Sociedade ofertado Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS) nível mestrado com objetivo de analisar e identificar as contribuições do Monsenhor Vieira neste local, e prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta instituição:

Análise de documentos escritos, obras de arte, acervo fotográfico, atas, livros de tomo, objetos, obras e relatos que tenham ligação com a vida e ações educacionais de Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira para registro no presente trabalho, devidamente citados de suas respectivas fontes.

Informo também que o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Sapucaí, FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO GARCIA COUTINHO - FACIMPA e recebeu aprovação através do Parecer: 6.421.561 de 10 de outubro de 2023.


Pesquisador Responsável

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.
Local, 18/03/2024


Responsável legal pela Instituição
(assinatura /carimbo)

Marivalda Tiago Constantino
Diretora Escolar
RG 16.568.363-6

ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Prezado Sr(a) Rodrigo Alves de Carvalho diretor
da A GAZETA DE JACUTINGA.

Venho por meio deste solicitar a **autorização** desta instituição/organização para realização da pesquisa intitulada "Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos", sob minha responsabilidade.

A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação Conhecimento e Sociedade ofertado Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS) nível mestrado com objetivo de analisar e identificar as contribuições do Monsenhor Vieira neste local, e prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta instituição:

Análise de documentos escritos, obras de arte, acervo fotográfico, atas, livros de tombo, objetos, obras e relatos que tenham ligação com a vida e ações educacionais de Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira para registro no presente trabalho, devidamente citados de suas respectivas fontes.

Informo também que o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Sapucaí, FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO GARCIA COUTINHO - FACIMPA e recebeu aprovação através do Parecer: 6.421.561 de 10 de outubro de 2023.



Pesquisador Responsável

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.

Local, 05/11/2023

Rodrigo Alves de Carvalho

Responsável legal pela instituição

(assinatura /carimbo)

ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

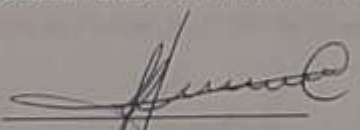
Prezado Sr(a) SAMARA FIORELINI NUNES NASCIMENTO diretor da CRECHE MONS. VIEIRA

Venho por meio deste solicitar a **autorização** desta instituição/organização para realização da pesquisa intitulada "*Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos*", sob minha responsabilidade.

A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação Conhecimento e Sociedade ofertado Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS) nível mestrado com objetivo de analisar e identificar as contribuições do Monsenhor Vieira neste local, e prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta instituição:

Análise de documentos escritos, obras de arte, acervo fotográfico, atas, livros de tombo, objetos, obras e relatos que tenham ligação com a vida e ações educacionais de Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira para registro no presente trabalho, devidamente citados de suas respectivas fontes.

Informo também que o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Sapucaí, FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO GARCIA COUTINHO - FACIMPA e recebeu aprovação através do Parecer: 6.421.561 de 10 de outubro de 2023.



Pesquisador Responsável

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.

Local, 11/10/2024

Sandra B. M. Moreira
Responsável legal pela instituição
(assinatura /carimbo)

Sandra Fiorelini
Coordenadora
Creche Monsenhor Vieira

ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

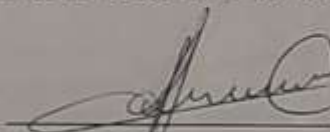
Prezado Sr(a) P. Alexandre Farias Nequeira diretor
da Faculdade de Jacutinga e Memorial

Venho por meio deste solicitar a **autorização** desta instituição/organização para realização da pesquisa intitulada "*Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos*", sob minha responsabilidade.

A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação Conhecimento e Sociedade ofertado Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS) nível mestrado com objetivo de analisar e identificar as contribuições do Monsenhor Vieira neste local, e prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta instituição:

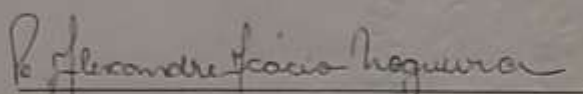
Análise de documentos escritos, obras de arte, acervo fotográfico, atas, livros de tombo, objetos, obras e relatos que tenham ligação com a vida e ações educacionais de Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira para registro no presente trabalho, devidamente citados de suas respectivas fontes.

Informo também que o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Sapucaí, FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO GARCIA COUTINHO - FACIMPA e recebeu aprovação através do Parecer: 6.421.561 de 10 de outubro de 2023.


Pesquisador Responsável

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.

Local, 09/10/2024



Responsável legal pela instituição

(assinatura /carimbo)

ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

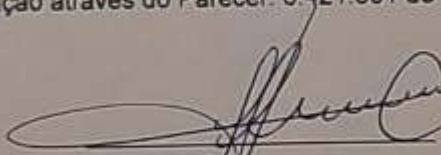
Prezado Sr(a) Elaine Brustina Camilo diretor
da CASA da CRIANÇA

Venho por meio deste solicitar a **autorização** desta instituição/organização para realização da pesquisa intitulada "*Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira e a Educação em Jacutinga MG: um estudo sobre a integração da educação formal, não formal e informal na formação dos indivíduos*", sob minha responsabilidade.

A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação Conhecimento e Sociedade ofertado Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS) nível mestrado com objetivo de analisar e identificar as contribuições do Monsenhor Vieira neste local, e prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta instituição:

Análise de documentos escritos, obras de arte, acervo fotográfico, atas, livros de tombo, objetos, obras e relatos que tenham ligação com a vida e ações educacionais de Monsenhor Sebastião Carvalho Vieira para registro no presente trabalho, devidamente citados de suas respectivas fontes.

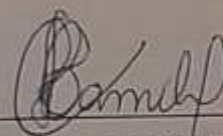
Informo também que o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Sapucaí, FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO GARCIA COUTINHO - FACIMPA e recebeu aprovação através do Parecer: 6.421.561 de 10 de outubro de 2023.



Pesquisador Responsável

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.

Local, 05 / 11 / 20 23



Responsável legal pela instituição
(assinatura /carimbo)

Elaine C. Camilo
Diretora
M - 8.382.385

APÊNDICE – 1

ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

Preparo: Agendar previamente a entrevista e confirmar o agendamento pelo menos 1 hora antes do início. Conscientizar o entrevistado sobre o tempo da entrevista (no máximo uma hora de diálogo); registrar os dados colhidos durante a entrevista ; não esquecer de datar as entrevistas. não esquecer em hipótese alguma da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

1. **Qual o seu nome completo, profissão e idade ?**
2. **Como conheceu o Monsenhor Vieira?**
3. **Como era sua relação de amizade ou proximidade com ele?**
4. **Quais contribuições ele deixou na sua formação como ser humano?**
5. **Além de sacerdote, você o enxergava como um educador, um professor? Em quais aspectos?**
6. **Como ele era na sala de aula como professor do Colégio Normal? (pergunta direcionada a ex-alunos normalistas)**
7. **Como era estudar ou trabalhar na Casa Criança enquanto Monsenhor estava à frente da presidência da AJPC? (Pergunta direcionada a ex-alunos e funcionários da Casa da Criança). Ele era presente, dialogava com as pessoas da casa?**
8. **Quais valores ou contribuições ele deu no seu ministério sacerdotal ou leigo (Pergunta direcionada às lideranças católicas e leigos).**
9. **Você concorda sobre Monsenhor Vieira ser importante para a história de Jacutinga, em especial para a Educação? Por quê?**
10. **Fora da Igreja, da Escola e da AJPC, como ele era na informalidade? Tem algum fato curioso que te marcou envolvendo a pessoa dele que queira compartilhar?**
11. **Para você, qual foi o maior exemplo que Monsenhor Vieira deixou para as gerações atuais e futuras?**
12. **Caso pudesse resumir Monsenhor Vieira em uma palavra, qual seria?**